



Famintos de amor

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 61



Título original: "Hungry For Love"
Copyright: © Cartland Promotions 1976
Tradução: Lygia Junqueira
Copyright para a língua portuguesa: 1983
Ahril S.A. Cultural e Industrial — São Paulo
Composto e impresso em oficinas próprias

— *Conheço um chef melhor do que Carême.*

As palavras do general provocaram um silêncio espantado. Ninguém acreditava que existisse no mundo um cozinheiro capaz de suplantar o famoso chef do príncipe regente. Mais perplexos todos ficariam se soubessem que, não só existia, como era uma mulher, e inglesa! Mas isso o general não podia contar. Araminta só tinha resolvido cozinhar na casa de um nobre para ajudar o irmão a pagar uma dívida de jogo ao marquês de Wayne. Quem a empregasse nunca poderia vê-la e devia pensar que era um homem. O plano era arriscado, mas teria dado certo, e não atraísse o interesse do patrão errado: o próprio marquês!

CAPÍTULO I

1871

- Harry, como é que pôde fazer semelhante loucura?
- Tem razão, Araminta, não tenho desculpa, a não ser por estar um pouco “alto”!
- Justamente agora, quando estamos em tão grande dificuldade financeira!
- Sei disso — concordou *sir* Harry Sinclair, desesperado.

Era um rapaz de vinte e um anos, muito bonito e elegante. Vestido na última moda, com pantalonas amarelas justas, as preferidas dos almofadinhas e dos elegantes de St. James, com seu fraque perfeito, sem uma ruga, as pontas do colarinho duro acima do queixo quadrado, ele era uma figura que faria o coração de qualquer mulher bater acelerado.

Mas a expressão de Araminta era de consternação.

- Quanto você... perdeu?
- Seiscentas libras!

Araminta deu um gritinho. Depois, procurando se controlar, foi até a janela e ficou olhando para a rua Bloomsbury.

— Agora compreendo que fui um louco — disse o rapaz. — Mas Wayne estava ganhando o tempo todo. Tinha uma sorte dos diabos e, pela lei das probabilidades, devia perder aquela mão.

Araminta nada disse e o rapaz continuou:

— Ele fica ali sentado, com aquele maldito ar superior, como se o fato de ganhar em nada o perturbasse. Há qualquer coisa nele que me irrita.

— De quem está falando?

— Do marquês de Wayne. Creio que você não ouviu falar nele, mas é o rei da moda. Os elegantes copiam suas gravatas e os almofadinhas procuram imitá-lo em tudo.

— Parece que não gosta dele.

— Eu o odeio! Como já disse, ele me irrita. Entra no Clube White como se fosse o dono, embora haja sócios muito mais importantes.

— Não posso imaginar quanto ele o perturba, Harry, a ponto de você desafiá-lo para um jogo de cartas.

— Agora sei que foi loucura. Wayne sempre ganha. Já acham graça disso, no clube. Mas havia qualquer coisa no jeito com que me olhou, quando sentei à mesa de jogo...

— Explique o que quer dizer com isso.

— Oh, creio que foi tolice de minha parte, mas ele me fez sentir como um caipira, um principiante... o que na realidade sou! — Harry engasgou. — Eu queria me impor, e veja em que embrulhada me meti!

— Não apenas você — disse Araminta, serenamente.

O irmão se atirou numa poltrona e cobriu o rosto com as mãos.

— Ajude-me, Araminta! Você tem toda razão de ficar zangada, mas, pelo amor de

Deus, me ajude!

O tom súplice amoleceu o coração dela. Nunca podia resistir ao irmão.

Correu para ele e ajoelhou-se a seu lado.

— Está certo, Harry — disse, como se consolasse uma criança. — Juntos, resolveremos isso. Você sabe que pode contar com a família.

— Mamãe... — disse Harry, descobrindo o rosto.

— Sim, eu sei, mas nada lhe diremos. Pelo menos, enquanto não for necessário.

Fez uma pausa e continuou:

— De quanto tempo dispomos para... arranjar o dinheiro?

A voz de Harry pareceu ficar estrangulada na garganta. Finalmente, respondeu:

— Duas semanas.

— Oh, não! É impossível! Como é que poderemos arranjar tanto dinheiro em tão pouco tempo?

Seus olhares se encontraram, calculando... Ambos conheciam a situação financeira da família.

Quando o pai, *sir* Gilbert Sinclair, morreu de ferimentos recebidos em Waterloo, tinham descoberto que estavam cheios de dívidas.

O avô, o segundo baronete, era um jogador inveterado que acabara com a fortuna da família e tinha deixado ao filho mais velho uma mansão dilapidada e alguns acres de terra perto de Ampthill, em Bedfordshire.

Felizmente, *lady* Sinclair recebia uma mesada do pai.

Ele desaprovou o casamento e se recusou a fazer uma doação em dinheiro à filha.

— Para impedir que seu marido faça o diabo com o meu dinheiro, você receberá determinada quantia a cada trimestre — disse ele. — E não lhe darei um níquel a mais, nem mesmo que esteja morrendo de fome!

Foi a pequena renda de *lady* Sinclair que permitiu que vivessem modestamente, mas em relativo conforto, em Bedfordshire.

Era um condado pobre e não havia muito em que gastar, nem mesmo para um homem de posição.

Mas *sir* Gilbert e a mulher eram muito felizes juntos e contentavam-se perfeitamente com a vida despretensiosa dos vizinhos; não sentiam falta das extravagâncias e do luxo de Londres.

Harry era diferente. Era jovem e achava a vida em Bedfordshire muito monótona e os cavalos do pai, lentos demais para o seu gosto.

No princípio do ano, tinha se instalado em Londres, em alojamentos que, conforme disse à família, eram “satisfatórios”.

Devido à proteção do duque de Bedford, foi aceito como sócio do Clube White. Refletindo agora sobre isso, Araminta achou que tinha sido a perdição de Harry.

O White era o clube mais fechado e mais elegante de Londres. Não apenas o reduto de todos os rapazes elegantes, como também dos políticos, dos estadistas e do próprio regente.

Em uma de suas cartas à família, Harry escreveu:

“O duque de Wellington só ficou sócio em 1812, de modo que não sou um sócio assim tão novo, exceto, naturalmente, no tocante à idade.”

Situado em St. James, o White tinha, entre seus sócios, os membros do *beau monde*, assim como lorde Alvanley e também, até ele ser obrigado a sair da Inglaterra no ano anterior devido às dívidas, Beau Brummell.

Charles James Fox, cujos discursos na Câmara dos Comuns atraíam mais gente do que os de qualquer outro orador, era sócio.

Assim como *sir* Robert Peel, que estava organizando uma Força Policial em Londres, e o sexto conde de Shaftesbury, que vivia reclamando da iniquidade dos bordéis.

Para dizer a verdade, no White se encontravam todos os tipos e personalidades que tornavam a sociedade de Londres a mais brilhante e a mais invejada da Europa. Mas era também lá que havia o jogo mais desenfreado, onde fortunas mudavam de mãos todas as noites.

Harry ficou profundamente grato ao duque de Bedford por apresentá-lo naquele paraíso dos cavalheiros. Mas Araminta não podia deixar de pensar que teria sido melhor se o irmão tivesse sido obrigado a esperar, até se firmar em Londres.

— Seiscentas libras! — disse ela. — Sobrou alguma coisa de sua mesada?

Resolveram, por ocasião da morte do pai, dividir a renda que a mãe recebia todos os trimestres. Harry ficava com a metade. A outra metade, com muita economia e cortes na despesa, era apenas o suficiente para *lady* Sinclair viver com as duas filhas.

Mas aquele ano havia o problema do *début* de Araminta.

Devia, na realidade, ter acontecido no ano anterior, quando a jovem fez dezoito anos, mas, como estavam de luto fechado, tiveram que adiar qualquer tipo de celebração.

Araminta estava agora com quase dezenove e conformada em comparecer apenas às poucas festividades que havia em Bedfordshire.

Inesperadamente, a duquesa de Bedford, amiga de *lady* Sinclair, disse que o duque estava disposto a lhes oferecer uma casa mobiliada durante a estação, para que Araminta pudesse fazer seu *début* na capital.

O convite as apanhou de surpresa, mas nem se podia pensar em recusar tão generoso oferecimento. *Lady* Sinclair, encantada, contou à filha:

— A duquesa disse, meu bem, que a apresentará ao Almack's e, sob o patrocínio do grupo do duque, tenho certeza de que todas as anfitriãs elegantes a convidarão para seus bailes.

Pela primeira vez na vida, Araminta e a irmã mais nova, Caro, iam deixar a quietude de Bedfordshire.

Woburn Abbey ficava à pequena distância da casa delas, mas, na realidade, tinham encontrado o duque e a duquesa poucas vezes, porque passavam a maior parte do tempo em Londres.

— É muito bom termos o oferecimento de uma casa, mamãe, mas você sabe muito bem que não posso me apresentar em Londres usando os vestidos que eu mesma fiz. Ririam de mim e provavelmente me chamariam de caipira, ou coisa semelhante.

— Talvez você se admire, mas também pensei nisso. Embora nunca lhe tenhamos

contado, querida, durante anos seu pai e eu economizamos algum dinheiro para o seu *début* e para o seu casamento.

— Economizaram?

— Foi difícil, porque, como você sabe, tenho muito pouco dinheiro. Às vezes, vendíamos frutas de nosso pomar e, uma vez, quando seu pai teve sorte nas corridas, guardamos a metade do lucro.

Os olhos de *lady* Sinclair se umedeceram, quando ela falou no marido. Mas, corajosamente, continuou:

— Houve outras ocasiões, também, e assim guardamos uma quantidade que não apenas dará para os seus vestidos, Araminta, como para recebermos um pouco, na casa que nos emprestarem.

— Mal posso acreditar, mamãe.

— Não sou tão avoada como você e Harry pensam!

Era verdade que, embora amassem a mãe, os filhos às vezes a achavam um tanto avoada. *Lady* Sinclair tinha dificuldade em lembrar os compromissos ou os nomes dos vizinhos, a não ser que os conhecesse muito bem. Chegava invariavelmente atrasada às refeições, porque, ou estava entretida pintando uma das aquarelas, que tanto encantavam o marido, ou começava a colher flores justamente na hora em que devia voltar para casa.

De certo modo, era como uma criança que corre atrás de todas as borboletas coloridas. Mas, como sua felicidade se centralizava no lar, os filhos procuravam protegê-la de tudo que era feio e desagradável e, sempre, das dificuldades financeiras.

Araminta ficou, portanto, atônita, ao ver que sua mãe não só tinha sido previdente, mas também capaz de um esforço contínuo, durante anos, guardando dinheiro para seu *début*.

Mais admirada ainda ficou, quando soube que era a quantia inacreditável de cento e dez libras!

— Acha que é suficiente, querida? — perguntou *lady* Sinclair, ansiosa.

— Sim, é claro, mamãe! Mas não devo gastar tudo comigo. Temos que pensar em Caro! Ela já está com dezessete anos e talvez no ano que vem a duquesa se lembre de que é a vez de ela ir para Londres.

— Você é um amor e muito querida, mas tenho esperança de que arranje um marido em Londres.

Araminta pareceu assustada.

— Sim, é verdade. Então, eu poderia ajudar Caro. Ela é muito bonita e merece uma oportunidade.

— Vocês duas são muito bonitas. E seu pai e eu sempre lamentamos viver em Bedfordshire, porque é um condado muito monótono.

Mas, devido à bondade do duque, elas se viram instaladas numa casa agradável em Russell Square, que ele costumava emprestar aos parentes, quando vinham a Londres.

Tenho exatamente dois meses, pensou Araminta, quando chegaram, no dia 8 de abril.

Dois meses, não apenas para se divertir, como também para lembrar que cada

debutante esperava receber um pedido de casamento de um pretendente rico!

Mas agora, apenas dois dias depois de chegarem, compreendia que todos os seus planos tinham ido por água abaixo. Quando Harry desceu para o café da manhã, ela não sabia que alguma coisa estava errada. Ele parecia cansado, mas isso, na opinião dela, era devido ao fato de dormir sempre tarde, bebendo muito vinho.

Era de se esperar que Harry quisesse viver a mesma vida dos rapazes de sua idade.

Araminta olhou-o, apreensiva, quando viu que, em vez de pegar a xícara de café que ela lhe oferecia, o irmão se dirigiu para o aparador, servindo-se de conhaque.

Nada disse, entretanto, porque agora Harry era o chefe da família e dono de si; se quisesse tomar conhaque de manhã, não competia a ela criticá-lo.

Ao mesmo tempo, sentia que alguma coisa estava errada e, apreensiva, ficou imaginando o que poderia ser.

Harry tinha dormido ali naquela noite e na noite da chegada da mãe e das irmãs, para ajudá-las a se instalar na casa e também por saber que isso daria grande prazer à mãe.

Naquele dia, ia voltar para seu alojamento, onde podia não somente gozar de independência, como valer-se dos serviços do excelente criado que tinha tomado.

Assim que *lady* Sinclair saiu da sala, Harry contou à irmã seus problemas.

— Seiscentas libras! — ela repetiu, perplexa.

— Estive pensando que, se eu dispensar meu criado e desistir de meus alojamentos, economizarei algum dinheiro.

— Perguntei quanto sobrou de sua mesada.

Houve uma pausa e depois Harry disse, na defensiva:

— Não sobrou nada deste trimestre.

— Oh, Harry!

Araminta mordeu o lábio, para não continuar. Não adianta ficar zangada, pensou. Se foi gasto, foi gasto. As recriminações não fariam o dinheiro voltar.

— Posso arranjar algum dinheiro vendendo meus cavalos.

— Seus cavalos?

— É por isso que estou em dificuldade, Araminta. Tive oportunidade de comprar dois animais realmente bons. Pertenciam a um conhecido que ia para o exterior. Ele os vendeu barato. — Fez uma pausa e acrescentou: — Conseguirei mais do que paguei por eles.

— Quanto é que pode conseguir, ao todo?

— Passei a noite inteira acordado, fazendo contas. Acho que, com a venda dos cavalos, do relógio de papai, das abotoaduras e do alfinete de gravata que mamãe me deu antes de eu vir para Londres, poderei levantar umas duzentas e cinquenta libras.

— Não deve contar à mamãe — disse Araminta, vivamente. — Não, a respeito do alfinete, nem do relógio de papai.

— Não, claro que não!

— Isso é quase a metade. E há as cento e dez libras que mamãe economizou para os meus vestidos.

— Mas, Araminta, não posso aceitar o seu dinheiro!

Ela deu uma risadinha que era quase um soluço.

— Não espera que eu dance alegremente no Almack's, se você estiver definhando numa prisão!

— Não chegará a isso. Pelo menos, acho que não.

Havia um tom de dúvida na voz dele.

— Quer dizer que o marquês não o processará, Harry, se não saldar sua dívida para com ele?

— Seria um fato sem precedente, de um cavalheiro para com outro. Ao mesmo tempo, você sabe tão bem como eu que uma dívida de jogo é uma dívida de honra. Se não a saldar, serei obrigado a sair do White, desmoralizado, e duvido que qualquer dos sócios do clube me dirija a palavra depois.

— Isso não pode acontecer.

— Não sei como evitar. — De novo, escondeu o rosto nas mãos. — Oh, meu Deus! Araminta, como é que pude ser tão idiota? Como pude fazer toda essa confusão?

— Suponho que se você pedisse ao marquês... se lhe contasse as circunstâncias...

— Pedir ao marquês de Wayne? Seria o mesmo que pedir ao Rochedo de Gibraltar! Ele é duro como pedra, sem um pinga de bondade. Pode ser admirado por sua aparência, suas posses e suas realizações, mas não creio que haja em Londres uma pessoa que goste dele.

— Mas, por quê?

— Só Deus sabe. Há qualquer coisa, nele... seu ar de superioridade. Não sou o único a achá-lo insuportável. Ele age como se todos fossem desprezíveis.

— Então se não podemos apelar para ele, temos que levantar todo o dinheiro que conseguirmos e prometer pagar o resto em prestações.

— Ele não vai gostar.

— Não importa que goste ou não. Trata-se do que lhe pudermos dar. Agora, se tivermos duzentas e cinquenta libras, mais as cento e dez que mamãe economizou e creio que umas trinta ou quarenta que temos no banco, chegaremos quase a quatrocentas.

— Vamos ter que viver até o próximo trimestre!

— Sim, eu sei — respondeu Araminta, infeliz. De repente, ela se contraiu.

— Há o anel de noivado de mamãe!

— Oh, não! Não posso pedir isso!

— Deve valer umas cem libras. Ela sempre fez tudo para conservá-lo, por mais apertados que ela e papai estivessem, porque dá muito valor àquele anel.

— É a última coisa que eu pediria a mamãe.

— Tenho certeza de que ela o daria de boa vontade, para evitar que você ficasse desmoralizado publicamente.

Araminta levantou-se, andando de um lado ao outro, irrequieta.

— Se ao menos tivéssemos mais coisas para vender, se pudéssemos fazer alguma coisa!

— Também estive pensando nisso. É ridículo, Araminta, que a educação que tive não deixe um homem apto a nada mais do que gastar dinheiro. Creio que talvez eu possa

encontrar um emprego cuidando de cavalos, ou dirigindo a carruagem da mala postal.

– Tenho certeza de que isso não daria muito.

– Então, que posso fazer? – perguntou Harry, desesperado.

De repente, ela parou no meio da sala. Estava muito bonita, à luz do sol que entrava pelas janelas. Seus cabelos tinham um reflexo dourado. Os olhos cinzentos brilharam, quando exclamou:

– Tive uma idéia! Oh, Harry, tive uma idéia maravilhosa!

O general *sir* Alexander Bracknell estava lendo *The Morning Post* em sua casa, em Half Moon Street, quando o criado de quarto entrou.

– Há uma senhora que deseja vê-lo, *sir*.

O general ergueu os olhos, surpreso.

– Uma senhora?

– Uma jovem senhora, *sir*. Diz que é muito importante o que tem a lhe dizer.

– Neste caso, claro que preciso recebê-la. Faça-a entrar, Hawkins.

O criado saiu e o general largou o jornal e endireitou as lapelas do paletó.

Era conhecido como um dos mais elegantes comandantes do Exército de Wellington, mas era lembrado não tanto por sua inteligência, como por sua popularidade.

Havia dois comandantes do Exército de Wellington admirados e muito queridos pelas tropas. Um era lorde Hill, conhecido como “papai Hill” por aqueles que tinham servido sob seu comando na península; o outro era o general Bracknell, chamado “tio Alex”.

Enquanto esperava pela mulher que vinha visitá-lo, o general achou que provavelmente era a esposa, a viúva ou a mãe de um dos soldados sob seu comando.

Embora a guerra tivesse acabado havia dois anos, quase nunca se passava uma semana sem que alguém viesse lhe pedir auxílio ou, em inúmeros casos, ajuda financeira.

Só as pessoas muito chegadas ao general sabiam que ele não podia se permitir grandes luxos, pelo fato de sua mulher ter ficado louca cinco anos antes. Sua pensão e tudo o que conseguiu guardar durante sua bela carreira no Exército eram gastos para manter *lady* Bracknell e pagar os médicos que, infelizmente, não podiam curá-la.

Foi, portanto, com certa apreensão que esperou a visitante, achando uma pena que ela tivesse chegado tão cedo, pois, do contrário, ele já teria saído de casa para seu invariável passeio por Hyde Park.

A porta se abriu.

– A srta. Araminta Sinclair, *sir*!

Araminta ficou sorrindo, à porta, depois se dirigiu para o general, de mãos estendidas.

Estava muito bonita com um chapéu de copa alta, amarrado sob o queixo, mas o general tinha bastante conhecimento da sociedade para perceber que, embora a jovem fosse encantadora, tanto o vestido quanto o chapéu eram muito provincianos.

– Minha querida! Que prazer!

– Eu estava com tanto medo de não encontrá-lo em casa! Oh, tio Alex, preciso

muito falar com o senhor!

— Harry me contou que vocês vinham para Londres e eu pretendia ter o prazer de visitar sua mãe, hoje à tarde.

— Ela vai ficar encantada, mas eu precisava vê-lo a sós.

O general levou-a para um sofá velho, mas confortável, perto da lareira.

— Qual é o problema?

Araminta hesitou um momento.

— Sempre achamos, tio Alex, que o senhor conhece todo mundo, na sociedade elegante.

— Todos são muito amáveis comigo: creio que posso dizer, sem me gabar, que sou convidado a todas as casas elegantes e a quase todas as recepções. — Deu uma risadinha modesta e continuou: — Na minha idade, sendo aposentado e sem família, tenho muito pouco a fazer, a não ser ir ao meu clube.

— Que é o White!

— Sim, o White. E estou muito contente por Harry ter sido aceito como sócio. O duque de Bedford fez a proposta e eu também a assinei. Depois disso, não havia hipótese de ele não ser aceito.

— E Harry ficou excitado e contente. Por outro lado, tio Alex, é por causa do White que ele está em apuros.

— Jogo?

— Infelizmente, sim.

No rosto do general surgiu uma expressão que Araminta não entendeu, a princípio. Depois, ela deixou escapar um gritinho:

— Oh, não, tio Alex! Não, eu não estava pensando nisso. Sabe que nunca lhe pediríamos dinheiro, acontecesse o que acontecesse! Precisamos de sua ajuda para uma coisa muito diferente.

Percebeu que o general relaxou.

— Se há alguma coisa que eu possa fazer, Araminta, sabe que estou às ordens.

— Eu sabia que podia contar com o senhor. Quando papai morreu, foi maravilhoso conosco e acho que ele o adorava. Sempre dizia que as tropas o seguiriam até o inferno, tio Alex, e tenho certeza de que é verdade.

— Você me constrange, querida. Mas eu gostava muito de seu pai e quero muito bem a você e a Caro. Mas fale-me sobre Harry.

— Ele perdeu uma grande quantia, e temos muito pouco tempo para arranjar essa soma. Mas, tio Alex, tive uma idéia!

O general nada disse, mas fitava a moça, atento.

— O senhor sempre se hospedou conosco em Bedfordshire — continuou Araminta.

— Qual a coisa de que mais se lembra em nossa casa?

Ele sorriu.

— Isso é fácil de responder. Seu pai sempre ofereceu aos hóspedes uma comida excepcional. As refeições maravilhosas com que me regalei em sua casa jamais serão esquecidas.

— Era isso que eu esperava ouvir. E sabe quem cozinhou, depois que o pobre Bouvais morreu?

— Sempre desconfiei de que fosse você.

— E era! Papai fez Bouvais me ensinar tudo que sabia. Papai sempre dizia que nunca mais poderia se dar ao luxo de ter um *chef* francês, mas que não ia comer aquela “lavagem para porcos” que era servida na maioria das casas inglesas.

— Seu pai foi um grande epicurista! Sempre achei que era uma pena ele não poder receber em larga escala.

— Talvez fosse melhor assim. Senão teríamos todos ficado muito gordos. Sempre gostou de nossa comida, quando ia nos visitar?

— Sempre achei excelente. Seu pai era um homem de sorte por ter uma filha tão prendada.

— É o meu único dom. E, no momento, acho que é a única coisa negociável.

O general fitou-a, admirado. Ela continuou:

— Papai costumava dizer que as pessoas muito ricas podiam ter *chefs* franceses.

— É verdade. Mas, primeiro durante a Revolução, e depois nas guerras napoleônicas, houve um êxodo dos grandes cozinheiros franceses, que deixaram a França, por não terem mais casas nobres para trabalhar.

— E papai dizia também que havia uma grande competição, em Londres, em relação a esses cozinheiros franceses.

— Tem razão. Naturalmente, muitos dos que vieram para cá não queriam trabalhar para particulares e abriram restaurantes, ou estão trabalhando em clubes. O *Reform*, por exemplo, é famoso por sua cozinha.

— Mas ainda há procura para um cozinheiro realmente de primeira classe?

— Sempre há. O maior *chef* de todos, Antoine Carême, está agora trabalhando para o príncipe regente. A comida que serve é fantástica, mas não melhor do que a sua, querida. Araminta bateu palmas.

— Tio Alex, está dizendo exatamente o que eu queria ouvir! Fiz bem em vir procurá-lo.

— Pode ser que eu não seja muito esperto, não tenho a mínima idéia do que está dizendo!

— Quero que me recomende a alguns de seus amigos elegantes... como cozinheira!

— Deve estar louca!

— Não, não, estou sendo muito sensata! Se juntarmos todo o dinheiro de que dispomos e até mesmo, se necessário, se vendermos o anel de noivado de mamãe, ainda vamos precisar de cem libras para pagar a dívida de Harry! Estou certa de que posso ganhar isso cozinhando.

— É uma idéia inteligente, mas está realmente sugerindo ir trabalhar como criada na cozinha de algum nobre?

— Não numa base permanente. Talvez, dando um jantar grande em cada casa. Papai muitas vezes me disse que uma refeição num restaurante de alta classe custa um dinheirão. Eu estive pensando em cobrar... cinco libras por jantar.

A moça olhou para o general, temendo que ele ficasse horrorizado com o preço.

— É, certamente, uma idéia — disse ele, lentamente, dali a um momento. — E você cozinha tão bem, senão melhor, do que qualquer dos *chefs* sobre os quais os patrões se gabam tanto!

— Então, me ajude, tio Alex. Por favor, me ajude! Não pode dizer a seus amigos do White que conhece um *chef* de primeira classe que pode fazer, na casa deles, um jantar igual a qualquer um que tenham saboreado no continente?

A moça olhava para o general com ar súplice.

— Talvez seja possível eu conseguir em pouco tempo o dinheiro que falta para pagar a dívida de Harry.

Ele estava refletindo. Seus antigos subordinados teriam percebido, pela contração das sobrancelhas e por seu jeito de adiantar o lábio inferior, que dava toda a sua atenção ao problema.

Alguém, não lembrava quem, tinha dito no White, na semana anterior, que era a cozinha francesa que estava salvando o país da ruína financeira.

— Que quer dizer com isso? — resmungou um nobre.

— Pelo tratado assinado em novembro de 1815, a França é obrigada a pagar uma indenização de setecentos milhões de francos em três anos.

— Todos nós sabemos disso!

— Graças à gulodice dos ingleses, que vão aos bandos para a França para satisfazer o estômago, a cozinha francesa se tornou um dos recursos financeiros do país.

O general não tinha prestado muita atenção à conversa, mas agora achava que, nos últimos anos, uma boa comida tinha passado a ser muito mais apreciada na Inglaterra.

Não havia dúvida de que, nas casas dos aristocratas para as quais era freqüentemente convidado, a cozinha francesa tinha revolucionado a simplicidade da pesada comida inglesa.

As grandes peças de carne tradicionais tinham sido transformadas em *quenelles*, cortadas em *tournedos*, reduzidas a recheios para *vol-au-vents*, disfarçadas por molhos suculentos. Os pudins tinham se transformado em *soufflés* levíssimos; o açúcar, manipulado em confeitos com formato de flores, castelos ou animais.

Carne, caça e peixe, era tudo preparado com molhos apropriados, feitos por peritos inspirados que acreditavam que cozinhar era uma arte, não apenas uma necessidade.

E esses peritos, os *chefs* treinados na França, eram, sem dúvida, difíceis de encontrar.

— Vai me ajudar, tio Alex? — perguntou Araminta, interrompendo os pensamentos do general.

Como ele não respondesse, ela insistiu:

— Sabe que não tenho mais ninguém a quem recorrer. Papai tinha muita confiança no senhor. O dinheiro que mamãe recebe é pago de três em três meses. Não há a menor chance de podermos mexer no capital.

— Sim, sei disso.

— Então, a única solução é eu ganhar dinheiro o mais depressa possível,

cozinhando.

– Vejo muitas dificuldades nisso.

Araminta percebeu, então, que ele a ajudaria.

– Oh, tio Alex, eu o amo!

Impulsivamente, beijou o rosto do general.

O Clube White estava cheio de homens de copo na mão, conversando sobre os acontecimentos do dia.

Quando entrou na famosa saleta, o general achou que conhecia todos os presentes.

A saleta tinha sido reformada seis anos antes, tendo então sido construída mais uma janela, que ficou tão famosa como a antiga sacada.

Na realidade, foi o famoso Beau Brummell que a transformou num “santuário” de um elegante grupo seleta.

Seria mais fácil para um sócio comum se apropriar da cadeira de um bispo, numa catedral, do que de uma das cadeiras da famosa sacada.

Os que ali se instalavam, de frente para St. Jame’s Street, intrigavam os transeuntes, enquanto comentavam livremente os acontecimentos e os escândalos de Londres.

Nenhum dos irmãos do regente tinha conseguido se impor no ultra-exclusivo mundo da moda: o duque de Cumberland, porque era um salafrário, e o duque de York, por ser um maçante.

Mas Beau Brummell sempre podia ser encontrado na sacada, ao lado de seus amigos particulares, os duques de Argyle, de Dorset e de Rutland, os lordes Sefton, Alvanley e Plymouth.

Sempre que entrava na saleta, o general esperava ver Beau Brummell sentado em sua cadeira particular, arruinando a reputação de alguém com sua espirituosa ironia.

Parecia impossível acreditar que ele agora estivesse mofando em Calais, pobre e solitário!

Mas seus amigos estavam nos lugares habituais. Olhando à volta, fazendo seu plano de campanha, o general escolheu o terreno de ação com o cuidado que tinha feito dele um grande comandante.

Todos o saudaram amistosamente.

– Olá, tio Alex!

Era tão popular entre os sócios mais velhos como entre os almofadinhas, que o cumprimentaram mais respeitosamente: – Boa-tarde, general.

Pelas costas, eles também o chamavam de tio Alex, e o general sentia prazer nisso.

Um apelido significava muita coisa no esnobe mundo social, onde um homem era aceito porque gostavam dele e não apenas porque tinha sangue azul e uma árvore genealógica que datava de muitos séculos.

O general ouviu lorde Sefton perguntar a lorde Alvanley:

– Onde é que você esteve, ontem à noite?

Alvanley era conhecido como *gourmet*, além de um homem espirituoso. Em certa

ocasião, os sócios de White tinham oferecido um jantar para quem apresentasse o prato mais caro. Lorde Albanley ganhou, servindo uma entrada feita com os corações de trezentas aves. Havia treze qualidades: cem de narcejas, vinte de faisões e assim por diante.

O jantar custou cento e oito libras e cinco *shillings*!

— Estive em Carlton House.

— Sujeito de sorte! — comentou Sefton. — Pois eu jantei no palácio. Uma noite horrível! A comida era a de se esperar de uma estalagem de segunda classe!

— Antes de ficar louco, o rei já apreciava a boa mesa — observou Albanley. — Mas Carême estava nos seus melhores dias! Desde que esse *chef* veio para Londres, garanto que o regente ganhou vários quilos!

Esperava por uma oportunidade dessas e entrou na conversa.

— Acho Carême um bom cozinheiro — disse ele, em voz retumbante, como a que usava no campo de batalha. — Mas conheço um *chef* melhor do que ele.

— Melhor do que Carême? — perguntou lorde Albanley. Falou em voz alta e muitos dos homens à volta deixaram de beber para prestar atenção.

— Sim, de fato. Mas o *chef* a que me refiro é caro demais para vocês, meus jovens. Se eu pudesse pagar os preços dele, desafiaria qualquer um a apresentar uma refeição melhor, neste lado do canal!

— Melhor do que Carême? — repetiu Albanley, como se não tivesse ouvido direito.

— O regente teria um ataque, se soubesse que você está fazendo pouco de seu precioso cozinheiro!

— Não duvido, mas fatos são fatos e garanto que, embora Carême saiba apresentar uma refeição excelente, encontrou um concorrente superior!

— Não acredito — disse lorde Sefton. — Onde está esse fenômeno? Faça com que provemos sua comida e possamos julgar se é mesmo verdade.

— Gostaria de poder convidá-los para jantar, e assim provar o meu ponto de vista. Mas, como já disse, o meu “fenômeno” cobra caro!

— Então, ouça o que vamos fazer — propôs lorde Albanley. — Um de nós dá um jantar feito por seu protegido e, no fim, procedemos a uma votação para ver se tem ou não razão, tio Alex.

— Podem ficar certos de que farei uma aposta — declarou lorde Sefton.

— E eu também — disse lorde Plymouth, que estava atento à conversa.

— A questão é: quem dá o jantar? — perguntou Albanley, em tom convidativo.

O general sabia que ele não tinha condições de fazer isso. Sendo um jogador inveterado, estava muito endividado. Já havia gasto cinquenta mil libras de sua herança, e grande parte desse dinheiro tinha desaparecido nas mesas de pano verde do andar de cima.

— Eu darei o jantar! — disse uma voz, atrás do general. O velho virou-se e teve um sobressalto.

Quem falou foi o marquês de Wayne, que o general nem mesmo sabia que estava na sala!

Araminta finalmente lhe tinha confiado o nome do credor de Harry, e o general achou que não podia ter havido maior infelicidade.

Wayne tinha uma personalidade estranha, imprevisível. Possuía grandes qualidades e o general sabia que era um ótimo soldado. Mas era também orgulhoso, reservado e, de certo modo, insolentemente crítico em relação aos que o cercavam. Tinha, conforme Harry dizia, um ar de superioridade que muitos consideravam intolerável.

Nunca se ouviu falar de ele ter feito uma boa ação, embora, tampouco, jamais tivesse cometido um ato desonesto.

Era um homem duro. O general não gostava dele, apesar de achar que não era justo julgar um homem por seu grau de popularidade.

Se dependesse do general, a lista de convidados para o jantar preparado por Araminta certamente não incluiria o marquês de Wayne!

Em primeiro lugar, sabia-se que tinha um *chef* célebre no *beau monde* como sendo de primeira qualidade. Em segundo lugar, raramente participava das inúmeras apostas que estavam sempre sendo feitas no White e que faziam com que o “Livro de Apostas” fosse uma das coisas mais preciosas do clube.

— “Você”, Wayne? Você vai dar o jantar? — espantou-se lorde Albanley. — Mas... por quê? Que aconteceu com Gustave?

— Despedi-o hoje de manhã.

— Despediu-o? Por quê?

— Estava roubando.

— Deus de misericórdia! — exclamou lorde Sefton. — Não posso imaginar Wayne House sem Gustave. Ora, ele estava com você há anos!

— Oito, para ser exato. De um modo geral, é muito ter-se um empregado durante oito anos. Ele tinha ficado preguiçoso, desleixado e também desonesto!

— Você me deixa atônito! — comentou lorde Albanley.

— Ficarei encantado em contratar o seu *chef*, general, se for tão bom como está apregoando!

— Eu disse que é melhor do que Carême e sustento isso!

— Nesse caso, estou disposto a apostar uma grande quantia em que você se engana — disse lorde Sefton.

— Quero deixar bem claro que o meu cozinheiro irá à sua casa por uma noite apenas, ou talvez duas — disse o general ao marquês.

— Vou tomá-lo apenas por uma noite, caso não seja satisfatório como afirma. Digamos, amanhã? Diga-lhe que procure meu secretário de manhã. Só espero que o jantar esteja de acordo com a expectativa.

Virou-se para sair, mas lorde Albanley o chamou:

— Ora, Wayne, não pode ir saindo desse jeito! Não, sem me convidar!

— E a mim também! — protestou lorde Sefton.

— Estão ambos convidados. E, naturalmente, o general e Plymouth.

Saiu sem dizer mais nada, e o general ficou olhando para ele, pensativo. Achou que era justo que o marquês fornecesse um pouco do dinheiro de que Araminta precisava para

saldar a dívida do irmão. Chegava a ser mesmo muito divertido. Virou-se para Alvanley, com um sorriso nos lábios.

— Nunca esperei por essa! — comentou lorde Sefton. — Wayne, despedir Gustave e dar um jantar com um cozinheiro desconhecido, sem nem mesmo pedir referências, nem perguntar quanto vai custar!!

— Por que isso iria preocupar Wayne? Ele está cheio de dinheiro. Eu gostaria de ter um *penny* para cada soberano que ele possui!

— Se você tivesse esse dinheiro, Alvanley, logo o gastaria. — Plymouth riu. — Por falar nisso, tio Alex, quanto é que o seu “astro” cobra?

O general hesitou um minuto.

— Vinte guinéus!

— Vinte guinéus?! — Lorde Alvanley levou um susto. — Deus de piedade, é bem salgado!

— Não exatamente — protestou o general. — Sabe muito bem que vocês, rapazes, não hesitam em gastar dez guinéus com uma das belas prostitutas que *madame* Hayes fornece no Templo de Flora! — Fez uma pausa e acrescentou, matreiro: — E ouvi dizer que as pseudo virgens de *madame* custam vinte guinéus! Tenho certeza de que o maravilhoso jantar que vamos saborear amanhã suplantará qualquer coisa que aquelas “senhoras” possam oferecer.

Alvanley atirou a cabeça para trás e riu.

— Diabo, tio Alex! Seu argumento é irrefutável e não ouse entrar em luta com você!

— Espero que não — respondeu o general, com ar solene. — Creio que será um jantar só de homens.

— Claro, Sefton, seu tolo! Que mulher é capaz de apreciar uma boa mesa?

— Foi por isso que você nunca casou, Alvanley?

— É um dos motivos. O mais importante é que nunca pude me dar ao luxo de sustentar uma esposa, e a comida é uma coisa muito mais satisfatória!

— Os franceses dizem que é a única coisa que a gente pode fazer três vezes ao dia, sem ficar entediado — observou lorde Plymouth.

— Toda essa conversa sobre comida me deixou com fome — declarou lorde Sefton. — Mas pretendo comer pouco, hoje, para me reservar para amanhã. — Sorriu para o general e acrescentou: — Acha que seu *chef* maravilhoso nos apresentará trinta e seis entradas, como Carême fez para o regente, no Pavilhão Real, em Brighton?

— Espero em Deus que não! — disse Alvanley, antes que o general pudesse responder. — Fiquei doente durante uma semana. Parecia que meu estômago ia estourar. Venha, Sefton. Antes que fique bêbado demais para segurar uma caneta, vamos registrar nossas apostas no Livro de Apostas.

Saíram da sala, e o general continuou com um sorriso nos lábios. Tudo estava saindo conforme seus planos. Ao mesmo tempo, não podia deixar de pensar que aquela idéia de Araminta talvez trouxesse complicações, embora parecesse que ela nada tinha a perder. E vinte guinéus não era para desprezar!

Com certeza, ela vai ficar constrangida por trabalhar em casa de Wayne, pensou.

Mas ninguém vai saber quem ela é e não é provável que encontre o marquês.

O general sabia que tinha dado a impressão de que o cozinheiro que sugerira era um homem. Ninguém iria pensar que um *chef* pudesse ser mulher! Cozinheiras eram consideradas inferiores e não tinham muita cotação em Londres.

No campo havia grandes mansões que empregavam cozinheiras que estavam na família há anos e que tinham subido de lavadoras de pratos para ajudantes de cozinha. Mas, em Londres, a alta sociedade contratava *chefs* que, quando não eram franceses, fingiam ser, chegando mesmo a adotar um sotaque.

Pois bem, pelo menos, fiz o que Araminta me pediu, pensou o general, sentando-se em sua cadeira predileta.

Ainda assim, estava preocupado.

CAPÍTULO II

— Como vai indo? — perguntou Caro.

Araminta estava sentada na ponta da mesa cercada de papéis e com um caderno aberto à sua frente. Colocou a caneta no tinteiro, antes de responder:

— Resolvi fazer o jantar para o marquês e seus convidados. O difícil é saber se Hannah e eu vamos encontrar o necessário, em Covent Garden.

— Sempre ouvi dizer que é o melhor mercado do mundo.

— Papai não concordaria com você. Ele achava os mercados franceses superiores.

— Tudo depende do cardápio — observou Caro, sensatamente. Pegou um pedaço de papel e continuou: — Acabo de encontrar isto aqui entre as receitas de papai. Diz que o imperador Napoleão teve, certa vez, um jantar na África, composto de sopa de tartaruga, guaivira, gazela, lombo de javali selvagem, costeletas de antílope, avestruz assada e geléia de romã!

Araminta riu.

— Não estou procurando nada tão exótico. Tem aí todas as receitas de papai?

— Eu as trouxe para Londres, porque achei que, se tivéssemos tempo, poderíamos reuni-las e fazer um livro.

— Caro, que ótima idéia! Talvez até pudéssemos publicar! Como é que não pensei nisso antes?

— Há tempos que venho pensando no assunto, simplesmente porque papai estava sempre fazendo pouco-caso dos livros de Hannah Glasse.

— Ele dizia que o livro dela, *A Arte de Tornar a Comida Simples e Fácil*, era certamente simples e que a maioria dos pratos que ela recomendava podia ser facilmente evitada — disse Araminta, rindo.

— Se você quiser que eu faça os confeitos, acho que o livro *O Confeiteiro Perfeito* é muito útil.

— Você os faz melhor do que eu. Papai sempre dizia que suas cestinhas de açúcar eram as melhores que tinha comido na vida.

Caro ficou vermelha de contentamento.

Era muito bonita, mas de um modo diferente da irmã.

As duas eram loiras, mas Araminta tinha qualquer coisa de espiritual no rostinho oval, ao passo que Caro estava sempre rindo e suas covinhas eram tão encantadoras, como o brilho dos olhos.

Os traços de ambas eram aristocráticos, mas Caro tinha um ar petulante que fazia com que todos sentissem vontade de sorrir com ela. Araminta era muito parecida com a mãe em moça, quando *sir* Gilbert Sinclair se apaixonou à primeira vista.

— É muito importante que o jantar de amanhã seja um sucesso, Caro; do contrário, não conseguirei outro freguês. — Suspirou e acrescentou: — E é a única maneira de arranjarmos dinheiro para... salvar Harry.

— Ainda não posso acreditar como o general conseguiu convencer alguém a pagar

vinte guinéus para uma pessoa preparar um único jantar!

— Também acho incrível. Oh, Caro, imagine se eu fracassar!

— Não há perigo. Você cozinha maravilhosamente e nenhuma das receitas que papai trouxe do exterior pode ser igualada às de nosso país, a não ser, talvez, em Carlton House.

— Acho que escolhi os pratos que faço melhor — disse Araminta, empurrando para o lado a papelada à sua frente. — Mas examine a coleção de papai, caso haja alguma coisa que eu tenha esquecido.

— É o que tenho feito desde que sentamos aqui. A menos que você queira apresentar algo de fantástico, acho que devia fazer os pratos prediletos de papai.

— É exatamente o que pretendo fazer, mas, pelo que diz tio Alex, o *chef* que o marquês despediu era muito bom. Quero surpreender todos eles.

— Que me diz dos pratos que serviam no clube Fogo do Inferno? Papai foi lá, em moço, e há aqui o cardápio de um dos jantares do tal clube.

— Garanto que mamãe ia ficar escandalizada, se soubesse que você ouviu falar de um lugar tão pecaminoso.

— Talvez você prefira um dos pratos romanos — sugeriu Caro, em tom brincalhão.

— Há, por exemplo, o do imperador Heliogábalos, que mandou matar seiscentas avestruzes, para poder comer os miolos!

— Parece horrível e cruel!

— Ele também achava pés de camelo uma verdadeira guloseima.

— Pessoalmente, prefiro ler a respeito dos gregos. Papai me dizia que eles inventaram muitos molhos e eram sábios na arte de cozinhar.

— Sim, lembro-me de ter ouvido isso. E houve um, em Corinto, que fazia enguias, um prato “digno dos deuses”. — Caro fez uma careta. — Não creio que tenha muita vontade de comer enguias marinhas.

— Nem eu. É por isso que o marquês vai ter salmão, amanhã.

— Oh, salmão, não! Você não pode servir um prato tão banal! Papai dizia que, em todos os jantares aos quais era convidado, na Inglaterra, serviam sopa Mulligatawny, salmão e lombo de carneiro!

— Salmão do Tâmesa é o único peixe fresco em que posso ter confiança — declarou Araminta, com firmeza.

Era verdade. As duas sabiam que, com exceção do salmão, até mesmo os peixes trazidos para Londres em carruagens rápidas e especiais chegavam ao mercado não muito frescos. As aves também podiam ser encontradas, mas eram trazidas a pé, devagar, de Norfolk e de Suffolk.

Araminta estava certa de que o sucesso de seu jantar ia depender da qualidade dos produtos. Felizmente Hannah, a velha empregada que estava com a família desde o casamento de *lady* Sinclair, sabia exatamente o que era necessário.

Araminta já lhe havia dito que precisavam levantar cedo, no dia seguinte, para irem ao mercado de Covent Garden.

Hannah ficou horrorizada com a idéia de a moça não apenas se rebaixar a ponto de

cozinhar para fora, como também fazer isso na casa de um homem desconhecido.

— Imagine o que sua mãe vai dizer, quando souber!

— Ela não pode saber! Por favor, Hannah, nem uma palavra, por enquanto! Não adianta aborrecê-la sem necessidade. Sabe como vai ficar preocupada, quando souber que Harry está endividado.

Felizmente, Hannah adorava Harry. Era seu predileto, e ela seria capaz de deitar no chão e deixar que ele a pisasse, se Harry o desejasse. Portanto, estava disposta a ficar calada, a acompanhar Araminta a Covent Garden e a ajudá-la a preparar os pratos que deviam ser levados para a mansão de Wayne.

Araminta discutiu isso com o general, quando, logo depois do almoço, ele veio lhe contar que tinha sido bem-sucedido.

Também ficou sabendo que o homem que ia usar seus serviços era o marquês de Wayne, que lhe pagaria a incrível quantia de vinte guinéus.

Felizmente, *lady* Sinclair estava repousando e as duas irmãs ficaram na sala, de olhos arregalados, ouvindo o general explicar como tinha dirigido a campanha no Clube White.

— Tio Alex, o senhor é um gênio! Mas, vinte guinéus! Tenho vergonha de aceitar tanto dinheiro!

— Você vai ter que ganhá-lo, querida.

— Mas, logo do marquês de Wayne! Suponhamos que ele descubra... quem eu sou?

— É muito importante que ele não saiba. E tenho certeza de que você resolveu não usar seu verdadeiro nome.

— Sim, realmente, achei que devo ser francesa e me chamar *mademoiselle* Bouvais. Bouvais era o nome do nosso querido cozinheiro, que me ensinou tudo que sei.

— Posso lhe dizer que não parece ser francesa?

— É melhor ser srta. Bouvais — sugeriu Caro. — Afinal, num aperto, pode dizer que é filha de pai francês e mãe inglesa.

— Papai sempre dizia que, se a gente for contar uma mentira, é melhor que seja uma boa mentira! E que nunca se deve elaborar muito.

— Então, é melhor que seja srta. Bouvais — concordou o general.

— Tenho esperança de impedir que o marquês saiba que sou mulher, até depois do jantar. Acha isto possível?

— Acha que o fato de saber iria influir na opinião do marquês a respeito de seus dotes culinários?

— O senhor sabe como são os homens — disse Araminta, em tom de desprezo. — Eles nunca reconheceriam que uma mulher cozinha tão bem como um homem. Para dizer a verdade, papai só confessou que eu era uma cozinheira extraordinária porque eu tinha tido um professor extraordinário, o velho Bouvais!

O general riu.

— Acho que as mulheres jamais se igualarão ao macho superior!

— Por que haveriam elas de desejar isso? — perguntou Araminta, sem grande interesse. — Mas, como queremos que o marquês ache que seus vinte guinéus foram bem

empregados, é melhor que pense que sou um substituto masculino para o *chef* que despediu.

Ficou resolvido que o general passaria pela Mansão Wayne, antes de ir para casa. Prometeu procurar o secretário do marquês, o major Brownlow, para avisar que o cozinheiro que ele recomendara só chegaria à tarde.

— Você tem uma chance de escapar de ser vista por ele. O major não circula muito: perdeu uma perna, quando estive na península.

— Oh, coitado!

— Era um valente oficial. Um dos melhores sob meu comando. Sempre fui grato a Wayne por lhe dar emprego: do contrário, ele ia achar a vida muito difícil.

— O que está querendo dizer é que é pouco provável que o major desça até a cozinha para falar comigo.

— Acho que, se for esperta, poderá evitar encontrá-lo; pelo menos, até o jantar ter acabado. Se ele mandar chamá-la, dê a desculpa de que tem medo de que aconteça algum desastre com a comida.

Araminta bateu palmas.

— Tio Alex, o senhor é um intrigante nato! Só espero não envergonhá-lo.

— Você nunca faria isso, querida. E, se essa aventura der certo, terei realmente muito orgulho de você.

— Tem que dar certo! — disse Caro, com firmeza. — Vai ver, tio Alex, que, depois do jantar de amanhã, todo mundo vai querer os serviços de Araminta.

— Espero que sim.

Disse também a Araminta que tinha visto o marquês, antes de sair do White, e que Wayne informou que haveria, no máximo, dez convidados para o jantar.

— Convidei apenas os *gourmets*, general. Você lançou um desafio e estou decidido a ter os melhores juizes.

— Você não me assusta, Wayne: estou pronto a sustentar o que disse.

— Parece muito confiante.

O general teve a impressão de que o outro tinha certeza de que o jantar ia ser um fracasso.

Naturalmente, não contou isso a Araminta, mas agora, ao ver as duas irmãs sentadas a seu lado, ficou imaginando se a batalha já não estava perdida.

Lembrou-se depois da comida deliciosa que tinha saboreado em Bedfordshire e pensou que, se Araminta ainda cozinhasse tão bem como naquele tempo, nada de mal aconteceria.

Apesar disso, ainda estava preocupado, quando saiu de Russell Square.

Caro examinava os papéis do pai. *Sir* Gilbert Sinclair tinha viajado muito, antes de casar, e durante a guerra esteve na Itália, na França, na Espanha, em Portugal e, finalmente, em Bruxelas. Qualquer prato que lhe agradasse era meticulosamente anotado e a receita acrescentada à sua coleção.

— Aqui está uma boa! — disse Caro. — Por que não a experimenta? “O Escudo de Minerva”. Foi inventada por Vitélio, um grande gastrônomo romano. Consta de uma mistura de fígado de papagaio, miolo de pavão e de faisão, língua de flamingo e entranhas de lampreias!

As duas caíram na gargalhada. Nesse momento, a porta se abriu e Harry entrou.

O general já lhe tinha dito que conseguira encontrar um anfitrião para o jantar que seria feito por Araminta, e Harry manifestou seu desagrado ao saber que a irmã ia cozinhar em casa do marquês de Wayne.

— Eu não podia recusar o oferecimento dele, Harry — observou o general.

— Sei disso, mas, se ficarem sabendo que encorajei minha irmã a trabalhar para ganhar dinheiro a fim de pagar minhas dívidas, nunca mais poderei andar de cabeça erguida.

— Prometo que ninguém saberá.

Mas o rapaz não estava convencido e agora, ao entrar na sala, ela gelou ao ver-lhe a expressão.

— Que aconteceu?

Harry sentou-se numa cadeira à mesa.

— Acabo de sair do White.

As duas moças ficaram à espera, e ele continuou:

— Estão fazendo apostas a respeito do jantar. Pelo que deduzi, se o de amanhã for um sucesso, o marquês pretende dar outro no dia seguinte.

Por um momento, Araminta pareceu consternada.

— Seriam quarenta e duas libras! Harry, pense nisso!

O irmão gemeu.

— Sei que é muito dinheiro, mas não tenho o direito de permitir que você faça isso.

— Ninguém vai descobrir. E, se tivéssemos mais tempo, eu poderia ganhar o suficiente para não precisar pedir o anel de noivado de mamãe.

— Talvez eu pudesse apostar em você — insinuou Harry.

— Não se atreva! Você prometeu nunca mais jogar. Se quebrar a promessa, nunca o perdoarei, nunca!

— Está certo, Araminta. Dei-lhe minha palavra e juro que a cumprirei. Sou muito grato a você, sou mesmo! Mas é que estou muito preocupado.

— Todos nós estamos — disse Caro. — Mas não posso deixar de pensar que, se fosse vivo, papai ia achar tudo isso muito divertido.

Na manhã seguinte, Araminta achou que o pai não apenas teria achado divertido, como teria ficado interessado pelas coisas que ela encontrou no mercado.

Era sabido que, como o mercado era careiro, as pessoas em geral compravam os gêneros nas bancas e nas barracas.

Araminta e Hannah foram primeiro ao mercado de carnes e aves, em Newgate.

Calculava-se que no fim do último século mais de cem mil cabeças de gado

chegavam aos mercados de Londres, pelas estradas.

Araminta nunca tinha visto tanta carne de vaca, de carneiro, de vitela, de veado, nem tantos coelhos, galinhas, patos e gansos.

Hesitou entre uns perus gordos e umas galinhas-d'angola novas e macias, mas a receita que ia usar para um dos pratos consistia de pombos recheados com patê de fígado, castanhas e azeitonas, e resolveu que era isso mesmo que ia fazer.

Havia também cisnes, um prato exótico que muita gente considerava uma verdadeira guloseima. Mas em geral tinha carne dura. Achou que talvez o marquês não gostasse.

Resolveu ficar mesmo com peixes e aves, mas ia prepará-los à moda francesa, tornando-os tão deliciosos como a maioria dos ingleses jamais tinha tido oportunidade de saborear.

Havia muita variedade no mercado de Newgate, mas as pilhas de frutas e de verduras de Covent tinham muito mais colorido.

Enquanto Araminta olhava para tudo de olhos arregalados, Hannah fungava, desanimada. Desde sua chegada a Londres, ela reclamava da comida.

As verduras cultivadas nas vizinhanças da cidade estavam, na opinião de Hannah, impregnadas de fumaça da atmosfera e tinham um gosto desagradável. Mas os aspargos pareciam livres disso e eram tão baratos e em tão grande quantidade que estava disposta a deixar que Araminta os comprasse.

Alguém lhe tinha dito que as vacas da cidade viviam em péssimas condições, no meio da sujeira, e a velha se recusava a comprar leite das vendedoras que carregavam latas na cabeça, vendendo-o de porta em porta.

Apesar disso, os molhos que Araminta ia fazer exigiam creme de leite. Finalmente, acharam um vendedor que jurou que o creme vinha diretamente de uma fazenda.

Compraram também a melhor manteiga que encontraram e ovos que o vendedor garantiu que haviam sido postos na véspera.

— O marquês provavelmente recebe todas essas coisas de sua propriedade no campo — disse Hannah.

— Não posso me arriscar a ficar sem ovos e sem creme. Vou também precisar de um litro e meio de sidra.

Havia uma grande variedade de queijos, e Araminta teve dificuldade em escolher entre o Cheshire, o Gloucester, o Wiltshire, o Cheddar e o Stilton.

No mercado de Leadenhall, compraram o salmão que a moça queria; segundo o vendedor, pescara-o no rio aquela manhã.

Também comprou camarões, mexilhões e ostras, dos quais ia precisar para os molhos.

Foram para casa num carro de aluguel, repleto de compras. Assim que chegaram, Araminta e Hannah começaram a trabalhar.

Foi sorte *lady* Sinclair, que estava cansada da viagem, ter resolvido passar o dia na cama. Assim, não ficaria sabendo o que acontecia na cozinha.

Araminta e Hannah tinham resolvido preparar em casa tudo que fosse possível.

Isso significava que os pratos teriam apenas que ser aquecidos e decorados na casa do marquês. E havia também os molhos que só ela sabia fazer.

Caro ficou fazendo os confeitos, enquanto as outras duas saíram para o mercado. Ninguém os fazia melhor do que ela. Eram de açúcar, de vários modelos, um complemento artístico para um jantar fino.

Sir Gilbert achava divertido descrever para as filhas alguns famosos confeitos que descobriu em livros antigos e que tinham sido servidos em festas na França e na Inglaterra. Contou que, na mesa de Henrique V, quando ele trouxe sua esposa francesa, Catherine, houve um confeito representando um pelicano num ninho e um outro mostrando Santa Catarina cercada de anjos.

— Deviam ser gostosos — disse Caro, em criança.

— Pois acho que, depois de pintados, dourados e moldados por dedos sujos, deviam ter um gosto muito desagradável — respondeu o pai.

Mas os confeitos podiam ser muito originais.

Araminta viu que a irmã estava fazendo uma cestinha de açúcar, decorada com rosas cor-de-rosa e cheia de morangos cobertos de glacê, violetas cristalizadas e *petits jours* de marzipã.

Caro tinha também preparado um pudim original, em formato de ouriço, feito de creme, ovos, açúcar, água de flor de laranjeira e vinho. Depois de pronto, foi enfeitado com lascas de amêndoas e dois olhos feitos de ameixas-pretas.

— Parece um prato para crianças — disse Araminta, rindo.

— E os homens não são como crianças? — fungou Hannah. — Enchendo a barriga de comida, sem nunca pensar nas pessoas que a fazem!

— Não quero que o marquês pense em mim.

Estava resolvida a levar Hannah com ela numa carruagem de aluguel, para cuidar dos pratos que já estavam prontos.

Araminta ia também levar a conta das despesas que tinha feito e que lhe pareciam astronômicas.

— Espero que o marquês não ache que gastei demais — murmurou, ao verificar quanto havia gasto.

— Se ele quer comer bem, tem de pagar! — observou Hannah, com sabedoria. — E trate de receber seu dinheiro antes de sair. Você é bem capaz de esquecer!

— Não vou esquecer. Estamos fazendo isso por Harry e tudo vai depender do que eu ganhar.

Harry se ofereceu para levá-las, mas Araminta recusou, achando que seria perigoso.

— Se alguém nos visse juntos, poderia desconfiar. Hannah vai comigo.

— E volta com você?

— Claro.

Harry ficou satisfeito e não fez mais perguntas, mas a verdade era que Araminta não tinha intenção de prender Hannah até tão tarde.

A empregada era velha e tinha tido um dia duro, levantando cedo e ajudando na cozinha, além de estar sempre cuidando de *lady* Sinclair.

A mãe de Araminta lhe disse, quando foi deitar:

— Amanhã, querida, precisamos começar a comprar seus vestidos.

— Não há pressa, mamãe. Acho melhor nos instalarmos primeiro e olhar um pouco as lojas, antes de começarmos a gastar dinheiro.

— Você é tão prática, meu bem.

— Tenho que ser. — Beijou a mãe. — Não se preocupe. Trate apenas de descansar.

Foi muito fatigante para você fazer as malas e depois viajar para Londres.

— Vocês todos são muito bons para mim, mas sinto falta de seu pai,

— Sim, é claro. Procure dormir e sonhe com ele.

— É o que sempre tento fazer.

Araminta saiu do quarto, vestiu uma capa escura sobre o vestido simples e saiu de casa. Hannah já a esperava numa carruagem de aluguel.

— Cuide de mamãe — disse a moça à irmã. — Não deixe que desconfie de que não estou em casa.

— Deixe tudo por minha conta.

A carruagem partiu, com Araminta e Hannah segurando no colo, com todo o cuidado, os pratos frágeis já prontos.

A moça esperava que a Mansão Wayne fosse imponente, mas não a tinha imaginado tão grande nem tão vistosa.

Situada em Park Lane, era um belo exemplo da arquitetura georgiana e tinha sido construída pelo avô do marquês, no início do século anterior. A porta era grega, e atrás da casa havia um jardim com árvores altas e uma profusão de canteiros floridos. Os lilases e os rododendros fizeram com que, por um momento, Araminta tivesse saudade de sua casa no campo.

Quando a carruagem parou na porta lateral, ela lembrou que era uma criada a serviço do dono da casa. Como esperava, a cozinha ficava no porão. Desceu os degraus de pedra e tocou a campainha. Logo surgiu um rapaz em mangas de camisa, mas usando um colete listrado com botões prateados.

— Sou o novo *chef* — disse ela, secamente. — Ficaria muito grata se você fosse pegar na carruagem os pratos que eu trouxe.

O rapaz estava boquiaberto. Depois subiu correndo a escada para obedecer.

Quando entrou na cozinha, Araminta ficou aliviada por ver que estava de fato equipada com o que havia de mais moderno. Pelo que tinha ouvido falar das cozinhas antigas, e muitas vezes sujas, temia que o marquês, sendo solteirão, não tivesse dado a seu *chef* a última palavra em matéria de fogões, o “Rumford”.

Essa invenção de um americano de Massachusetts havia revolucionado os métodos de cozinhar e utilizava o calor com o máximo de vantagem.

Olhando em volta, Araminta achou que devia ter adivinhado que uma pessoa distinta como o marquês de Wayne havia de querer seguir a última moda.

Quando se dirigia para a mansão, no íntimo, tinha medo de lá encontrar panelas, potes e chaleiras pendurados em cima de um fogão aberto, e nenhum conforto.

Agora, riu de seus receios. A cozinha do marquês era não só clara e arejada, mas

muito limpa.

Não teve muito tempo para examinar tudo, pois de repente percebeu que o lugar estava cheio de empregados, olhando-a atônitos.

Havia várias mulheres de avental branco e touca, que ela sabia serem lavadoras de pratos e ajudantes. Havia também dois rapazes como o que foi apanhar os pratos na carruagem e dois homens idosos, que achou que deviam ser empregados para serviços avulsos. Eram eles que traziam o carvão, ataçavam o fogo no fogão, limpavam as botas e ajudavam os rapazes mais moços a amolar as facas.

A mãe de Araminta lhe tinha explicado a complicada hierarquia de uma grande mansão, mas a jovem nunca esteve em contato com nenhuma dessas casas.

Viu vários rapazes altos e de boa aparência juntarem-se aos outros e, pela *libré* vermelha e dourada, soube que eram lacaios.

Percebeu o silêncio constrangido e sorriu.

— Boa-tarde! Sou Bouvais... o novo *chef*!

— O *chef*?

A palavra foi repetida com espanto. Antes que pudesse responder, uma voz autoritária perguntou:

— Que está acontecendo aqui?

Não havia dúvida de que o homem de cabelos brancos, com ar de um arcebispo, era o mordomo.

Os criados lhe deram passagem e ele se dirigiu para Araminta, parecendo mais surpreso ainda do que os outros.

— Você é o novo *chef*? Impossível!

— Pois é verdade! E acho que você é o mordomo.

— Sou o sr. Henson.

— E eu sou a srta. Bouvais!

Relutante, o mordomo estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-la, senhorita, mas não posso deixar de dizer que estou espantado.

— Achei que isso ia acontecer. Mas, já que estão tão admirados, posso pedir um grande favor?

Esperaram, ainda olhando para ela.

— Como quero que o senhor marquês aprecie meu jantar sem preconceitos, poderiam ter a bondade de não lhe dizer que foi uma mulher quem o preparou, até o jantar ter acabado?

Vendo a expressão de dúvida do mordomo, ela acrescentou:

— Não espero que minta, é claro, mas é pouco provável que o marquês pergunte se o novo *chef* é homem ou mulher.

Fez uma pausa, percebendo que seu argumento pesava:

— E, se o major Brownlow pedir para eu ir falar com ele, acho que poderia dizer que não posso me afastar do fogão no momento.

Falava com tanta veemência, os olhos cinzentos pedindo compreensão, e parecia tão

moça, que o mordomo desatou a rir.

— Vejo, srta. Bouvais, que pretende fazer com que o marquês tenha um choque, quando descobrir a verdade.

— Por que não, sr. Henson? Pelo menos, garanto-lhe que esta mulher aqui cozinha tão bem como qualquer homem!

— Espero que seja verdade.

Araminta soube que, qualquer que fosse a ordem do mordomo, seria escrupulosamente obedecida.

O rapaz que tinha ido apanhar os pratos na carruagem apareceu, trazendo o pudim em forma de ouriço.

— Já preparou alguns pratos?

— Preparei vários. Não pude vir antes, conforme avisaram o major Brownlow.

— Sim, ele foi informado.

— Então, alguém podia ajudar a trazer a comida que está na carruagem?

O mordomo estalou os dedos e alguns dos rapazes que tinham ficado parados, estarecidos, e dois lacaios obedeceram imediatamente.

Logo a mesa grande do centro da cozinha estava cheia. Araminta tirou a capa e começou a dar instruções às ajudantes.

— Espero que haja uma despensa fresca.

— Sim, há — disse uma das criadas, abrindo uma porta no outro lado da cozinha.

Era o tipo de despensa que Araminta esperava encontrar, com grandes prateleiras de mármore. Havia grandes jarras com creme, assim como peças de carne, pernas de carneiro e galinhas.

Muitos pratos trazidos por Araminta foram colocados no mármore frio. Depois, ela voltou à cozinha.

O mordomo e os criados que não a estavam ajudando olhavam para o salmão que a moça tinha comprado no mercado.

— Isso é salmão? — perguntou o mordomo.

— É, sim!

— E coberto de massa?

— É.

— Nunca vi coisa igual em toda a minha vida!

— É a moda russa de fazer peixe.

Não explicou que seu pai tinha trazido a receita de uma de suas viagens e que era, na realidade, um de seus pratos favoritos.

Sabia que o modo com que o peixe era preparado iria causar espanto, até mesmo na mesa do marquês. Primeiro, o salmão era esmagado e misturado com um molho especial; depois, moldado numa fôrma, coberto de cogumelos cortados bem fininhos e, finalmente, envolvido em massa leve.

Todos os pratos que Araminta trouxe tinham uma apresentação original. O carneiro, muito tenro, seria recheado de amêndoas e de arenques e teria um molho de agrião.

Pretendia cortar as maçãs em pedaços bem fininhos e misturá-los com rábano e creme, para fazer um delicioso molho que seria servido com a carne.

As *Côtelettes d'Agneau Maintenon*, que tinham sido inventadas em homenagem à *madame* de Maintenon, eram tão delicadas e tão deliciosas que mereciam ser saboreadas pelos *grands seigneurs* daquele tempo.

Araminta colocou os pratos na ordem em que iria precisar deles. Depois preparou os molhos apropriados para cada um.

Decorou alguns pratos com uvas, tomates, laranjas, limões, pimentões, azeitonas verdes e salsão. Outros tinham guirlandas de folhas verdes e corolas de flores.

— Nunca vi flores num prato de comida! — comentou uma das ajudantes.

— Veja como fica bonito! — disse Araminta. — Vamos pôr neste pudim uma cercadura de rosas cor-de-rosa e, no *mousse* de chocolate, uma de rosas brancas.

Fazia uma hora e meia que estavam trabalhando, quando uma das criadas disse a Araminta que estava na hora do jantar dos empregados.

— Comemos cedo, senhorita. Assim, temos tempo de servir o senhor marquês. E ceamos antes de ir para a cama.

Araminta foi com ela para a sala dos empregados, onde havia um tipo de comida que teria feito seu pai rir: grandes peças de carne, músculo cozido grosseiramente, fatias grossas de presunto, além de frangos que, como Araminta não ignorava, os criados consideravam “comida de mulher”. Havia também pudins pesados, cheios de passas, além de pão fresco, manteiga e cerveja para quem quisesse.

O mordomo sentou-se a uma das extremidades e convidou Araminta a sentar-se à outra. A moça ficou sabendo que a governanta e as duas criadas mais graduadas comiam na saleta da governanta.

Os criados começaram a comer ativamente, com ruído. Araminta comeu um pouco de frango e uma fatia de língua de vaca, mas logo percebeu que estava aflita demais para ter fome.

— Peço que me desculpem, mas gostaria de ir tratar dos meus molhos.

— Não vamos prendê-la, senhorita — disse o mordomo. — Sabemos como está decidida a surpreender o senhor marquês e, ouçam bem as minhas palavras, ele vai ficar surpreso!

Araminta sorriu para ele e voltou para a cozinha.

Ainda há muito que fazer, pensou, entrando na despensa onde tinha deixado alguns pratos na prateleira de mármore.

Deixou escapar uma exclamação de aborrecimento.

Numa das prateleiras, lambendo uma terrina com creme e ovos, viu um gato!

— Passa! Passa!

O gato pulou para o chão e Araminta olhou para verificar o estrago. A terrina continha os ovos e o creme que eram a base de *creme brûlé*. Tinha intenção de salpicá-lo de açúcar e colocá-lo sob uma grelha quente, até que a camada de açúcar derretesse um caramelo dourado com a consistência de *toffee*.

Agora, teria que jogá-lo fora, e não havia tempo para preparar outro.

Colocou a terrina no chão e chamou o gato.

— Venha. Se quer se empanturrar, é melhor acabar com isso. Pelo menos, assim, não tocará em mais nada.

O gato, gordo e guloso, foi até a terrina e começou a lamber gostosamente o creme.

— Isso é muito caro para um gato. Vai também fazer falta no meu cardápio, de modo que eu devia ficar zangada com você!

Depois pensou que os confeitos feitos por Caro eram tão bonitos que os convidados não se interessariam por mais nada.

Além do ouriço enorme e das cestas de açúcar, havia os “Aquários Franceses” e as “Ilhas Flutuantes”, receitas que o pai delas tinha encontrado num livro do século XVII.

Gostaria de ter tido mais tempo, pensou. Assim, Caro e ela poderiam fazer um “Templo Grego”, como o que fizeram para o aniversário do pai, ou até mesmo um “Castelo”, com soldados batalhando à volta dele.

Arranjou os pratos, de modo que o *creme brulée* não fizesse falta. Depois olhou para o gato, achando que devia tocá-lo dali antes que desse outro prejuízo.

Levou um susto!

O gato estava caído ao lado do creme.

Como podia ter adormecido tão depressa? Percebeu então que havia algo errado.

Inclinou-se para tocar o bicho. O corpo estava quente, mas a boca estava aberta de maneira estranha, mostrando os dentes. Os olhos verdes que a tinham fitado com tanto brilho tinham agora uma expressão esquisita.

Incrivelmente... inexplicavelmente... o gato estava morto!

Ficou ali, ajoelhada, durante alguns segundos. Depois olhou para a terrina de creme e teve uma suspeita horrível.

Por quem? E por quê?

Por um momento, não pôde pensar com clareza.

Sabia apenas de uma coisa: se alguém, ao jantar, morresse como o gato tinha morrido, obviamente iriam culpá-la. Teria sido muito significativo o fato de a irmã de Harry preparar um jantar que causara a morte de um convidado.

Se isso acontecesse, certamente pensariam que ela pretendia se livrar do marquês por causa da dívida do irmão.

Tudo isto passou rapidamente por sua mente, embora achasse absurdo. Mas a prova estava ali: um gato morto, que, momentos antes, era cheio de vida.

Araminta levantou. Acontecesse o que acontecesse, ninguém na casa devia ficar sabendo da morte do gato. Comentariam o fato, e qualquer sugestão de envenenamento causaria um escândalo e comprometeria o general.

Olhou em volta, desesperada.

Algum outro prato estaria envenenado?

Se alguma coisa tivesse sido posta no ouriço ou nos outros confeitos, a aparência teria sido modificada.

Mas tudo parecia exatamente como antes.

Só o *creme brulée* é que não estava pronto e teria sido fácil colocar ali o veneno.

Ninguém poderia ter percebido que alguma coisa de anormal tinha acontecido, não fosse pela gulodice do gato.

Araminta estava com medo e achou que precisava fazer alguma coisa, e depressa.

A questão era: fazer o quê?

A primeira providência era se livrar do gato.

Segurou-o pelo rabo, percebeu que estava ficando rígido e lembrou-se de seu próprio gato, que tinha morrido dois anos antes.

Sua mãe disse que era melhor acabar com o sofrimento de Flumbo e o jardineiro lhe deu veneno de rato, que teve efeito instantâneo. O velho Flumbo, depois de morto, parecia muito com aquele gato.

Foi envenenado! Tenho certeza disso!

Levou o gato para a copa e viu um armário debaixo da pia. Colocou o animal lá e fechou a porta.

Voltou para a despensa e pegou a terrina. Jogou fora o conteúdo e lavou-a com todo o cuidado.

Estava enxugando-a, quando uma das criadas apareceu.

– Vim ver se posso ajudá-la, senhorita.

– Obrigada. Ainda há muito o que fazer.

– Que é que havia nessa terrina?

– Era o *creme brulée*. Mas talhou, de modo que o joguei fora.

– Foi pena, porque é um dos preferidos do senhor marquês. *Monsieur Gustave* sempre fazia esse prato, pelo menos uma ou duas vezes por semana.

Araminta colocou a terrina na mesa e perguntou:

– *Monsieur Gustave* já saiu daqui?

– Oh, sim. Saiu ontem, e muito zangado!

– E não voltou mais?

– Engraçado perguntar isso, senhorita. Henry, um dos lacaios, ainda há pouco estava dizendo que ele ia voltar hoje à tarde para pegar uma maleta que deixou aqui.

– Onde estava ela?

– No corredor, esperando que *monsieur Gustave* viesse buscá-la.

– Estava ali, quando cheguei?

– Sim, estava. Eu a vi quando Jim foi abrir a porta.

Araminta dirigiu-se para a cozinha.

– Quer fazer o favor de ver se ainda está lá?

A criada pareceu surpresa, mas sabia que não devia fazer perguntas aos empregados mais graduados.

– Não está mais lá! *Monsieur Gustave* deve ter vindo buscar a maleta, quando jantávamos.

Araminta nada disse. Sabia agora quem tinha envenenado o creme.

Gustave conhecia as preferências do patrão.

Estremeceu ao pensar que certamente teria sido acusada de envenenar o marquês. Mesmo que o veneno não fosse fatal, como poderia provar sua inocência e que não estava

diretamente interessada na morte dele?

Sentiu um desfalecimento, ao pensar no escândalo que isso teria causado. Poderia ser levada a julgamento, Harry se veria envolvido, e todo mundo pensaria que ele tinha convencido a irmã a ajudá-lo a pagar sua dívida.

Está tudo bem, disse a si mesma, procurando se consolar. Estou salva!

Salva, porque um gato tinha sido muito guloso!

CAPÍTULO III

— Você é um homem estranho!

O marquês de Wayne sorriu, olhando para a mulher e achando, como sempre achava, que ela era muito atraente: corpo perfeito, seios firmes, cintura bem fina.

— Estranho como?

Harriette Wilson refletiu um momento, antes de responder:

— É difícil explicar, mas há sempre uma barreira entre nós, mesmo nos momentos mais íntimos.

— Se existe uma barreira, acho que existe para todo mundo. Nada tem a ver com você, pessoalmente.

— Sempre desconfiei de que fosse isso mesmo. Só fico imaginando por que você nos mantém afastadas... a nós, mulheres... e talvez a todo mundo?

— É o que faço?

A maneira como perguntou isso fez com que Harriette percebesse que sabia que ela estava dizendo a verdade.

— Qualquer mulher o consideraria o mais atraente, o mais satisfatório e o mais experiente dos amantes.

— Obrigado, Harriette. Vindo de uma perita na arte do amor, é um elogio que aprecio, grandemente.

— Não sei, não...

Havia em seus olhos uma expressão divertida e em seus lábios, um sorriso provocante.

— Tenho a impressão de que há algo de inconsistente por detrás dessa sua fachada de superioridade.

Como o marquês nada dissesse, ela continuou;

— Compreendo seus amigos... ou devo dizer, seus inimigos?, quando afirmam que você é desagradavelmente seguro de si. Às vezes, fico imaginando se, no íntimo, você se considera tão onipotente como quer parecer.

— Está sendo muito indiscreta e não gosto disso! Além do mais, sabe que nunca falo de mim mesmo.

— Isso é bem verdade. Creio que é o único homem que conheço que não se interessa por uma discussão a respeito de si mesmo.

— Estou contente por ser uma exceção. Agora, vamos falar de você.

Tomou-a nos braços, mas, quando ia beijá-la, a moça desviou a cabeça.

— Quero saber a verdade. — Harriette estava amuada. — Por que não é fácil de se compreender, como os outros homens que me cortejaram?

— Talvez eu queira que você fique imaginando coisas... — disse ele, rindo.

Depois, com ar autoritário, pegou o queixo de Harriette e beijou-a.

Tinha a intenção de levá-la a passear em seu novo faetonte, mas, como estava chovendo, passaram a tarde de maneira mais divertida e mais íntima.

Harriette era uma das personalidades mais conhecidas de Londres: de família respeitável, além de bonita e elegante, era também muito inteligente. Falava francês fluentemente e tinha bom gosto em matéria de literatura.

Um de seus primeiros amantes, o nobre Frederick Lamb, filho de lorde Melbourne, a tinha ajudado a desenvolver seus dotes naturais e costumava ler para ela, em voz alta, Shakespeare, Virgílio, Milton e Johnson.

Aos quinze anos, Harriette foi seduzida por lorde Craven e a ele se sucederam inúmeros outros amantes. Era bastante exigente, e, pouco tempo antes, se mostrou muito esquiva, quando o duque de Wellington pagou cem libras a uma tal sra. Porter, para que o apresentasse a ela.

A sra. Porter tinha enriquecido fazendo esses arranjos preliminares, quando os aristocratas queriam conhecer mulheres bonitas de moral duvidosa. A apresentação finalmente foi arranjada, mas Harriette tratou o duque muito mal.

O White ferveu, quando foi conhecida a história. O grande comandante foi à casa dela, por combinação prévia, mas, ao chegar lá, foi mandado embora pelo duque de Argyle.

Debruçando-se na janela, usando uma das toucas de dormir de Harriette, Argyle fingiu ser a *duenna* de Harriette, surda e quase cega, incapaz de perceber quem era o ilustre visitante.

Maldosamente, Harriette descreveu o incidente ao marquês de Wayne, Wellington tirou o chapéu e, todo molhado, a chuva escorrendo pelo rosto, gritou para Argyle:

— Velha idiota, não me conhece, agora?

— Senhor, não posso adivinhar — disse Argyle, em voz trêmula. Depois riu e acrescentou: — Afinal de contas, na cama, “dois é bom, três é demais”!

Apesar de toda sua petulância, Harriette não tinha intenção de se fazer de rogada com o marquês de Wayne. Na realidade, há algum tempo que ela o perseguia. Embora houvesse dezenas de rapazes ansiosos para serem seus amantes, o marquês nunca pareceu se interessar por isso. Havia nele qualquer coisa que a atraía mais do que ela desejava confessar.

Não era por sua bela aparência, embora ele fosse tão bonito como lorde Ponsonby, por quem esteve apaixonada durante muitos anos. Não era por seu dinheiro, pois havia muitos homens ricos dispostos a dar a Harriette tudo que desejasse. Não era por sua reputação com a espada, a pistola, ou os cavalos, embora ela achasse isso muito atraente.

Finalmente, chegou à conclusão de que era por dois motivos. Primeiro, pelas boas maneiras do marquês; segundo, porque ele tinha um ar de indescritível reserva.

Tendo tantos homens a seus pés, Harriette, como todas as mulheres, sentia-se atraída por alguém diferente, e não havia dúvida de que ele era diferente!

Como quase todos os seus amantes pertenciam ao White, ela ficava sabendo dos últimos escândalos, antes que chegassem aos salões de Mayfair; sabia também a opinião que os homens tinham uns dos outros.

Lorde Albanley, que era muito amigo de Harriette, assim como lorde Yarmouth e lorde Worcester, todos comentavam o marquês.

Muito antes de conhecê-lo, ele a intrigava. Havia em Wayne qualquer coisa que o tornava uma criatura à parte.

Apesar de tudo, quando finalmente conseguiu atraí-lo para sua cama, Harriette soube que, ao contrário do que acontecia com seus outros amantes, o homem atrás daquela fachada ainda lhe fugia.

Era bastante inteligente para compreender que havia no marquês qualquer coisa fora de seu alcance; era bastante franca para reconhecer que jamais o alcançaria.

Enquanto isso, gostava da companhia de Wayne, achando que ele era não apenas um amante irresistível, mas também um companheiro inteligente.

Era espirituoso, culto, e a única queixa de Harriette era não poder passar mais tempo com ele.

Em todo caso, ela aprendera, numa escola dura, que uma pessoa deve se contentar com o que tem e não desejar a lua.

Ela e as irmãs, Amy e Sophia, tinham voluntariamente escolhido aquele tipo de vida e formado o que um dos sócios do White havia chamado de “In Santíssima Trindade”!

Sophia, a mais moça, havia sido desencaminhada por lorde Berwick. Inteligentemente, convenceu-o a casar com ela e, de uma importante mansão em Grosvenor Square, ela protegia as irmãs, nos últimos quatro anos.

Tendo começado sua carreira com um casamento infeliz, Amy estava agora de novo “em circulação”, podendo ser vista num camarote na Ópera cercada por almofadinhas. Em certa época, tinha andado em companhia de Beau Brummell.

Mas Harriette era, sem dúvida, a mais bonita das irmãs e não havia em Londres mulher que se comparasse a ela em beleza e encanto. Um dos sócios do White disse, com azedume:

— É típico de Wayne, com sua maldita sorte habitual, ter conquistado Harriette. Ela estava interessada por mim, até ele aparecer!

— Não adianta querer competir com Wayne, meu caro — disse um outro. — Você sabe perfeitamente que ele é sempre o primeiro a chegar numa corrida e está sempre presente, quando a presa cai, derrotada.

— Eu daria mil libras para ver Wayne levar o fora de alguém. — Havia em sua voz uma nota indicando que achava isso uma vã esperança.

Nesse momento, depois de beijar Harriette, o marquês soltou-a.

— Preciso ir embora. O regente vai jantar lá em casa.

— Você vai dar um jantar grande?

— Mais ou menos umas vinte pessoas. Tenho um novo *chef* e quero ver a cara do regente, quando perceber que o homem é melhor do que Carême.

— Isso é possível?

— É, mas eu não acreditava, até ontem à noite.

— Que foi que aconteceu?

— O general Bracknell disse, no clube, que conhecia um *chef* melhor do que Carême. Foi um desafio ao qual não pude resistir, porque sempre achei Carême sem rival;

pelo menos neste país.

— Foi o que sempre ouvi dizer.

— Pois estávamos enganados. Há um homem chamado Bouvais que é capaz de cozinhar melhor do que qualquer *chef* que jamais conheci.

— Como é que você teve coragem de não me incluir na sua lista de convidados?

— O jantar é só para *gourmets*. E a comida não é uma das suas virtudes, meu bem.

Ou devo dizer “vícios”?

— Gosto de comer!

— Há uma diferença entre a ótima refeição que você me ofereceu hoje, aqui, e a comida com a qual pretendo enfurecer o regente, hoje à noite.

— Está me deixando curiosa e com inveja.

— Prometo convidá-la na próxima semana e juro que não vai ficar decepcionada.

— Nunca fiquei decepcionada em sua casa. A comida, assim como o ambiente, é de primeira qualidade. — Ela sorriu. — É interessante ver que cada homem tem um atributo do qual se orgulha. Com você, é a comida excelente, em sua casa.

— Não vou discordar.

— Com lorde Yarmouth, são as antigüidades. Quando jantei com ele, na última vez, mostrou-me uma coleção de moedas de ouro e de prata, retratos, caixas de rapé e relógios, coleção da qual tem justo orgulho!

O marquês parecia entediado.

— Lorde Yarmouth tem também um ninho de amor em Hyde Park — continuou Harriette.

Ele pareceu mais interessado.

— Consta de uma saleta e um quarto — explicou Harriette. — Ele mesmo abre a porta, e é tudo muito discreto. — Riu e continuou: — Ele me contou que descobriu por acaso que uma senhora muito importante estava tendo um caso com um oficial de cavalaria. Lorde Yarmouth propôs à tal senhora guardar segredo, com a condição de ela o tornar tão feliz como ao oficial. Perguntei-lhe: Acha isso certo? “Talvez não, mas não pude me dominar!”, foi o que me respondeu.

O marquês riu.

— O orgulho do regente, como acontece com você, é a boa mesa. Não compreendo por que quer perturbá-lo. Sabe tão bem como eu que ele não gosta de ser derrotado em seu terreno. Proclama as qualidades de Carême, desde que o trouxe da França.

— Ouvi essa cantilena inúmeras vezes.

— Então, deseja que Sua Alteza Real passe para o segundo plano! Francamente, acho que é maldade sua. Mas isso é típico de você! Sempre consegue o que quer?

— Sempre!

Ela fez uma careta.

— É muito pretensioso! Por outro lado, tem toda razão.

O marquês beijou-lhe a mão e disse:

— Obrigado, Harriette.

Ela percebeu que não era só o elogio que ele estava agradecendo.

O marquês dirigiu-sê para a porta e ela, aborrecida, foi obrigada a fazer a pergunta que, em sua opinião, devia ter partido dele:

— Quando é que vou vê-lo novamente?

— Eu a avisarei. Mas pode ficar certa de que, dentro de poucos dias, vai poder apreciar a comida de Bouvais.

Fechou a porta e ela ficou ouvindo seus passos na escada, atirando-se depois na cama com lençóis de seda amarrotados.

Tinha a impressão de que o marquês a havia derrotado de novo e era uma sensação que nunca experimentara com outro homem.

O marquês voltou para a Mansão Wayne em sua carruagem descoberta, sem se importar com a chuva.

Uma coisa que o aborrecia era ver-se preso numa carruagem fechada. Dava-lhe uma sensação de enclausuramento, que achava insuportável.

A chuva em seu rosto e o ventinho frio eram revigorantes. Quando desceu diante de casa, parecia a imagem da saúde e do vigor.

Assim que o mordomo pegou seu chapéu e um lacaios, o sobretudo, o marquês atravessou o saguão de mármore, em direção à biblioteca.

— Diga ao major Brownlow que desejo falar com ele — ordenou ao lacaios que abriu a porta.

— Muito bem, milorde.

Na escrivaninha estava a lista dos que tinham aceito o convite para o jantar daquela noite. Não se admirou ao ver que, embora os convites tivessem sido feitos de manhã, ninguém os recusou.

O regente ia acompanhado por dois estrangeiros ilustres que estavam hospedados com ele em Carlton House e os amigos mais íntimos do marquês também compareceriam. Entre eles lorde Albanley, que havia jantado lá na véspera, e o general.

O marquês tinha hesitado, antes de incluir na lista o nome do general. Depois achou que seria indelicado excluí-lo, já que foi ele quem descobriu o *chef* que ia fazer o jantar.

Estava também muito curioso para saber onde é que o general havia achado Bouvais.

Sabia que seu antigo comandante não estava bem em matéria de finanças; embora na véspera tivesse tentado descobrir onde Bouvais havia trabalhado antes, nada conseguiu saber a respeito dele.

Achou que podia convencer o regente a fazer algumas perguntas às quais o general se veria quase obrigado a responder. Se não desse certo, sempre havia lorde Yarmouth.

Yarmouth, filho do marquês de Hertford, era amigo íntimo do regente, apesar de correr o boato de que sua mãe era amante de Sua Alteza Real. Muitos diziam que, se Yarmouth fosse realmente um cavalheiro, devia recusar qualquer associação com o herdeiro do trono.

O lorde tinha seus inimigos e levou bola preta, quando quis ficar sócio do White.

Mas isso não estragou sua vida social, porque possuía grande encanto, era generoso e grande conhecedor de arte. Isso o tornava irresistível ao regente e os dois passavam muito tempo juntos, comprando quadros e formando uma coleção que, na opinião do marquês, seria um patrimônio nacional.

Examinava a lista dos convidados, quando a porta se abriu e o major entrou. Tinha deixado de usar muletas recentemente, tendo agora uma perna de pau e usando uma bengala. Mas era obrigado a se mover devagar.

O marquês indicou-lhe uma cadeira do outro lado da escrivaninha.

— Espero, Brownlow, que o jantar de hoje seja tão perfeito como o de ontem.

— Também o espero, senhor.

— Você disse ao *chef* que o regente vem?

— Sim, ele foi informado.

— E você viu uma cópia do cardápio?

— Está aqui comigo. Henson me entregou esta cópia, há meia hora, quando o *chef* chegou.

O marquês pareceu perplexo.

— Quando o *chef* chegou? Quer dizer que ele não estava aqui de manhã?

— Parece que Bouvais traz muitos pratos já prontos, senhor. Prefere trabalhar assim, e, como se trata de um emprego provisório, não vi motivo para discordar de seu método de trabalho.

— Tem razão. Mas isso é estranho. Suponho que ele compre os ingredientes e ganhe com isso.

— Duvido. Ele me mandou as contas ontem, e recebi algumas hoje também. Tudo foi comprado nos melhores mercados. Embora tenha pago à vista, teria sido difícil modificar as notas.

O marquês ergueu as sobrancelhas.

— Então, se não está ganhando um pouco por fora, é diferente de todos os cozinheiros que trabalharam aqui.

— É realmente, senhor.

— Sabe, Brownlow, pormais caro que seja, acho que devíamos tomá-lo como cozinheiro efetivo.

— Também pensei nisso, senhor. E acho que seria bom contratá-lo até o fim da estação, quando, suponho, o senhor irá viajar para o estrangeiro. A na ser que vá para Brighton com Sua Alteza Real.

— Acho que seria um erro não conservá-lo. Talvez ele não queira sair de Londres. Neste ano, quando eu estiver fora, pode ficar aqui, sem fazer nada. Isto seria melhor do que perdê-lo.

— É exatamente o que penso, senhor.

— Que espécie de homem é ele?

O major exitou e confessou:

— Para dizer a verdade, ainda não o vi!

— Não o viu? Por que não?

— Sugeri que fosse ao meu escritório ontem, antes do jantar, depois que lhe envieí seu pagamento e o dinheiro das compras. Mas Bouvais mandou Henson dizer que não podia sair da cozinha naquele momento.

— Isso é compreensível.

— Quando o senhor me mandou o recado, depois do primeiro prato, comunicando que queria dar outro jantar hoje, eu disse a Henson que desejava falar com Bouvais, antes que ele fosse embora. Infelizmente, acho que não entendeu meu pedido; quando perguntei por ele, já tinha saído.

— Talvez seja temperamental. Então, pelo amor de Deus, não o perturbe antes do jantar, Brownlow. Você sabe como são esses franceses!

— Sim, sei, senhor.

— Se ele quiser ficar só, que fique! Nesse meio-tempo, diga-lhe que espero que trabalhe aqui numa base permanente, contanto que sua comida seja satisfatória como foi até agora.

— Tenho certeza de que vai ficar lisonjeado, senhor. Mas seria um ordenado altíssimo. Talvez ele aceite menos, sabendo que é um emprego efetivo.

— Isso não é problema. Quando a gente quer o melhor, tem que pagar!

— É verdade, senhor.

Lá embaixo, na cozinha, os pratos de Araminta estavam recebendo aclamações de espanto e de admiração por parte dos criados à volta da mesa.

Na véspera, ficaram encantados com a cesta de açúcar feita por Caro, mas agora estavam ainda mais excitados com o grande cisne branco que carregava nas costas cerejas cristalizadas. Nadando num lago de geléia verde, cercado de rainúnculos e de folhas de angélica, era uma verdadeira obra de arte.

Caro teve tempo de fazer também a casa de uma feiticeira, de açúcar e cheia de cogumelos. Parecia um brinquedo de criança, mas Araminta sabia que o ouriço da véspera havia feito um grande sucesso e achou que os convidados ficariam igualmente encantados com o bangalozinho de um conto de fadas.

Os pratos que escolheu tinham sido os prediletos do pai, principalmente *Rognons Sautés au Champagne*, isto é, fígados feitos em champanhe, e também *Timbale de filets de Sole Cairdinal*, que eram filés de solha sobre fatias de lagosta com cogumelos pequenos e trufas. Araminta teve medo de que a solha não fosse bem fresca, mas Hannah se declarou satisfeita, e sua competência nesse ponto era indiscutível.

Araminta lamentou não ser época de perdizes, faisões, galinhas ou narcejas. Tinha para isso receitas que o marquês certamente jamais havia provado.

Mas as triste-pia e as codornas ficariam deliciosas *a la Richelieu* ou *Château Yquem* e molhos usados em várias partes da Europa, com os quais podia disfarçar os patos, os gansos e as galinhas, pratos mais modestos.

O mordomo levou um susto, quando Araminta lhe pediu não apenas champanhe, para usar em certos pratos, como o melhor clarete do marquês, o melhor conhaque e um vinho do porto que devia ser bebido com gosto.

— Gustave só usava vinhos baratos, srta. Bouvais — disse, em tom de censura.

— Não sou Gustave! E meus pratos exigem os melhores vinhos.

Resmungando, Henson acabou trazendo os vinhos solicitados pela moça, colocando-os na mesa com ar desafiador.

— Acho um desperdício. O vinho deve ser bebido sozinho e não misturado numa porção de novidades!

— Depois que você experimentar os molhos que vou fazer com esses vinhos, compreenderá como isso é importante.

Sabia que o mordomo, de quem os outros criados tinham medo, havia capitulado completamente diante dela. Para dizer a verdade, ele sentira orgulho, na véspera, ao levar os pratos para a sala e ver como eram apreciados pelos cavalheiros sentados à mesa do patrão. Contou a Araminta que, quando a cestinha de açúcar foi colocada na frente do marquês, este ergueu o copo para o general, dizendo:

— Eu me rendo! Você certamente ganhou a aposta.

— Sinto-me feliz por ver que está satisfeito.

— Que vai dizer ao regente? — perguntou lorde Albanley ao dono da casa. — Terá que lhe contar, porque todo mundo no White está esperando o resultado do jantar de hoje.

O marquês riu.

— Direi apenas: "*Le Roi est mort! Vive le Roi!*"

— Ele não vai descansar, enquanto não tirar esse homem de você — brincou lorde Albanley.

— Só se for por cima do meu cadáver!

Todos riram e o mordomo correu para a cozinha para contar a Araminta o que estavam dizendo. Ao sair, lembrou:

— Não esqueça, srta. Bouvais, que o major Brownlow deseja vê-la, antes de ir para casa.

Araminta esperou até ele sair e depois disse a Jim, o criadinho que lhe abrira a porta no primeiro dia:

— Quer fazer o favor de me chamar uma carruagem de aluguel?

— Naturalmente, senhorita.

Os empregadinhos tinham ficado escravos seus, porque ela lhes dava pedacinhos dos pudins, enquanto decorava os pratos.

— *Monsieur* Gustave nunca permitiu que tocássemos em coisa alguma na cozinha — disse um deles.

— Eu não gostaria que tocassem no que faço, mas o que lhes dou é coisa muito diferente. Sobrou muito *mousse* de chocolate na terrina e sugiro que o dividam entre vocês.

Não foi preciso dizer isso duas vezes. Logo o *mousse* desapareceu. Araminta pensou que, se voltasse ali, ela e Hannah fariam os pratos um pouco maiores, para que sobrasse alguma coisa para os empregados.

Saiu de mansinho, assim que Jim lhe arranhou uma carruagem.

Quando o mordomo veio dizer que o major Brownlow a esperava, ela já havia desaparecido.

Mas Araminta tinha recebido recado para voltar no dia seguinte e durante todo o

caminho foi planejando o cardápio, fazendo mentalmente uma lista de tudo que era preciso comprar.

Contou a Hannah seu sucesso, fez uma lista para as compras do dia seguinte e enfiou-se na cama.

— Preciso dormir logo, do contrário, não serei capaz de levantar às cinco horas da manhã.

Mas não contava com Hannah que, em vez de acordá-la cedo, como na véspera, deixou que continuasse dormindo.

Quando finalmente Araminta abriu os olhos, a velha empregada estava descerrando as cortinas e tinha trazido para cima o desjejum da moça.

— Que horas são?

— Quase nove, senhorita.

A jovem sentou-se na cama, com um grito.

— Oh, Hannah, por que me deixou dormir até tão tarde? Sabe que tenho que fazer compras nos mercados.

— Eu já fui.

— Hannah, não devia ter feito isso!

— A senhorita precisava dormir, depois de se cansar ficando horas de pé naquele chão frio de pedra! Eu sei o que é isso!

— Não tão cansativo como levantar às cinco da manhã para pechinchar com aquela gente do mercado.

— Não preocupe a cabeça com isso. Está tudo lá embaixo e não esqueci nada!

— Garanto que não. Foi muita bondade sua. Foi, mesmo. Mas não é justo que eu lhe dê todo esse trabalho extra.

— Faço isso pelo mesmo motivo seu, senhorita. Pelo sr. Harry. Então, esperemos que ele fique grato... o miserável!

Hannah saiu batendo a porta e Araminta não pôde deixar de rir.

Era bem típico da velha censurar Harry, ficar zangada, e depois estar disposta a morrer por ele, se necessário fosse.

Afinal, hoje vamos ter quarenta libras!, disse a si mesma, pensando, satisfeita, no envelope que estava em cima de sua penteadeira e que lhe tinha sido entregue na véspera pelo mordomo.

Refletiu novamente que seria maravilhoso se pudesse ganhar o suficiente e não precisar pedir à mãe para vender o anel de noivado.

Sabia que seria um grande sofrimento para *lady* Sinclair ter que se separar do anel que usou durante toda a vida de casada.

Preciso ganhar o suficiente para evitar isso!

Aquele dia ia ser muito difícil evitar que a mãe soubesse o que estava acontecendo. Em primeiro lugar, ela ia querer levar a filha para fazer compras. Em segundo, Araminta tinha que encontrar uma explicação para o motivo que a fazia sair de casa à tarde e só voltar depois de meia-noite. Caro entrou no quarto dali a alguns minutos e foi quem encontrou a solução.

— Sabe que Harry vai tentar vender os cavalos hoje à tarde? — perguntou, sentando na cama da irmã.

— Sim, sei. Espero que consiga um bom preço.

— Minha idéia é você dizer que vai com ele, para conhecer alguns de seus amigos. Posso segurar mamãe na saleta dos fundos, enquanto você e Hannah carregam a carruagem de aluguel. — Fez uma pausa e continuou: — Outra coisa, Araminta: acho perigoso você levar Hannah. Mamãe vai querer saber aonde ela foi.

— Posso me arranjar sozinha. Assim que chegar lá, as ajudantes estarão prontas a qualquer coisa. Hannah e eu vamos fazer um bolo inteiro para os empregados.

— Então, está decidido. Como mamãe ainda está um pouco cansada, posso fazer com que desista de ir às compras.

— Que vai dizer, se eu tiver que sair também amanhã à noite?

— Não vou atravessar a ponte antes de chegar a ela! — brincou Caro. — Todos esses planos cansam a cabeça!

Araminta riu.

— A verdade, Caro, é que, vivendo no campo, não usamos muito nossa cabeça. Um pouco de intriga e de mistério aguçarão nosso raciocínio.

— Para deixar perplexa a alta sociedade?

Araminta deu um suspiro.

— Não adianta pensar no que poderíamos fazer. Assim que a dívida de Harry for paga, vamos voltar para o campo. Não temos condições financeiras de ficar aqui. Além do mais... de que adiantaria?

— Temos que contar a mamãe.

— Claro que temos, mas, francamente, Caro, acho que é justo que seja Harry quem faça isso.

— Ele não vai gostar.

— É justo que também ele se incomode um pouco — insistiu Araminta. Depois, como sempre, seu coração venceu. — Eu conto a mamãe. Posso fazer com que Harry pareça mais patético do que ele seria capaz. Como o ama muito, mamãe não vai ficar zangada por muito tempo.

— Não me importo quando ela fica zangada. O que me dói é quando a vejo triste e infeliz.

Araminta também pensava assim, mas tinha que ser prática. A única coisa com que devia se preocupar no momento era em pagar a dívida de Harry.

Vestiu-se depressa e desceu para a cozinha.

Trabalhou durante toda a manhã. Na hora do almoço, relaxou um pouco, podendo conversar com a mãe sobre coisas leves, sem se preocupar demais com a noite que a esperava.

Apenas de vez em quando lembrava o momento horrível em que encontrou o gato morto no chão da despensa e percebeu que o *creme brulée* tinha sido envenenado.

Embora procurasse não pensar nisso, tinha um pouco de receio de que também tivessem mexido em algum outro prato.

Chegando à Mansão Wayne, sentiu alívio ao ver dois dos empregadinhos esperando por ela e percebeu, pelos sorrisos, que não tinham nenhuma má notícia para lhe dar.

Apesar disso, quando tudo que levou já estava na mesa da cozinha, Araminta não pôde deixar de perguntar se o marquês estava passando bem.

— Espero que o senhor marquês não tenha sentido nenhum efeito desagradável, devido ao meu jantar.

— Nada disso — respondeu um dos criados. — Para dizer a verdade, Jenkins, o criado particular do marquês, disse que nunca viu o patrão tão animado como hoje de manhã. Satisfeito como nunca, com o seu jantar! E aqueles que apostaram em você, srta. Bouvais, é que vão ficar contentes!

— Gostaria de saber se as apostas foram altas — disse Araminta.

— O sr. Jenkins contou que os cavalheiros do White estão sempre dispostos a apostar fortunas! E não apenas na virada de uma carta! Para dizer a verdade, fazem as apostas mais loucas e mais idiotas!

— Que tipo de apostas?

Estava decorando um dos pratos com alfaces crespas, cortando tomates e rábanos, em formato de flores.

Já tinha mandado que duas ajudantes de cozinha cortassem fatias de laranja e de limão para dar colorido a outros pratos.

— Um cavalheiro apostou três mil libras, num dia de chuva, sobre qual de dois pingos d'água, na vidraça, cairia antes do outro.

— Que ridículo!

— O senhor marquês apostou qual seria o dia em que Napoleão Bonaparte ia entrar em Paris — disse um dos lacaios.

— Ele ganhou?

— Sempre ganha. Nas corridas, no jogo de cartas, seja lá no que for!

Araminta apertou os lábios. Já antipatizava com o marquês de Wayne e achou intolerável que um homem pudesse ter tamanho sucesso e sentir tanto prazer com isso. Ao mesmo tempo, não deixou de perceber a nota de orgulho na voz do laiaio.

Todos o acham maravilhoso, pensou, com desprezo.

Mas era inteligente demais para comentar isso e continuou decorando os pratos, tornando tudo tão bonito que as ajudantes ficaram extasiadas.

Chegou a hora de cozinhar. Mais tarde, quando os criados foram jantar, Araminta não os acompanhou.

Não ia correr o risco de Gustave ou qualquer outro aparecer para envenenar a comida. Achava que ele não tentaria o mesmo método uma segunda vez; mesmo assim, não se arriscaria.

Ficou imaginando se Gustave teria rondado a casa de manhã cedo, para saber se o marquês ainda estava vivo, ou se seu plano tinha fracassado e um dos convidados morrido.

Era uma sensação desagradável pensar que talvez ele estivesse à espreita,

esperando e desejando se vingar.

Depois, disse que não era de sua conta. Precisava apenas ter cuidado para que não houvesse um crime no qual se visse implicada, cuidado para que não acontecesse algo, enquanto ela estivesse na Mansão Wayne, que pudesse prejudicar Harry.

Continuou trabalhando. As ajudantes voltaram mais cedo do que esperava, porque tinham ficado envergonhadas por deixar que ela trabalhasse sozinha.

O mordomo entrou, depois de terminada a refeição dos criados, para olhar os pratos arranjados nas mesas e expressar sua aprovação.

— Tem uma tarefa difícil hoje à noite, srta. Bouvais. O mordomo de Carlton House me disse que Sua Alteza Real está tão encantado com Antoine Carême que gostaria de lhe dar uma medalha.

Araminta riu.

— Seria constrangedor, se eu também pedisse uma!

— Pois bem, pelo que vejo, bem que merece uma. Para dizer a verdade, nunca vi uma comida tão boa, em pratos tão bonitos!

— Sr. Henson, está me deixando sem fôlego!

— Falo a verdade! Se o senhor marquês a visse, acho que não acreditaria nos próprios olhos.

— Ele ainda pensa que sou homem?

— Pensa, sim! E o mesmo se dá com o major Brownlow. Ele resmungou por você ter saído ontem sem ir vê-lo, mas eu lhe disse que é muito temperamental, manifestando até mesmo certa timidez, quando se trata de falar com estranhos.

— Foi muita gentileza sua, sr. Henson.

Araminta apresentou-lhe a conta de compras que Hannah tinha feito de manhã.

— Será que podia ter a bondade de levar isto para o major? Compreende que quero escapulir, assim que o jantar terminar.

— Acho que ele está com o dinheiro à sua disposição, senhorita. Em todo caso, vou verificar.

— Muito obrigada.

O mordomo saiu, voltando dali a um quarto de hora, com um envelope que colocou ao lado de Araminta.

— É a sua remuneração. O major pediu que subisse para pegar o dinheiro das compras, assim que terminar seu trabalho.

Araminta ficou imóvel.

— Ele não quis lhe dar o dinheiro, sr. Henson?

O mordomo sacudiu a cabeça.

— Tentei convencê-lo, mas ele quer lhe falar pessoalmente. Foi o que me disse.

— Que acha que ele quer? — perguntou Araminta, apreensiva.

— Já que pergunta, acho que vai lhe oferecer um emprego permanente, aqui.

Araminta arregalou os olhos.

— Permanente? — repetiu, baixinho.

— Sim, srta. Bouvais.

Ela esperava conseguir serviço na semana seguinte, para poder pagar a dívida de Harry, mas nunca pensou que o marquês quisesse lhe dar um emprego efetivo.

O mordomo percebeu sua hesitação.

— Gostaríamos que ficasse, srta. Bouvais, e o major achou que podemos trabalhar bem, juntos.

— Obrigada, sr. Henson, mas creio que é impossível. Será que pode fazer o favor de dizer ao major que ficarei encantada de trabalhar aqui durante alguns dias, talvez até o fim da próxima semana, mas que não posso prometer mais nada?

— Está falando sério? Tem chance de um emprego melhor?

— Não, claro que não! É que... eu... — Procurou, desesperada, por alguma desculpa. — Talvez eu vá viajar. Provavelmente, voltarei para a França.

— Sinto muito, srta. Bouvais.

— É muita bondade sua, mas, se eu ficasse sempre aqui, talvez você se cansasse de mim.

O mordomo esperou um momento e depois perguntou:

— Quer que eu transmita ao major o que acaba de me dizer?

— Vamos deixar assim, até ele perguntar. Mas, por favor, veja se consegue convencê-lo a me mandar o dinheiro das compras, se quiserem que eu compre mais coisas amanhã.

Ao dizer isso, ficou imaginando durante quanto tempo ela e Hannah poderiam continuar levantando cedo para ir aos mercados.

Amanhã tenho que ir sozinha, pensou. Ou, talvez, Caro vá comigo. Não posso esperar que Hannah faça tanta coisa.

Ao mesmo tempo, sabia que, caso levantasse às cinco da manhã e ficasse até tarde na Mansão Wayne, em uma semana estaria morta de cansaço.

Isso é, na realidade, trabalho para homem, pensou. Ficou imaginando o que aconteceria, se Harry tivesse que fazer as compras, por uma vez, ao menos.

Mais tarde, o mordomo apareceu, triunfante.

— O major Brownlow me entregou o dinheiro, mas exige que amanhã a senhorita vá procurá-lo, assim que chegar aqui.

— Vai haver um jantar amanhã?

— O major não disse nada. Vou tentar descobrir, antes que saia.

— Preciso saber se tenho que ir aos mercados de manhã cedo.

— *Monsieur* Gustave costumava fazer com que as coisas fossem entregues aqui em casa. No princípio da semana, ele encomendava tanto de peixe, tanto de carne e outras coisas necessárias e, se não fosse tudo usado, o resto era jogado fora.

— É uma extravagância desnecessária. Além do mais, desse jeito, nem sempre a gente consegue alimentos frescos.

— É verdade. Mas nem todos os *chefs* são conscienciosos como você. Eles tapeiam com um pouco de molho na comida e, se o gosto for bom, pouco importa o que estiver por baixo!

— Nesse caso, as pessoas poderiam comer serragem! — protestou Araminta. —

Acho isso desonesto.

— Como já disse, você é diferente de todos os *chefs* com quem trabalhei e pode tomar isso como um elogio!

— Obrigada!

O mordomo olhou para o relógio e saiu, apressado.

O jantar foi um tremendo sucesso, disso não havia dúvida!

Os lacaios que vinham buscar os pratos falavam, triunfantes, do espanto do regente a cada novo prato que aparecia e dos elogios de todos os presentes.

— Parece que os nobres não sabem falar de nada, a não ser de comida! — disse um dos lacaios.

Um outro comentou:

— Estão comendo como se nunca tivessem visto comida na vida, como porcos num cocho!

Araminta riu.

Mas, quando o jantar terminou, estava muito cansada. Fazia calor na cozinha, seu rosto estava queimando, os cachos grudavam na testa, devido ao vapor das panelas.

Finalmente, quando tudo terminou, ela pegou a capa e disse a Jim:

— Pode chamar uma carruagem para mim?

— É claro, senhorita.

Saiu, apressado e Araminta sentou-se em uma das cadeiras de madeira.

Hannah tinha razão: era muito cansativo passar o dia todo de pé, num chão de pedra.

Jim voltou e ela o olhou, surpresa. Ele quase não havia demorado.

— Havia uma carruagem bem na frente da casa, de modo que não tive que ir muito longe.

— Obrigada, Jim.

Araminta ergueu o capuz sobre os cabelos loiros e subiu correndo os degraus do porão para a rua.

Em frente à casa, estava uma carruagem de aluguel, puxada por cavalos magros, velhos e cansados, o tipo de carruagem que se encontrava nas ruas, à noite.

A moça olhou para o cocheiro.

— Russell Square, número 3, faça o favor.

Jim abriu a porta e ela entrou logo, porque ainda estava chovendo.

A carruagem partiu e Araminta reclinou-se no assento.

Depois, deu um grito, horrorizado, ao ver que não estava sozinha na carruagem.

Havia um homem sentado a seu lado, no escuro!

CAPÍTULO IV

— Está tudo bem — disse uma voz. — Não tenha medo.

— Mas... estou com medo — respondeu Araminta. — O que está... fazendo aqui?

— Esperando por você.

— Esperando por mim?

O medo que tinha sentido ao entrar no carro diminuiu. Mas estava trêmula, e o pior era que não podia ver o rosto do homem. Depois de um momento, conseguiu controlar a voz, embora seu coração batesse acelerado.

— Queria... falar comigo?

— Quero que me ajude.

— Ajudá-lo? Então por que esperou do lado de fora da casa para me surpreender de modo tão desagradável?

— Eu não sabia o seu nome. Para dizer a verdade, esperava um homem.

— Então, como é que...

Ele a interrompeu.

— Ontem à noite, ouvi o rapaz dizer ao cocheiro da carruagem que ele tinha ido buscar que esperasse pelo *chef*. Quando você apareceu, mal pude acreditar!

— Por que estava esperando?

— Eu tinha um bom motivo!

Araminta ficou de respiração suspensa.

— Você é... Gustave?

— Não. Mas acho que você sabe por que eu estava esperando para ver se Gustave foi bem-sucedido.

— Sabia que Gustave colocou... veneno num dos pratos? — perguntou, hesitante.

— Fui eu que lhe dei o veneno!

— Mas... por quê? Por que queria matar o marquês? De certo modo, posso compreender que Gustave tenha ficado furioso por ter sido despedido. Mas, você? De que modo está envolvido?

Houve uma pausa. Então, o rapaz respondeu, de maneira crua:

— Porque, se o marquês não morrer, vou me matar!

Araminta ficou imóvel.

A carruagem seguia lentamente pelas ruas desertas. De repente, à luz de um lampião, ela viu de relance o rosto do rapaz a seu lado. Era jovem e, por sua maneira de falar, parecia um cavalheiro.

— Talvez, possa explicar... o que está tentando fazer — disse, num tom que, esperava, não fosse histérico.

— Estou querendo matar o marquês e espero que ele apodreça no inferno, o maldito!

— O que ele lhe fez?

Houve um momento de silêncio.

— Eu lhe devo vinte mil libras!

Araminta não pôde conter um gritinho:

— Vinte mil libras! Mas, como? Será que perdeu tudo isso no jogo?

— Existe outra maneira neste mundo maldito de perder tanto dinheiro?

— Mas, se matar o marquês...

— Ele tem que estar morto até o fim da semana que vem. Imagino que você foi responsável por ele não ter morrido ontem à noite. Como é que impediu que o prato envenenado por Gustave não fosse servido à mesa?

— O creme... matou o gato!

O rapaz soltou uma exclamação de raiva e de desespero.

— Até o destino está contra mim! Se eu tivesse um pouco de bom senso, metia uma bala na cabeça!

— Não! Não! Não pode fazer isso. Deve haver outro jeito.

— O único outro jeito é eu matar o marquês, e ele bem que merecia morrer!

— Por que diz isso?

— Porque ele é um desafio para tolos como eu; porque tem uma sorte dos diabos e ganha sempre! É apenas humano eu querer pôr fim a essa sorte dele.

Araminta nada falou. Parecia que o rapaz estava repetindo as palavras de Harry.

— Pretendo matá-lo. Assim, não apenas vou salvar minha família da ruína, como impedirei que muitos outros idiotas caiam na mesma armadilha.

— Era para salvar sua família?

Ele ficou de respiração suspensa, parecendo sofrer.

— Como pôde ser tolo, a ponto de jogar tão alto, sabendo que não podia perder?

Falou apaixonadamente, porque tinha impressão de não estar conversando com um estranho e, sim, com o irmão.

— Não sabe o que é ficar sentado a uma mesa de jogo e esperar pela virada de uma carta. A pessoa fica hipnotizada e perde toda a noção dos valores. O dinheiro nada significa! É a emoção de ganhar que conta. Ou a esperança de ganhar.

Ele ficou em silêncio, enquanto a carruagem seguia pelas ruas. Em dado momento, à luz de um outro lampião, Araminta pôde de novo ver-lhe o rosto.

Imaginou que, como Harry, ele gostava de agir como um homem da sociedade, fazer o que os outros moços faziam, embora sem ter os mesmos recursos financeiros.

— Deve haver um meio de conseguir o dinheiro, sem recorrer ao crime — disse ela.

— Eu ia pedir a você que matasse o marquês por mim.

Araminta teve um movimento de repulsa e ele continuou, vivamente.

— Mas pensei que fosse um homem. Agora sei que nunca concordaria com isso!

— Não, claro que não! Como é que pôde pensar que um homem decente, e menos ainda uma mulher, se rebaixasse a ponto de cometer semelhante crime?

— Muitas pessoas na sua posição fariam qualquer coisa por dinheiro — respondeu ele, cinicamente. — Gustave ficou muito contente ao aceitar minhas cem libras!

— Percebe que, se Gustave tivesse sido bem-sucedido, eu é que seria acusada e não ele?

— Ele pensou nisso. Para dizer a verdade, teve esperança de que o novo *chef* fosse enforcado pelo crime!

— Que horror!

— Gustave não imaginou que o novo *chef* pudesse ser uma mulher.

— Isso não faz com que seja menos horrível. Você não tinha o direito de tentar um empregado, principalmente um estrangeiro, a cometer um crime em seu favor...

Interrompeu-se. O rapaz terminou a frase por ela:

— Crime que fui covarde demais para tentar, eu mesmo. Era isso que estava pensando, não era?

— Acho que o assassinato, seja qual for a provocação, é o crime contra tudo que há de decente num ser humano...

— O marquês precisa morrer!

— Se morrer e suspeitarem de você, seu castigo será a... forca.

— Não suspeitarão de mim!

— Não. De mim! Para ser franca, não tenho intenção de morrer em seu benefício!

— Então, vou matá-lo. Se não conseguir, eu me mato!

Ao dizer isso, tirou qualquer coisa do bolso e Araminta achou que era uma pistola.

— Por favor, está me assustando de novo — disse ela, com voz trêmula.

— Não tenho intenção de assustá-la. Você aceita duzentas libras, ou quinhentas, se quiser, para colocar veneno na comida dele amanhã?

Como a moça não respondesse, insistiu:

— Você me deve isso, levando-se em consideração que foi quem impediu que Gustave fosse bem-sucedido.

— Está sendo ridículo! E sabe disso. Claro que não vou assassinar o marquês. Se fosse condenada e não me enforcassem, eu seria certamente deportada.

— Não, isso não deve acontecer. Nesse caso, é melhor que eu me mate imediatamente. Assim, não haverá mais problemas.

Ele estava tão transtornado que Araminta ficou com medo. Tinha a impressão de que ia pôr seu plano em prática imediatamente. Apesar do horror da situação, ela teria que explicar aos magistrados como é que se viu numa carruagem, à noite, com um rapaz que não conhecia e que nem mesmo lhe tinha dito seu nome.

— Por favor, afaste essa pistola e vamos discutir o assunto com bom senso. Talvez eu possa ajudá-lo.

— Poderia, mesmo?

Viu que o rapaz se agarrava a uma tábua de salvação e ficou imaginando se conseguiria mesmo ajudá-lo e impedir que se suicidasse.

— Dê-me a pistola — disse, estendendo a mão.

Achou que ele ia recusar. Depois, sentiu um objeto frio em sua mão e colocou-o no outro lado do assento, esperando que não disparasse.

— Vamos começar do princípio. Qual o seu nome?

— É Yeoman. Lorde Yeoman, se bem que não posso tirar grande proveito do meu título, agora!

— O meu é Araminta... Bouvais.

— Tenho certeza de que é muito bonita. Para dizer a verdade, o que vi de você, ontem à noite, provou que é um tipo muito incomum de cozinheira.

— Estamos falando de você. Não haverá outro meio de arranjar dinheiro, a não ser arruinando sua família?

— Nenhum, que eu saiba. Meu pai tem setenta anos e está doente. Minha mãe é mais moça, mas muito frágil, e acho que, quando souberem o papel de tolo que o filho fez, ambos morrerão!

— Compreendo que pense assim — disse Araminta, lembrando-se da mãe.

Lorde Yeoman cobriu o rosto com as mãos.

— Não posso voltar para casa e contar a meu pai a loucura que cometi.

— Tenho certeza de que ele seria mais... compreensivo do que você imagina.

— Ele saberia que é uma dívida de honra e que tem que ser paga.

Araminta ficou em silêncio. Dali a pouco, o rapaz disse:

— Se ao menos Gustave tivesse sido bem-sucedido! Ou se você fosse outro tipo de pessoa! O marquês morreria sem sofrer e eu estaria salvo!

E Harry também, pensou Araminta. Ficou envergonhada.

— A única alternativa é eu morrer — continuou o rapaz, desesperado. — Se morresse, acredito que ele não cobraria a dívida e talvez eu pudesse fazer com que parecesse um acidente.

— É mórbido e ridículo falar assim. Pode imaginar coisa mais tola do que um rapaz se matar por uma dívida de jogo? Você tem toda a vida pela frente, com muitas coisas boas para fazer, em vez de morrer como um covarde.

— Eu disse que você ia me considerar covarde — rebateu o rapaz, em tom de desafio.

— O suicídio é a solução dos covardes.

— Se eu só tivesse que pensar em mim mesmo, pagaria ao marquês e depois ficaria sentado diante da casa dele, em andrajos, pedindo esmola e esperando que ele tivesse vergonha de ter me levado a tal extremo. — Deu uma risadinha, onde não havia o mínimo traço de humor. — Em vez disso, serei obrigado a assombrá-lo, como um fantasma. Acha que ele teria medo do arrastar de correntes e de um fantasma carregando a cabeça embaixo do braço?

Araminta não respondeu. Lorde Yeoman continuou:

— Eu o odeio e o detesto! Eu o odeio e o abomino! Maldito! Maldito seja pelo que fez a mim e a outros iguais a mim!

Falou com tal violência que a moça sentiu uma vibração nos ouvidos.

Estavam perto de Russell Square. Precisava descobrir um jeito de ajudar o rapaz, antes que se separassem. Tinha certeza de que, no estado de desespero em que se achava, seria bem capaz de atentar contra a vida. Se isso acontecesse, ela teria remorsos para sempre. Percebeu que o rapaz chorava. Instintivamente, pôs a mão no braço dele.

— Sinto muito. Sinto muito.

Ele não respondeu, mas não havia dúvida de que chorava amargamente, com o

rosto coberto com as mãos. *Preciso ajudá-lo!*, pensou Araminta. Nesse momento, a carruagem parou diante da casa dela. Araminta tomou uma decisão.

— Ouça o que vou fazer. Vou falar com o marquês e tentar convencê-lo a esquecer sua dívida por causa do abalo que isso iria causar a seus pais.

— Ele nunca concordaria. Uma dívida de jogo tem que ser paga.

— Não, quando o credor se dispõe a não receber o dinheiro.

— Seria uma desonra para mim.

— Desonra maior seria você... matá-lo.

— Ele não lhe dará ouvidos.

— Farei o possível para que me ouça.

— Eu não devia permitir que fizesse isso.

Mas falou sem grande convicção e Araminta julgou perceber uma nota de esperança em sua voz.

— Deixe por minha conta. Se eu fracassar, pensaremos em outra coisa. Mas prometa-me não fazer nada drástico, até eu ter falado com o marquês.

— Pretende realmente falar com ele?

— Claro. Onde posso me comunicar com você?

— No Clube White. Ou talvez eu possa procurá-la em sua casa?

— Não, você não deve vir aqui. Mandarei um bilhete para o White, informando-o da decisão do marquês ou marcando um lugar onde possamos nos encontrar, você e eu.

— É muita bondade sua.

— Acho que é muita coragem — corrigiu Araminta. — Nunca falei com o marquês e tenho a impressão de que ele é... assustador.

— E é!

Havia qualquer coisa de muito jovem nele e Araminta perguntou:

— Posso perguntar que idade tem?

— Vinte e um anos e dois meses, de modo que não tenho a desculpa de ser menor.

— Talvez isso seja uma pena.

— Sou um homem, e devo assumir minhas responsabilidades. Mas, como vê, não passo de um tolo!

— Você fez o que muitos rapazes fazem, quando vêm a Londres pela primeira vez. Promete não fazer nenhuma tolice, até ter notícias minhas?

— Já lhe dei minha palavra.

— E vai esquecer meu endereço? Tenho motivos para não querer que na Mansão Wayne saibam onde moro.

— Pode confiar em mim.

— Então, vamos entrar. Dá licença de eu pagar a carruagem?

— Consideraria isso um insulto, se não soubesse que sua intenção é boa.

— Então, obrigada por me trazer para casa. Como acredito e confio em você, vou deixar aqui esta arma desagradável.

— Já lhe disse que pode confiar em mim.

Ele abriu a porta e a ajudou a descer.

Hannah tinha deixado a luz de fora acesa. Araminta e lorde Yeoman se encararam. Ele era bonito, apesar de magro, e tinha certeza de que era muito sensível para um rapaz de sua idade.

— Como pensei, você é muito bonita. E sou-lhe grato por tudo.

Beijou a mão dela e esperou que subisse os degraus da frente e abrisse a porta. A moça virou-se, acenou e entrou.

Dentro de casa, de repente, se sentiu fraca e exausta.

Estava cansada, mesmo antes de sair da Mansão Wayne, mas o drama do qual o rapaz a fez participar tinha diminuído ainda mais sua resistência, a ponto de mal poder subir a escada.

Agarrando-se ao corrimão, finalmente galgou os dois andares que levavam aos quartos.

Havia ali um silêncio absoluto. Todos dormiam. Quis procurar a mãe, como costumava fazer em criança, em busca de ajuda para um problema. Depois, pensou melhor: ninguém devia saber o que tinha acontecido.

Caro, mais prática do que ela, acharia ridículo que a irmã se preocupasse com os problemas de lorde Yeoman, quando elas próprias já tinham suficientes aborrecimentos. E como poderia tentar que a dívida dele fosse perdoada, quando estava tão envolvida em pagar as seiscentas libras que Harry devia ao marquês?

Mas Araminta achou, naquele momento, como tinha achado antes, que não podia se negar a ajudar o infeliz rapaz. Se ele se matasse, ela se sentiria responsável. Ao mesmo tempo, a idéia de ir falar com o marquês era assustadora. Quando se deitou, percebeu que tremia.

Se estava amedrontada na véspera, mais assustada ficou ainda no dia seguinte, ao sair para a Mansão Wayne, logo depois do almoço.

Não sabia se ia haver um jantar ou não, mas achou que, se o marquês tivesse essa intenção, lhe teria mandado recado por intermédio do general. Em todo caso, tinha ficado satisfeita por não ser obrigada a levantar cedo e arrastar Hannah aos mercados.

Na despensa da mansão havia comida suficiente para um jantar de doze pessoas. Se, depois de falar com o major Brownlow, achasse que precisavam de alguma coisa, podia ir fazer compras no mercado Shepherds, que supria a aristocracia da vizinhança.

Às onze horas, estava tomando café com a mãe, quando Hannah anunciou a visita do general.

Lady Sinclair ficou muito satisfeita. Tinha prazer em receber o velho, que estava sempre pronto a conversar com ela sobre seu falecido marido e sobre a vida dele no Exército.

Araminta e Caro levantaram e beijaram o rosto do general.

— Sente-se — disse *lady* Sinclair, depois que ele lhe beijou a mão. — Aceita café, ou prefere um cálice de Madeira?

— Café está ótimo.

Lady Sinclair serviu o café e Caro acrescentou-lhe açúcar e creme.

O general olhou para Araminta de um modo significativo e ela percebeu que ele tinha alguma coisa para lhe dizer em particular.

Mas não era fácil encontrar uma desculpa para ficarem a sós, de modo que mais tarde, quando ele levantou para se despedir, ela disse, em tom firme:

— Vou descer para acompanhar tio Alex. Você fica com mamãe, Caro.

A irmã compreendeu e Araminta acompanhou o velho amigo de seu pai.

Quando chegaram embaixo, ela o levou para a saleta dos fundos e fechou a porta.

— Vim procurá-la, Araminta, porque tenho um chamado especial para você, para amanhã à noite. Trata-se de um pedido de lorde Rothingham, que compareceu ao jantar de ontem. — Sorriu e continuou: — Talvez eu devesse ter começado dizendo o que você já sabe, isto é, que o jantar foi um verdadeiro sucesso e que o regente confessou que, pelo menos nessa ocasião, Bouvais sobrepujou Carême.

— Ele disse isso, realmente? — perguntou a moça, de respiração suspensa.

— O regente não gosta de reconhecer que foi derrotado e resolveu dar um jantar no qual Carême vai apresentar pratos que nunca foram vistos em Londres.

— Vejo que há aí uma competição que poderia durar indefinidamente — observou Araminta.

— Para vantagem sua, querida.

Olhou-o, com ar interrogador, e ele explicou:

— Foi por isso que vim procurá-la. Lorde Rothingham também está decidido a superar o marquês e quer que você apresente um jantar tão exótico que suplante tudo que foi servido ontem à noite.

— Acho que quase me comprometi a... ficar na Mansão Wayne... — disse Araminta, lembrando a conversa com o mordomo.

— Ainda não ouviu o fim da história. Lorde Rothingham disse que, se você fizer o que ele pede, amanhã, quando o príncipe for jantar com ele, está disposto a dobrar seus honorários!

— Dobrar?

— Ele lhe pagará quarenta guinéus!

— Não pode ser verdade!

— O dinheiro nada significa para homens como Rothingham. Arriscam quantias mil vezes maiores todas as noites, no pano verde. Ele quer provar ao príncipe regente que pode servir um jantar melhor do que o de Wayne.

Araminta riu.

— Eles são muito infantis!

— Muito! Ele e o marquês vivem disputando tudo.

— Será que sou capaz de fazer isso?

— Só você pode decidir. Mas acredito que haja alguns pratos que seu pai lhe pediu para fazer, ou dos quais lhe falou, que nunca apareceram na mesa de um inglês!

— Quarenta guinéus! — disse ela, quase sem fôlego. — Não posso recusar, posso?

— Significa que vai poder pagar a dívida de Harry mais depressa do que pensou.

— Graças ao senhor, tio Alex! Sabe perfeitamente que eu não esperava receber mais do que cinco guinéus e, assim mesmo, se tivesse sorte.

— Então vou dizer a Rothingham que aceita a oferta dele. Por falar nisso, ele espera que você gaste outro tanto, comprando artigos, sem dúvida caros, para o cardápio.

— É muito bom para mim, tio Alex!

— Só gostaria de ser bastante rico para poder ajudá-la, sem que se desse a esse trabalho.

Havia tanta bondade em sua voz e em seu olhar, que Araminta teve vontade de lhe falar sobre lorde Yeoman. O general compreenderia e talvez pudesse ajudar o rapaz melhor do que ela.

Já ia falar, mas ouviu barulho em cima, e achou que a mãe ou Caro estavam andando na sala de visitas. Se *lady* Sinclair percebesse que o general ainda estava em casa, certamente acharia estranho. Disse, baixinho:

— Pode avisar lorde Rothingham que aceito a proposta, mas que preciso saber até hoje à noite quantos convidados ele terá.

— Eu lhe mando um bilhete, querida. O jantar será antes do baile da duquesa de Beaufort.

— Então, não vai durar muito.

— Qualidade, não quantidade! — disse ele, sorrindo. — Haverá senhoras presentes. O regente irá em companhia de *lady* Hertford.

Araminta abriu a porta.

— Mais uma vez, obrigada, tio Alex.

O general sorriu.

Depois, com ar de conspirador, atravessou o saguão, e Araminta o acompanhou até a porta.

— Quarenta guinéus! — murmurou. — Como posso descobrir um cardápio digno desse dinheiro?

Antes de sair para a Mansão Wayne, depois de um almoço leve ao meio-dia e meia, contou a Caro o que ia fazer. Suplicou à irmã que começasse imediatamente a preparar confeitos e pudins maravilhosos.

— Vou começar, assim que mamãe for repousar. — Acrescentou, sorrindo: — Eu sabia que um dia teríamos que encontrar cem avestruzes, ou procurar um porco-espinho, ou uma perna de javali selvagem!

— Duvido que achássemos isso no mercado de Leadenhall.

— Tio Alex tem sido muito bom, não é mesmo?

— O melhor amigo que jamais poderíamos desejar — respondeu Araminta, com fervor.

Araminta foi para a Mansão Wayne tão apreensiva como se tivesse uma pedra no coração. Agora se arrependia de não ter confiado seu problema ao general.

Por outro lado, não havia nada que ele pudesse fazer.

Tinha certeza de que a aconselharia a deixar lorde Yeoman se arranjar sozinho.

Ao sol da tarde, a Mansão Wayne parecia ainda mais imponente do que na primeira vez que a viu.

Quando atravessou Park Lane, Araminta olhou para a casa de lorde Rothingham e achou que não era tão bela como a do marquês. Era de pedra cinza-escura, mas tinha um ar ameaçador, ao passo que o pórtico grego da Mansão Wayne dava à casa leveza, e uma elegância, que contrastavam com o peso da outra.

Os dois jardins eram contíguos e Araminta pensou, com um sorriso, na rivalidade que havia entre os donos.

Digamos que o jantar de lorde Rothingham seja considerado melhor do que os do marquês. Será que vão querer que eu apresente outro, ainda mais extraordinário?

Aquilo podia continuar indefinidamente e, se seus honorários fossem dobrados a cada vez, não tardaria a ser tão rica como seus empregadores!

Era um pensamento divertido e Araminta estava sorrindo, quando desceu a escadinha que levava ao porão.

— Chegou cedo, senhorita — disse Jim, ao abrir a porta. — Esperávamos que viesse bem mais tarde.

— Quero falar com o major Brownlow. Alguém pode me levar até ele?

— Eu poderia perguntar ao sr. Henson, mas ele está descansando.

— Então, não o incomode.

Jim foi chamar Henry, um rapaz bonito de quase dois metros de altura, como todos os lacaios da casa.

— O major está no escritório, srta. Bouvais. Se quiser ir comigo até lá em cima, posso perguntar se ele pode recebê-la.

— Obrigada.

Ela seguiu-o, mas o rapaz parou e disse, olhando para o chapéu de Araminta:

— Peço perdão, senhorita, mas deve tirar o chapéu. Não é correto um dos empregados ir à parte social da casa com roupas de passeio.

— Não, claro que não.

Desejou não cometer outra gafe, enquanto trabalhasse ali. Tirou o chapéu, alisou os cabelos e ajustou a saia do vestido branco. Era de algodão barato, com uma fita azul em volta da cintura, e muito modesto. Mas revelava as curvas macias de seu corpo esbelto.

Era um dia quente e ela trazia na mão o casaco que pretendia vestir à noite, ao sair. Colocou-o numa cadeira do corredor, com o chapéu em cima.

Quando escapuliu de casa, deixou que Caro explicasse à mãe que mais uma vez tinha que sair com Harry.

— Não sei onde Harry está, hoje à tarde — disse Araminta. — Só espero que não apareça em casa de repente. Diga a Hannah que fique de sobreaviso e impeça que ele veja mamãe antes que possa preveni-lo de que deve dar uma explicação por não estarmos juntos.

— É o que vou fazer. Acho que Harry não conseguiu vender ontem os cavalos pelo preço que deseja, de modo que vai tentar de novo, hoje.

— É uma boa desculpa.

Enquanto seguia Henry pela escada estreita que levava do porão ao andar de cima, ia pensando que era pouco provável que o marquês estivesse em casa àquela hora da tarde. Depois que falasse com o major, perguntaria quando poderia conversar com o marquês.

Ao acordar, de manhã, lembrando do episódio da noite anterior, achou que tudo era produto de sua imaginação. Como é que um rapaz podia ser tão estúpido, a ponto de arriscar no jogo uma enorme fortuna?

Lembrou depois que a quantia que Harry havia perdido era, para os Sinclair, proporcionalmente tão grande como aquela.

O escritório do major, no andar térreo, era pegado à biblioteca onde o marquês ficava, sempre que estava só.

Araminta não sabia disso, mas, enquanto ficou no corredor, à espera de Henry, notou as peças de mobília valiosas. Notou também, de relance, mais longe, o hall de mármore, de parede de um verde-claro, onde havia belas estátuas gregas.

Viu mesas de madeira douradas, com tampos de mármore, que ela sabia tinham sido entalhadas por grandes mestres do século anterior. Havia também espelhos Chippendale com pagodes chineses e dragões exóticos.

Henry demorou um pouco e ela se adiantou para ver um quadro. Era um retrato a óleo de um cavalheiro encostado numa urna de pedra. No fundo, via-se uma casa magnífica contra umas árvores, tendo um lago à frente.

Embaixo do quadro, havia uma placa onde estava escrito: “O Primeiro marquês de Wayne”, “por Thomas Gainsborough”.

Araminta examinou o quadro com interesse.

Não havia dúvida de que o primeiro marquês era um belo homem. Devia ser o avô ou o bisavô do atual. Parecia orgulhoso, mas agradável, e pensou se ficaria aborrecido ou talvez insultado, se soubesse quanta gente antipatizava violentamente com o atual detentor do título.

Estava tão interessada, que não viu Henry chegar.

— Demorei, senhorita, porque o major estava com o senhor marquês.

— Ele pode me receber?

— O senhor marquês deseja vê-la. Está na biblioteca. Aquela porta ali.

— O senhor marquês?

Sentiu o coração pular. Era verdade que desejava falar com ele, mas não antes de ter conversado com o major.

Henry já ia na frente, não em direção ao escritório diante do qual ela ficara à espera, e sim, ao longo do corredor.

— Há uma porta de comunicação entre o escritório do major e a biblioteca. Mas é melhor eu anunciá-la formalmente, senhorita.

Araminta via agora uma porta dupla de mogno entalhado, muito imponente.

Henry parou e olhou para a moça, com a mão na maçaneta.

— O senhor marquês vai levar um choque — disse, sorrindo. — Pensa que a

senhorita é homem. — Deu uma risadinha, ao dizer isso. Era uma impertinência, mas, ao mesmo tempo, Araminta achou confortador.

— O *chef*, milorde.

Prendendo a respiração, Araminta entrou na sala.

A biblioteca era maior do que esperava e muito mais imponente. Na realidade, era a sala mais bonita que já tinha visto na vida. Havia livros nas paredes, do chão até o teto, e mesas douradas, lindamente entalhadas e várias cômodas francesas. As cortinas eram de veludo vermelho, realçando o tapete Savonnerie que cobria o soalho.

Teve tempo apenas de relancear o olhar para tudo isso, porque logo o homem que estava de pé, à janela, olhando o jardim, se virou para ela.

Araminta ouviu a porta se fechar, com a saída de Henry.

Ficou bem junto à porta, os cabelos parecendo muito loiros contra as paredes escuras. Os olhos cinzentos, grandes e apreensivos, pareciam tomar todo o rosto de um oval perfeito.

O homem fitou-a, incrédulo.

Era mais alto do que Araminta o imaginava. Esperava que ele fosse autoritário e impressionante, mas não tão bonito e tão viril.

Estava vestido na última moda, mas, ao contrário do que acontecia com Harry, as roupas pareciam ajustar-lhe ao corpo perfeitamente, como se fizessem parte dele.

Mas havia no marquês algo de duro que se manifestava na expressão da boca e na maneira com que se mantinha ereto.

A voz dele quebrou o silêncio:

— Quem é você?

— Eu... sou... o *chef*... senhor.

Em contraste com a dele, a voz da moça soou fraca e tímida.

— Quer dizer que você é Bouvais?

— Sim, senhor.

— E foi você que planejou e fez o jantar de ontem e o de anteontem?

— Sim.

— É inacreditável!

Afastou-se da janela e dirigiu-se para a lareira de mármore, ficando de costas para ela.

— Talvez seja melhor você sentar-se — disse, dali a um momento.

— Obrigada, senhor.

Araminta compreendeu que aquilo era uma concessão, mas estava imaginando se suas pernas agüentariam por muito tempo mais.

O marquês lhe indicou uma cadeira reta de encosto dourado e assento de *petit point*.

Araminta sentou-se na beirada, cruzando as mãos no colo. Seus dedos estavam frios e seu coração batia acelerado.

— Você é mesmo o *chef*? — Olhou-a bem no rosto. — Não é uma brincadeira que estão fazendo comigo?

— Não, senhor. Fiz o seu jantar... e espero ter agradado.

— Todas as duas refeições foram fenomenais, como você bem sabe. Mas como pode ser tão experiente e ter aprendido tanto, sendo tão moça?

Araminta sorriu.

— Há muitos anos que cozinho, senhor, e tive um bom professor.

— Isso é óbvio, mas...

O marquês fez uma pausa. Depois, sorriu.

— Quando Sua Alteza Real souber disso, vai ter um ataque!

— Então, talvez seja melhor não... lhe contar.

— Quem é que conhece a sua identidade?

— Só o... general.

— Por enquanto, talvez seja melhor que continue assim. Se bem que acho que um segredo desses logo irá transpirar.

Araminta nada disse.

— O major Brownlow pretendia vê-la hoje à tarde para perguntar-lhe, por ordem minha, se quer ficar aqui, numa base permanente. Estaria de acordo?

— Infelizmente, creio que não, senhor. Mas gostaria de ficar até o fim da semana que vem, com exceção de amanhã à noite.

— E por que não pode vir amanhã à noite?

— Porque o general prometeu que eu faria o jantar de lorde Rothingham.

— Diabo! Bem que achei que Rothingham estava tramando alguma coisa, ontem à noite! Você tem que recusar!

— Infelizmente, creio que é impossível — disse Araminta, friamente. — Já disse ao general que aceito a proposta.

— Considera a proposta dele como tendo sido feita antes da minha?

— Sim, senhor.

O marquês parecia aborrecido, com uma ruga entre os olhos. Araminta fitou-o, apreensiva. Tinha muita coisa a lhe dizer e não queria vê-lo zangado.

— Está bem. Vá, se acha que deve, mas quero tornar uma coisa bem clara: espero que trabalhe só para mim, enquanto isso lhe for possível. Acho que seria melhor que viesse morar aqui.

— Não... não posso! E só posso fazer o jantar.

— Não pode fazer o almoço?

Araminta sacudiu a cabeça.

— Não, senhor.

— Suponho que, por ser tão boa cozinheira, acha que pode ditar suas condições, por mais inconvenientes que sejam para o dono da casa?

Havia na voz dele um tom de desprezo que a aborreceu.

— Como o senhor disse, posso ditar minhas condições. Só me resta lamentar, se isso lhe trazer algum inconveniente.

— Mas não pretende mudar essas condições, para a minha comodidade?

— Não, senhor.

Sentiu que o marquês estava refletindo se devia dispensá-la por desafiá-lo.

Ele é cruel, impiedoso!, pensou Araminta. *Mesmo que pudesse aceitar sua proposta, eu a recusaria, só de maldade!*

Ergueu o queixo e o encarou, com ar de desafio.

Os olhos de ambos se encontraram e Araminta sentiu que ele tentava sugestioná-la para que obedecesse.

Qualquer coisa de rebelde nela fez com que resolvesse nunca se entregar, fosse qual fosse a questão. Ao mesmo tempo, achava que o marquês devia estar ouvindo as batidas assustadas de seu coração.

— Muito bem, aceito suas condições — disse ele, finalmente. — Mas espero que ache o trabalho tão agradável que resolva ficar até o fim da estação.

— Creio que isso é impossível.

— Por quê? — perguntou, bruscamente.

— Por razões... pessoais, senhor.

— Com certeza você vai casar...

— Não, nada disso.

— Então, quer fazer o favor de explicar por que não pode ficar, como desejo, até eu sair de Londres?

— Desculpe, senhor, mas não posso lhe dar explicações. Procurarei agradar, até o fim da próxima semana; depois tenho que deixar o emprego.

O marquês apertou os lábios. Araminta percebeu que ele achava que ela estava sendo difícil. Não querendo irritá-lo mais, disse, em voz baixa:

— Posso falar com o senhor sobre um assunto completamente diferente?

— Claro que pode.

— Quando vim fazer seu jantar anteontem, trouxe vários pratos já preparados.

— Foi o que o meu secretário me informou. Isso é incomum, mas não me oponho a que você trabalhe da maneira que mais lhe convier.

— Obrigada, senhor, mas não é sobre isso que desejo falar-lhe.

— Que é, então?

— Quando fui jantar com os outros empregados, deixei na despensa os ingredientes para o preparo do *creme brulée*.

— Um de meus pratos favoritos.

— Foi o que depois me disseram. Acho que foi por isso que, quando voltei à despensa, depois do jantar, descobri que o creme tinha sido envenenado!

Se pretendia escandalizar o marquês, certamente o conseguiu. Ele a encarou, atônito:

— Envenenado?

— Sim, senhor. Vi um gato lambendo os ovos e o creme de leite e logo depois ele morreu!

— Quer dizer que alguém pretendia me matar?

— Sim.

— E sabe quem é essa pessoa?

— Seu último *chef* pôs o veneno na terrina, mas o fez por instigação de... outra

pessoa.

— De quem?

— De lorde Yeoman!

O marquês contraiu-se.

— Como é que sabe disso? Quem lhe contou?

— Ontem à noite, quando saí daqui, lorde Yeoman estava esperando por mim, numa carruagem de aluguel. Contou-me o que tinha acontecido e, como sua primeira tentativa fracassou, procurou me subornar para matá-lo, senhor!

— Jovem idiota! Vou mandar prendê-lo!

— Quando ele viu que eu não ajudaria, disse que ia se suicidar — continuou Araminta, serenamente. — Creio que o teria feito, se eu não o impedisse.

— Espera mesmo que eu acredite nessa história fantástica? — perguntou o marquês, asperamente.

— É a pura verdade. A não ser que se encontre uma solução para o problema de lorde Yeoman, ele certamente se matará. Prefere morrer a pedir aos pais que vendam a casa, o que seria necessário para obterem o dinheiro que lhe deve, senhor.

— Tudo isso é absurdo! Alguém tem que fazer com que Yeoman crie juízo. Ele não tinha o direito de ameaçar você, nem de se comportar de maneira tão histérica.

— Ele se comporta de maneira histérica porque está desesperado! O pai dele está doente. Lorde Yeoman tem certeza de que os velhos morrerão, se tudo o que possuem tiver que ser vendido.

— Isso é problema de Yeoman, não seu.

— Fiz com que se tornasse também meu, porque lorde Yeoman é muito moço e, sem a menor dúvida, muito tolo. Assim como muitos rapazes, ele veio para Londres para se divertir, mas o senhor representa um desafio ao qual não pôde resistir.

— Que quer dizer com isso?

— O senhor deve saber que suas maneiras dominadoras e sua reputação de sair sempre vencedor excitam a determinação dos moços. Querem enfrentá-lo, desejam vencê-lo. E, ao fazer isso, eles se destroem!

A voz de Araminta quebrou-se num soluço que não passou despercebido ao marquês.

— Obviamente, lorde Yeoman é seu amigo íntimo?

— Nunca tinha ouvido nem mesmo falar nele, até ontem.

— Então, por que se envolve tanto nos problemas dele?

— Porque é jovem e não é o primeiro rapaz que o senhor leva à falência. Se ele se matar... e tenho certeza de que é isso que pretende fazer... o senhor será responsável.

— Espera mesmo que eu me sinta responsável pela morte de todo e qualquer jovem idiota que joga fora um dinheiro que não possui, apostando num jogo de azar?

— É culpa sua, senhor, porque os incita a isso e porque é uma competição desigual... e injusta.

— Que quer dizer com injusta?

— O senhor pode perder. Não arrisca nada que lhe faça diferença. Mas eles

arriscam tudo. Não apenas o dinheiro que não possuem, mas também o futuro e... a vida.

— Não lhes peço que joguem comigo — disse o marquês, na defensiva.

— Não, abertamente. Mas, como o senhor tem tanto sucesso e encarna tudo que eles desejam ser, esses rapazes procuram enfrentá-lo. Não compreendem que, sendo o senhor tão rico, tão poderoso, tão autocrata, já estão derrotados, antes de começar...

Agora não havia dúvida quanto ao solução na voz de Araminta.

Receando desatar num choro, ela levantou e foi para a janela, procurando se controlar.

O marquês não se moveu, mas a observou. Dali a momentos, perguntou serenamente:

— Que quer que eu faça?

Araminta virou-se para ele. Seus olhos estavam úmidos e seus lábios tremiam.

— Peço-lhe que perdoe a dívida de lorde Yeoman. Isso significa muito pouco para o senhor. Na realidade, nada tem a perder. — Respirou fundo e continuou: — Mas, se fizer isso, não só salvará a vida de um jovem, mas mostrará que sabe ser generoso e compreensivo, uma coisa da qual ninguém o julga capaz.

— Você é muito franca! — disse ele, com um sorriso enviesado. Houve uma pausa.

— Sinto muito... Perdoe-me, se fui... rude.

— Digamos que franqueza a meu respeito é coisa que raramente ouço. Mas, pelo que acaba de dizer, posso deduzir que não tem uma grande opinião a meu respeito.

— Minha opinião sobre o senhor não tem importância. Estávamos falando de lorde Yeoman.

— Nunca, em toda a minha vida, e isto é a pura verdade, recebi um pedido tão estranho. Talvez eu deva não apenas atender ao seu pedido, como lhe prometer que, daqui por diante, pedirei aos meus adversários o atestado de nascimento, antes de concordar em jogar com eles.

Estava sendo sarcástico, mas os olhos de Araminta se iluminaram.

— Está falando sério? Vai perdoar a dívida de lorde Yeoman? — perguntou, quase sem fôlego.

— Não me dá alternativa. Tenho que fazer o que me pede, ou condenar aquele idiota à morte. Como disse, isso pesaria na minha consciência... se eu tivesse uma.

— Creio... que tem.

Araminta se aproximou dele e fitou-o bem nos olhos.

— Acho que, se eu concordar com essa estranha proposta, devo fazer com que você me conte sobre você.

— Não posso... fazer isso.

Não sabia por quê, mas não podia despregar os olhos do rosto do marquês. Os olhos dele eram cinzentos, um pouco mais pálidos do que os dela, parecendo de aço. Eram também penetrantes, como se quisessem devassar a alma de Araminta. Achou que estava imaginando coisas.

Ele é magnífico!, pensou. *Afinal, não é tão assustador como parece. Perdoou lorde Yeoman e devo lhe ser grata.*

- Por que não pode falar sobre sua vida?
- Não há nada para contar.
- Sei que não é verdade e estou curioso.
- Sinto muito. Como o senhor foi tão... bondoso, eu gostaria de fazer sua vontade.

Mas não posso.

- Por que não?
- Porque tem que ficar em segredo. Não atinge apenas a mim. Há... outra pessoa. Estava nervosa e constrangida e baixou os olhos. O marquês ficou em silêncio.

— Tenho que voltar para a cozinha, senhor. Não sei quantas pessoas vêm jantar aqui hoje e... não preparei nada.

- Vou fazer um trato com você.

— Um trato? — perguntou Araminta, nervosa, olhando de novo para ele.

— É uma coisa justa. — Apaziguou-a. — Vou procurar lorde Yeoman, digo-lhe que a dívida está cancelada e despacho-o para o campo. Ele precisa crescer, antes de entrar de novo numa sala de jogo.

Araminta bateu palmas.

— Isso seria maravilhoso, senhor! Lorde Yeoman está no White. Espera que eu lhe mande uma mensagem.

- Vou vê-lo pessoalmente. Isto é, se você cumprir sua parte do trato.

— Que quer que eu faça?

— Quero que hoje faça um jantar só para mim. Depois, quero que venha conversar comigo. É pedir muito?

- Não... — respondeu Araminta, em tom dubio. — Creio que... não.

— Mas prefere não fazer isso?

— Não é bem assim. É que eu... nunca...

La dizer que nunca tinha ficado sozinha com um homem. Depois lembrou-se do que achavam que era: um *chef*.

Uma cozinheira dificilmente precisaria de uma acompanhante, e o marquês não entenderia sua hesitação.

Por outro lado, isso era muito pouco convencional, e o fato de ele receber em sua sala uma das criadas despertaria comentários, lá embaixo.

Como se adivinhasse os pensamentos dela, o marquês se adiantou:

- Tem razão. Não devemos conversar aqui. Dá licença que a leve para cear fora?

Há lugares onde podemos conversar e tomar uma taça de champanhe, sem que nos incomodem.

Mamãe ficaria horrorizada!, pensou Araminta. Depois lembrou que a mãe jamais chegaria a saber. Se aquilo fosse necessário para salvar lorde Yeoman, não podia recusar. O marquês a fitava e, como percebesse sua hesitação, disse:

- Pode confiar em mim. Não a deterei por mais tempo do que desejar.

— Então... muito obrigada, senhor. Terei muito prazer em fazer o que... sugeriu.

Fez uma reverência e dirigiu-se para a porta.

Lá chegando, hesitou e virou-se para ele:

— Espero que compreenda que... terei que ir vestida... assim como estou — disse, em voz baixa. — Talvez o senhor sinta vergonha de minha... aparência.

— Não terei vergonha. Mas, para que não fique constrangida, vamos a um lugar muito tranquilo.

— Obrigada, senhor.

Araminta fez uma nova reverência e saiu da sala. Quando se viu lá fora, teve a impressão de que tinha estado num mar tempestuoso, mas que, por milagre, escapara de se afogar.

CAPÍTULO V

Pela janela, Araminta via uma porta brilhantemente iluminada e um laçao de cabeleira empoadada abrir a porta da carruagem à frente deles.

— Parece muito elegante! — disse, apreensiva.

Sentado a seu lado, o marquês sorriu.

— Não precisa ficar nervosa. Ninguém nos verá.

Não compreendeu o que ele queria dizer, até terem entrado num corredor largo e enfeitado e serem levados por uma escada larga ao primeiro andar.

Lá havia um corredor comprido, com portas em ambos os lados.

O homem que os acompanhava abriu uma delas, e disse, com sotaque estrangeiro:

— Espero que seja do gosto do senhor marquês. Vou mandar o *maitre*, imediatamente.

Araminta olhou à volta, apreensiva, e depois surpresa com o que viu.

Era uma sala pequena, quadrada, decorada com um papel de parede vistoso e cortinas franjadas de veludo vermelho. A luz era suave. Havia um sofá grande, confortável, cheio de almofadas de seda, e uma mesa com toalha de renda e duas velas acesas.

Virou-se para o marquês, como que pedindo uma explicação.

— Conforme lhe disse, não seremos vistos — disse ele, serenamente.

— Mas pensei que fosse um restaurante.

— E é. Há aqui um *chef* do qual acho que vai gostar. Mas o freguês pode também conseguir *un cabinet particulier*.

— Parece... estranho.

Quando subiam a escada, ela ouviu vozes ao longe e o som de música. Tinha certeza de que havia muita gente lá embaixo, talvez no restaurante grande, do tipo onde tinha medo de entrar.

Em todo caso, pensou, aqui, sozinha com o marquês, não preciso ter vergonha de meu vestido modesto. Tirou o casaco. Ele o colocou numa cadeira junto à porta.

Depois de ter feito o jantar na Mansão Wayne, Araminta tinha perguntado onde podia se lavar e uma das criadas a levou para um quarto vazio, no porão. Era mobiliado modestamente, mas limpo, havendo ali uma bacia e um espelho. Lavou-se cuidadosamente e depois desejou ter um vestido bonito, elegante, para usar naquela noite.

Quando saiu de casa, de manhã, tinha tido a intenção de usar sua melhor roupa, já que pretendia ir falar com o marquês. Mas sabia que de qualquer forma pareceria muito pouco elegante, em comparação com as senhoras que ele costumava acompanhar.

Seja como for, que importância tem a minha aparência?, pensou, naquele momento. *Ele me trouxe aqui porque, tendo cedido ao meu pedido sobre lorde Yeoman, acha que deve me castigar de alguma forma.*

Ao mesmo, tempo, qualquer coisa de muito feminino nela fazia com que desejasse que ele a admirasse como mulher. Estava surpresa com seus sentimentos a respeito do

marquês.

Ela o tinha odiado pelo que fez a Harry e estava disposta a lutar contra ele, no que dizia respeito a lorde Yeoman. Mal podia acreditar que tivesse capitulado tão facilmente e que o rapaz estivesse a salvo das conseqüências de sua estupidez.

Tinha certeza de que o marquês ia exigir, como disse, que lorde Yeoman voltasse para a companhia dos pais, no campo. Em todo caso, tinha aprendido sua lição e nunca mais agiria de maneira tão irresponsável e idiota.

O marquês foi muito bom e preciso mostrar que lhe sou grata, pensou Araminta.

Depois do jantar na Mansão Wayne, um laçao foi à cozinha e comunicou, com uma nota de surpresa na voz:

— O patrão diz que vai para o seu lado, senhorita, e que pode levá-la.

— É muita bondade do senhor marquês — respondeu Araminta, friamente.

Mal sabia que a criadagem a olhava com ar indagador, quando subiu a escada que levava da cozinha ao andar de cima.

Quando ela apareceu, Henson adiantou-se e falou, num tom que achou ser de aprovação:

— O sr. marquês ainda não está pronto, srta. Bouvais. É melhor ir para a carruagem.

— Está certo.

Uma carruagem fechada, com o brasão do marquês, esperava à porta. Araminta tinha acabado de sentar, quando ele apareceu no saguão iluminado.

Achou impossível não ficar impressionada com sua aparência. Tinha visto muitas vezes seu pai e alguns vizinhos em traje de noite, mas não podiam ser comparados com o marquês. Seus cabelos estavam penteados no estilo meio revoltado lançado pelo regente entre os elegantes. A gravata imaculada contra o queixo firme era um triunfo de elegância e o fraque lhe assentava como uma luva.

Por que não tenho um vestido tão elegante assim?, pensou, desejosa.

A razão era que o dinheiro reservado para a compra de alguns vestidos bonitos ia ser entregue ao próprio marquês, como pagamento de uma dívida de jogo de Harry!

Se ele soubesse quanto estava sofrendo!

Depois, esforçando-se para ser sensata, lembrou que o relacionamento entre os dois era de patrão e empregada e que a aparência dela não interessava ao marquês.

Mas agora que tinha tirado o casaco, não pôde deixar de ter consciência de sua aparência. Ele, com sua magnificência, parecia encher toda a sala.

— Há muitas salas como esta? — perguntou a moça.

Estava constrangida e não o olhava, mas achou que precisava dizer alguma coisa.

— Há várias e são muito procuradas.

— Por quem?

— Por pessoas que, como nós, não desejam ser vistas. Os fregueses são, na maioria, homens casados que desejam sair com uma senhora bonita, sem que as esposas fiquem sabendo.

Araminta nada disse. Dali a momentos, ele continuou:

— Parece que isso a scandalizou.

— Não estou realmente scandalizada. Estou surpresa. Creio que, como meu pai e minha mãe eram muito felizes juntos, não compreendi que há homens que queiram enganar as esposas desse modo.

O marquês afastou uma cadeira e ela sentou-se à mesa. A porta se abriu e um garçom apareceu com o cardápio. O marquês perguntou a Araminta:

— Você comeu alguma coisa, hoje à noite?

Ela sacudiu a cabeça.

Estava tão preocupada com o jantar que ia fazer para ele e, também, inexplicavelmente, tão excitada com o que a esperava, que não sentiu fome.

— Então, faço questão de que experimente uma das especialidades que tornaram Louis famoso. Quer que eu faça a encomenda?

— Sim, por favor. Mas não estou com muita fome.

O marquês deu uma ordem em francês fluente e o garçom se retirou.

— Quem é Louis?

— É um francês que veio para a Inglaterra; abriu este restaurante e obteve grande sucesso.

— Ouvi dizer que muitos *chefs* deixaram a França depois da revolução e durante a guerra.

— Louis é um deles. Trabalhava para o duque de Chamois. Se o duque ainda estiver vivo, o que duvido, não poderá mais se dar ao luxo de ter um *chef* caro como Louis!

— Fez uma pausa e acrescentou, com um sorriso: — É considerado o mestre, mas permita-me dizer que não acho que tenha a sua categoria, srta. Bouvais.

— Obrigada.

— Gostei do meu jantar, hoje.

— Isso me alegra.

Araminta tinha de fato ficado um pouco apreensiva, temendo que ele achasse o jantar muito simples. Não tinha gostado da carne que estava na despensa, mas haviam chegado do campo galinhas, ovos e verduras. Com isso, fez o prato principal, e o jantar terminou com *creme brûlée*.

— Não acho possível comer mais alguma coisa — disse o marquês. — Mas quero que você se divirta e esqueça o trabalho.

A mesa era pequena e ele sentou-se ao lado dela, em vez de ficar de frente.

Fitou-o e, assim como na carruagem, teve consciência da proximidade dele.

— Qual é o seu primeiro nome?

— Araminta.

— Incomum e bonito!

A moça corou.

— Você me disse que ficou surpresa, quando soube que os homens vêm a lugares como este. Mas deve saber que a maioria dos casamentos não dá certo.

— Tenho certeza de que isso não é verdade. A não ser, talvez, em Londres.

— Acha que no campo é diferente?

— Garanto que é. Os cavalheiros que moram no campo não têm tantas horas de lazer para desperdiçar nas mesas de jogo ou com outras mulheres.

Falou com firmeza, mas, quando o marquês respondeu, havia em sua voz um tom zombeteiro:

— É muito severa e intolerante, o que é uma característica da mocidade.

— Talvez o que o senhor esteja realmente dizendo é que nossas exigências são mais altas, porque ainda não nos desiludimos.

— Pode ser. De fato, há muitos anos que não tenho mais ilusões.

Araminta ficou pensando se seria essa a explicação para o que Harry e lorde Yeoman tinham descrito como a atitude reservada e orgulhosa do marquês.

O garçom trouxe uma garrafa e champanhe num balde de prata cheio de gelo.

— Gosta de champanhe?

— Raramente bebo. A não ser, num aniversário ou no Natal. — Achou que o marquês ia estranhar isso e acrescentou: — Meu pai preferia clarete, e, seja como for, nossa família não podia se dar a esses luxos.

— Sua família é pobre?

— Muito pobre, a julgar pelos seus padrões, senhor.

— Acho que você não é bastante forte para trabalhar tanto quanto tem trabalhado.

— É cansativo, mas eu me arranho.

— Mesmo assim, acho que é demais para você.

— Depois que sair de sua casa, no fim de semana, não vou precisar trabalhar tanto.

— Para onde vai?

Relanceou o olhar para ele, como se compreendesse que a pergunta era uma armadilha, e respondeu evasiva:

— Para... o campo.

— E não vai casar?

— Já lhe disse que não.

— Mas muitos homens devem ter pedido você em casamento.

Araminta riu.

— Posso responder com toda a franqueza?... Nenhum!

— Então, deve morar numa ilha deserta. Ou num lugar onde todo mundo é cego!

Araminta ia rir de novo, mas os olhares de ambos se encontraram e o riso morreu em seus lábios.

— É muito bonita, Araminta! — disse ele, suavemente. Percebeu que usou seu primeiro nome pela primeira vez. Mas não foi só isso; foi também a expressão dos olhos cinzentos que fez com que se sentisse insegura e amedrontada, embora sem saber por quê.

Foi um alívio quando o garçom trouxe a comida.

Um *consommé* límpido e dourado foi seguido por um prato que despertou a curiosidade de Araminta.

— Chama-se "*Poulet Suprême Louis*" — explicou o marquês. — É uma especialidade do proprietário. Estou interessado em saber sua opinião.

Ele não estava comendo; brincava com algumas azeitonas pretas e algumas nozes

que tinham sido colocadas à sua frente.

Araminta provou o prato de galinha.

— Muito gostoso!

— É um grande elogio, vindo de você — observou o marquês, sorrindo.

— Minha única crítica é que o nome está errado.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não devia se chamar *Poulet Suprême Louis*. A primeira palavra devia ser *lapin*.

— Coelho! Velho safado! Mas poucas pessoas notariam a diferença e, naturalmente, coelho é muito mais barato do que galinha. — Riu e acrescentou: — Vou mandar chamar Louis e quero ver a cara dele, quando souber que foi desmascarado!

— Não, por favor. Eu não gostaria que fizesse isso. Seria embaraçoso e, como o senhor disse, poucas pessoas notariam a diferença. — Achou que o marquês ia insistir e pediu, de novo: — Por favor...

— Não vou fazer nada que a contrarie. Mas devo dizer, Araminta, que tem uma influência muito estranha sobre mim.

— De que modo?

— Não me lembro de ter permitido que minhas intenções fossem influenciadas por uma mulher. Agora, no espaço de algumas horas, vejo minha determinação solapada e meus desejos contrariados.

— Acho que não lhe agradei bastante por sua bondade, em relação a lorde Yeoman. Ele ficou muito surpreso?

— Ficou atônito! E me pediu que transmitisse a você seus mais sinceros e profundos agradecimentos.

— E vai voltar para o campo?

— Foi uma das minhas condições para cancelar a dívida.

— Achei que seria assim mesmo.

— Por que tanta certeza?

— Eu tinha a impressão de que o senhor ia tentar explicar sua generosidade, exigindo em troca uma... concessão da parte dele.

— Como exigi de você?

— Não foi muito difícil eu concordar com o que... me pediu.

— Mas tive a impressão de que você relutou, por achar que era pouco convencional vir cear comigo.

— É uma coisa que... nunca fiz antes.

— Nunca fez uma refeição sozinha com um homem?

— Nunca!

— E disse que nunca a pediram em casamento?

A moça sacudiu a cabeça.

— E nunca foi beijada?

Araminta teve um sobressalto e ficou ruborizada.

— Não. Claro que não!

— Você é muito moça. Apesar disso, entende de arte culinária a ponto de poder ser

invejada por pessoas vinte anos mais velhas. Não compreendo.

— O senhor disse que não íamos falar do meu trabalho.

— Você faz com que seja muito difícil eu não sentir curiosidade a seu respeito. De novo, Araminta, está tentando impedir que faça o que quero.

— E isto é...

— Conhecê-la melhor e procurar compreender por que é o que é.

— Prefiro falar sobre o senhor.

— É um assunto que acho muito maçante. Mas estou disposto a ser justo. Que deseja me perguntar, especialmente?

Araminta o encarou. Estava reclinado na cadeira, com uma taça de champanhe na mão e parecendo muito à vontade. Achou difícil compreender por quê, quando se dirigia a ela, seu coração parecia saltar dentro do peito. E, quando ele lhe fazia elogios, sentia um nó na garganta.

— Gostaria de saber por que o senhor fica separado da vida, como se estivesse num morro, e todo mundo num vale, lá embaixo — disse ela, afinal.

O marquês assustou-se e se endireitou na cadeira.

— Quem é que andou falando a meu respeito?

— Ninguém em particular. É que sempre ouvi dizer que o senhor era reservado e, de certo modo, diferente dos outros homens. E também sinto isso a seu respeito.

— Por quê?

Houve uma pausa. Araminta respondeu, lentamente:

— Não é pelo fato de o senhor ter uma aparência magnífica, nem porque é rico e poderoso. Acho que a impressão que causa vem da sua... mente.

O marquês ouvia atentamente e ela fez um gesto desanimado com as mãos.

— Estou me explicando muito mal.

— E acha isso desagradável?

— Não, nada de desagradável. Um pouco... assustador, mas também desperta a curiosidade... e faz com que o senhor pareça diferente dos outros.

— Tudo em você me deixa perplexo! Que idade tem?

— Quase dezenove.

— Garanto-lhe, Araminta, que, se sou diferente dos outros homens, você também é muito diferente de todas as moças da sua idade.

— Eu? Espero que não!

— Por que espera isso?

— Porque quero que elas...

Interrompeu-se, subitamente. Compreendeu que, estando muito interessada na conversa, falava sem pensar; quase mencionou o fato de que tinha vindo debutar em Londres.

No momento, esqueceu que não havia futuro para ela na sociedade e que, no fim da semana, ia voltar para a monotonia de Bedfordshire. Lá, encontraria de novo todos os vizinhos que conhecia, a vida inteira.

— Você ia dizer?... — perguntou o marquês, provocando-a.

— Não tem importância. E estávamos de novo falando de mim, não do senhor!

— Eu lhe fiz uma pergunta e você respondeu de uma maneira que considero surpreendente.

— Posso lhe fazer uma?

— Creio que sim.

— Por que motivo o senhor, com toda a sua inteligência, desperdiça seu tempo ganhando no jogo um dinheiro do qual não precisa e que na realidade não faz a mínima diferença na sua vida?

Ele refletiu por um minuto.

— É um jeito de passar o tempo.

— Mas por que haveria de querer passá-lo de maneira tão idiota quando há tantas outras coisas para uma pessoa inteligente e distinta como o senhor fazer?

— O que está sugerindo?

— O senhor tem uma propriedade no campo. Certamente, está a par da terrível depressão que atingiu a agricultura, desde o fim da guerra. — Viu a surpresa do rosto dele. Mesmo assim, continuou: — A história nos conta que é sempre a mesma coisa, depois de uma guerra: os fazendeiros, que são uma necessidade durante as hostilidades, logo são esquecidos; a comida importada é mais barata do que a produzida em casa. Muitos dos empregados nas fazendas foram despedidos e estão morrendo de fome. Os bancos do campo foram à falência, outros se recusam a fazer novos empréstimos. Alguém deve tomar a defesa dessa gente e fazer com que o governo tome conhecimento de sua miséria!

O marquês colocou na mesa sua taça de champanhe.

— Como é que sabe de tudo isso?

— Porque moro no campo. Converso com os fazendeiros vizinhos. Vejo o que acontece, quando as colheitas ficam abandonadas.

Não disse que Bedfordshire era um condado que produzia grande parte de verduras vendidas em Covent Garden. Também tinha ouvido o pai predizer o que aconteceria com os fazendeiros; aqueles que ela conhecia desde criança gostavam de ter alguém que ouvisse suas queixas.

— Acho a Câmara dos Lordes muito maçante — disse o marquês, como se defendendo.

— Mas, certamente, é mais interessante jogar com vidas humanas do que com as cartas de baralho.

Um garçom entrou para tirar os pratos. Serviu duas xícaras de café e trouxe um licor para o marquês.

Depois, Araminta viu, com surpresa, que ele apagava todas as luzes, com exceção do abajur perto do sofá e as velas em cima da mesa.

Saiu, fechando silenciosamente a porta.

Araminta se sentiu constrangida. Pareceu-lhe que as sombras eram ameaçadoras e que a luz que se refletia nas almofadas do sofá era um convite que não compreendia.

Mal havia tocado no champanhe, mas agora tomou um gole e disse, nervosa:

— Está ficando tarde. Acho que devo voltar para casa.
— A noite é jovem. E há muitas coisas que quero lhe dizer, Araminta.
— Talvez seja indelicadeza, mas acho que não devia estar aqui, sozinha com o senhor.

— Por que acha isso?
— Nunca estive num restaurante. Claro que já ouvi falar neles. Mas não achei que fossem como este. Como o senhor disse, é um lugar secreto... aonde vêm as pessoas que não querem ser vistas.

— Acha que estamos fazendo alguma coisa errada?
— Não. Mas, se alguém soubesse que estamos aqui, talvez achasse que é errado o senhor estar me acompanhando.

— Garanto-lhe que qualquer um de meus conhecidos ia achar que tenho muita sorte por estar em companhia de uma criatura bela e atraente.

Qualquer coisa no tom de voz dele fez com que Araminta sentisse que não teria falado com ela daquele jeito, se a encontrasse, socialmente, na sala de visita de *lady* Sinclair.

Pareceu-lhe que as paredes da sala a prendiam e achou que devia fugir enquanto podia.

Empurrou a cadeira e levantou.

— Sou-lhe muito grata, senhor, por ter sido tão bom com lorde Yeoman. Já cumpri minha parte de nosso trato. Por favor, posso ir para casa?

— Suponhamos que eu diga que precisa ficar mais um pouco e que não a deixe partir.

Araminta teve a impressão de que seu coração parava. Olhou para ele e viu uma expressão que a deixou de respiração suspensa. Erguendo o queixo, disse, calmamente:

— O senhor prometeu que não me obrigaria a ficar, se eu não quisesse. Acho que devo exigir que cumpra a palavra.

— Desde que nos conhecemos, você sempre conseguiu o que queria. Não acha que agora chegou a minha vez?

Continuava sentado, mas parecia dominá-la. Percebeu um brilho ardente no olhar dele, mas talvez fosse apenas um reflexo de luz.

— Por favor, não gosto... deste lugar. Há qualquer coisa... que não sei explicar. Não devia estar aqui.

Pensou que o marquês ia protestar, mas, de repente, ele sorriu.

— Tem razão, Araminta. Não é um lugar para você, mas não havia outro aonde eu pudesse levá-la para ficarmos a sós.

Levantou, pegou o casaco da moça e colocou-o nos ombros dela. Suas mãos por um momento tocaram os ombros de Araminta, como se quisessem mantê-la prisioneira.

— Posso dizer que, às suas outras qualidades, tem a grande habilidade de escapar de uma situação difícil?

Não entendeu bem o que ele quis dizer, mas dirigiu-se para a porta. Os dois saíram para o corredor.

Quando desciam a escada, notaram que a música e os ruídos eram ensurdecedores. Ao chegarem ao hall de entrada, o marquês pegou o braço de Araminta e levou-a até a escada.

Um empregado foi buscar a carruagem, mas só quando estava sentada lá dentro foi que Araminta percebeu que, se ele a levasse para casa, ficaria sabendo onde morava.

— Qual o seu endereço?

Ela hesitou um momento.

— Estou em Russell Square, número 36.

Era o único oposto à casa que o duque de Bedford lhes havia emprestado.

Depois que o laçao fechou a porta da carruagem, ficou imaginando como poderia impedir que o marquês entrasse na casa.

— Está em casa de amigos?

— Sim, estou. Até o final da semana.

— Espero que cuidem bem de você. Londres pode ser uma cidade, perigosa para uma jovem tão linda.

— Todo mundo tem sido muito bom para mim.

— E eu também?

— Já lhe disse que lhe sou muito grata.

— E gostou da noite de hoje, apesar de não querer demorar mais?

— Gostei... de conversar com o senhor. Mas deve compreender que é uma coisa que não pode acontecer de novo.

— Por que não?

Ela hesitou. Seria fácil dizer que era por ela ser sua empregada e que os outros lacaios achariam muito estranho. Mas, se desse tal explicação, não estaria sendo de todo sincera.

Havia algo mais profundo, alguma coisa que lhe dizia que não devia se envolver muito com ele. Tinha a impressão de que caminhava sobre areia movediça.

Gomo se novamente adivinhasse o que ela estava pensando, o marquês perguntou:

— Acha realmente que é a última vez que vamos conversar? Você me fez pensar em muitas coisas. Deixou-me surpreso e perplexo, e posso dizer que também me encantou de uma maneira que nunca senti?

Araminta fitou-o, mas depois desviou o olhar, percebendo que estava mais próximo. Experimentou uma sensação estranha e incompreensível.

— Eu a verei de novo, Araminta, pode estar certa disso!

— Seus criados iriam... falar — disse, em voz baixa.

— Que falem!

— Seria um... erro.

— Não, para mim. E estou pensando em mim. Se quer mudar meu estilo de vida, não pode fazer sugestões drásticas e depois afastá-las de sua mente, como se não tivessem a mínima importância.

— O senhor vai fazer o que sugeri a respeito dos fazendeiros?

— Vou estudar o assunto. Mas quero conversar sobre isso. Não vejo razão para

concordar com suas idéias, se você se recusa a discuti-las comigo.

— Deve compreender que é... difícil.

— As únicas dificuldades são criadas por você. No que me diz respeito, é tudo muito claro! Quero vê-la de novo, Araminta, e pode ficar certa de que vou procurar vê-la!

Ela ficou de respiração suspensa, ao notar a firmeza com que ele falava.

Continuaram em silêncio, dali por diante. Embora ele não se movesse, Araminta sentia que estava ainda mais perto dela. Parecia-lhe que o marquês a envolvia em seus braços, dominador. Mas não tinha medo; estava estranhamente excitada, uma sensação que desconhecia até aquele momento.

A carruagem parou muito antes do que ela esperava e Araminta achou que o restaurante devia ficar mais perto de Russell Square do que de Park Lane.

— Quer que o laçao toque a campainha? — perguntou o marquês.

— Não, não! Todos devem estar dormindo. Tenho a chave.

O laçao abriu a porta e o marquês desceu para ajudá-la. Ela estendeu-lhe a mão.

— Boa-noite, senhor, e muito obrigada!

Ele se inclinou e beijou-lhe a mão.

Os lábios apenas roçaram a pele, mas Araminta sentiu que a queimavam. Depois, com um movimento rápido, ela correu, não para a escada da frente, mas ao portãozinho que levava ao porão.

Tinha certeza de que o marquês não a seguiria. Dali a um momento, ouviu o ruído da carruagem que se afastava.

Esperou até ter certeza de que não a veriam e subiu de novo a escada.

O largo estava deserto, mas era como se o marquês ainda estivesse a seu lado.

Não posso esquecê-lo!, pensou, em pânico.

Começou a correr, mas sabia que não havia fuga possível.

No dia seguinte, bem cedo, Araminta se dirigiu para os mercados. Na noite anterior, acordou Hannah, ao chegar, e contou-lhe o que tinha resolvido comprar para o jantar de lorde Rothingham.

— O general deixou um bilhete — disse Hannah. — São vinte convidados e o jantar deve ser servido cedo.

— Já planejei o cardápio, mas talvez tenhamos que mudá-lo, conforme o que encontrarmos para comprar.

Por sorte, a maioria dos artigos que queria era fácil de se obter. Lorde Rothingham tinha pedido um jantar exótico e Araminta pensou, com um sorriso, que ele não ia ter motivo de queixa.

— Sei o que papai diria sobre o seu cardápio! — comentou Caro, quando viu as compras.

— O quê?

— Que você está preparando um jantar extravagante e vulgar, para glutões!

Araminta riu.

— É exatamente o que vou fazer. Não conheço lorde Rothingham, mas parece-me que é um homem estúpido, que só está com inveja do vizinho.

— Não há dúvida de que você gastou muito dinheiro.

— Garanto que ele é do tipo que acha que, quanto mais gastar, mais bem servido será!

As compras tinham levado mais tempo do que ela e Hannah esperavam, porque Araminta queria caviar russo legítimo e tiveram que ir a vários lugares, antes de conseguí-lo.

Lady Sinclair tinha perguntado por Araminta e por Hannah e Caro foi obrigada a dizer que as duas haviam saído.

Quando Araminta finalmente apareceu, a mãe perguntou:

— Onde é que esteve, querida?

Felizmente, a moça estava com uma resposta preparada:

— Caro não lhe contou, mamãe, que Harry vai dar um jantar hoje, na casa dele, e que prometi fazer alguns pratos?

Lady Sinclair ficou surpresa e Araminta explicou:

— Hannah e eu achamos que era muito mais barato comprar os ingredientes no mercado. Tenho certeza de que compreende, mamãe.

— Naturalmente. Harry não está em condições de pagar os preços exorbitantes das lojas de Mayfair.

— Claro que não!

Caro havia preparado um confeito que certamente ia deixar lorde Rothingham intrigado, além de encantar o príncipe regente. Com grande habilidade, armou uma coroa enorme e colorida, colocando em volta miniaturas de todas as coisas pelas quais Sua Alteza Real se interessava. Havia uma pequena réplica do Pavilhão de Brighton, feita de açúcar branco; quadros feitos com bolo de gengibre, além de objetos de arte, coloridos, de marzipã.

A obra prima de Caro eram várias deusas gregas, usando as clássicas roupas drapeadas que apenas ocultavam a nudez.

— Você é um gênio! — disse Araminta, cheia de admiração. — Se lorde Rothingham não ficar satisfeito com isso, então, nada o contentará!

— Trabalhei até tarde, ontem à noite, até cair na mesa de sono. Continuei hoje de manhã, depois que você e Hanna saíram.

— Está perfeito! Só espero que não se estrague no caminho, quando formos para Park Lane.

— É mais forte do que parece.

— Se tivéssemos dinheiro, você devia tomar aulas de escultura. Garanto que ganharia uma fortuna!

— Não posso conseguir isso com açúcar! E não há dúvida de que não podemos comprar material caro para trabalhar.

Araminta abraçou a irmã. Gostaria de arranjar um marido rico, para poder ajudar Caro. Mas o problema de Harry tinha feito com que todas as esperanças fossem por água

abaixo, e não era a única a sofrer por causa da estupidez do irmão.

— Sinto muito, Caro — disse, com simplicidade, sabendo que a irmã compreenderia.

Araminta ressentia-se por ter que ir trabalhar em casa de lorde Rothingham.

Estava acostumada com os criados da Mansão Wayne e tinha medo de ter que começar tudo de novo.

A cozinha não só era escura e abafada e o equipamento antigo, como não muito limpa. E os criados, mal-humorados, não cooperavam.

Quando chegou, viu que o *chef* não tinha saído, como acontecera com Gustave, mas que havia recebido ordem de vê-la trabalhar e de procurar aprender com ela, para melhorar seu estilo. Só isso já bastava para criar uma atmosfera desagradável.

Além do mais, achava difícil fazer o máximo que podia, tendo em sua volta criados contrariados com sua presença.

Procurou ser agradável, mas o *chef* obviamente estava descontente por ser substituído por uma pessoa tão jovem, e uma mulher, ainda por cima!

Os jovens ajudantes e os lacaios pareciam dispostos a cooperar, mas as ajudantes eram emburradas e, na opinião de Araminta, quase débeis mentais.

Felizmente, ela e Hannah haviam feito tanta coisa com antecedência, que faltava pouco, exceto os arremates finais.

Os criados não puderam conter exclamações, ao ver o confeito de Caro. Depois que o levaram para a sala, contaram a Araminta que parecia dramático, como centro de mesa!

A decoração era toda de orquídeas, o que ela achou muito adequado.

Os pratos onde foi colocada a comida eram folheados a ouro, assim como os pratos dos convidados.

Fez *Blinis* — panquecas pequenas — para o caviar, e pelo menos esse prato não levou tempo para ficar pronto. O prato principal, ao contrário, era complicadíssimo: um peru recheado com um ganso; dentro do ganso, uma galinha-d'angola; dentro da galinha, um pombo e, dentro do pombo, uma codorniz.

Era a primeira vez que Araminta fazia esse prato; quando o terminou, achou que tinha conseguido um triunfo culinário. A travessa foi decorada com trufas, ostras fritas à moda chinesa e cogumelos recheados, formando um conjunto magnífico de se olhar.

Havia também tristes-pias enroladas em folhas de parreira e pato selvagem com cerejas cozidas em vinho tinto. Na última hora, acrescentou ao cardápio um prato que achou que ia mais aborrecer do que agradar ao dono da casa. Ao mesmo tempo, seu senso de humor ficou satisfeito por apresentar alguma coisa exótica, como ele havia recomendado.

— Que é isso? — perguntou Caro, antes de Araminta sair de casa.

Olhava para uma terrina onde havia carne e verduras, como se fosse um *pot-au-feu*.

— Adivinhe!

— Não tenho a mínima idéia! Mas vejo que tem molho de Madeira.

— Chama-se *Oreilles à la Rouennaise*.

— *Oreilles*? Você quer dizer “orelhas de porco”? — Viu, pela expressão de Araminta, que era isso mesmo. — Mas não pode servir isso ao príncipe regente!

— Pois é o que vou fazer. Não encontrei pavão, achei que cisne não valia a pena e as únicas avestruzes que se encontram em Londres estão no Zoológico!

Caro desatou a rir.

— Orelhas de porco! Você é incorrigível! Garanto que, depois disso, lorde Rothingham nunca mais pedirá que cozinhe para ele.

— Se pedir, terei que recusar. Fui contratada pelo marquês para cozinhar em casa dele até o fim da semana que vem.

— Até Harry ter pago a dívida! — disse Caro, agora séria.

— Exatamente.

Depois disso, nunca mais verei o marquês, Araminta pensou. E ficou imaginando por que esse pensamento era tão perturbador.

CAPÍTULO VI

Araminta pegou a bolsa que havia deixado em cima do casaco e amarrou as fitas de seda na cintura.

Na bolsa já estava o dinheiro das compras que tinha feito para o jantar de lorde Rothingham, mas ainda não recebera seus honorários.

Não havia mais trabalho a fazer, porque os ajudantes haviam lavado todos os pratos, que já estavam arrumados, prontos para serem levados para a carruagem de aluguel.

Um dos lacaios lhe contou que os convidados já tinham saído para o baile da duquesa de Beaufort.

— Sua Alteza Real gostou do jantar. Provou de tudo.

— Fico contente com isso.

Outro empregado se aproximou, vindo do corredor.

— Será que podia pedir ao secretário de lorde Rothingham que me pagasse, para eu poder ir para casa?

— Tive ordem de acompanhá-la até em casa, quando me pedisse isso — respondeu o lacaio.

Araminta fitou-o, surpresa. Talvez o secretário, ao contrário do major Brownlow, não quisesse entregar tanto dinheiro a um criado.

Durante todo o tempo em que trabalhou na cozinha escura e não muito limpa, ela pensou que valia a pena o sacrifício, para ganhar as quarenta libras que fariam tanta diferença para Harry.

— O secretário pode me receber agora?

— Creio que sim. Faça o favor de me acompanhar.

Araminta o seguiu. Quanto antes saísse daquela casa, melhor. Compreendia agora como podia ser desagradável trabalhar como criada. Foi com alívio que lembrou que, depois daquela semana, nunca mais seria obrigada a isso.

Chegando ao alto da escada, viu que, ao contrário do que acontecia na Mansão Wayne, os corredores eram estreitos e mal iluminados e a mobília, embora imponente, não tinha a qualidade das que pertenciam ao marquês.

No entanto, não estava interessada nos objetos de lorde Rothingham, só o que queria era receber seu dinheiro e ir para casa descansar.

O lacaio parou.

— Disseram que era para trazê-la aqui, senhorita.

Abriu a porta. Araminta entrou e viu que não era o escritório do secretário, mas uma sala.

No outro lado, de costas para a lareira, estava um homem que, sem que lhe dissessem, ela soube que era lorde Rothingham.

Era exatamente como o imaginava: mais ou menos quarenta anos, atarracado, vestido na última moda, usando sobre o traje de noite várias condecorações.

Ele disse, num tom que a moça achou desagradável:

— Entre, srta. Bouvais. Como vê, fiquei em casa para conhecê-la.

Araminta atravessou a sala, lentamente.

Quando chegou perto, notou que o homem tinha olhos saltados, com rugas profundas em volta, o que lhe dava um ar devasso.

— Eu tinha razão! Você é ainda mais bonita do que me pareceu de longe!

Ficou surpresa.

— De longe, senhor?

— Eu a vi da minha janela, quando entrou em casa de Wayne por uma porta lateral. Tinha ouvido dizer que meu vizinho tinha um *chef* jovem e, por incrível que parecesse, não era homem, mas mulher!

Houve uma pausa. Lorde Rothingham não despregava os olhos do rosto de Araminta.

— Quem é que pode... ter dito isso? — perguntou ela, achando que precisava falar alguma coisa.

— Os criados comentam, querida. Acontece que um de meus lacaios está namorando uma das criadas de Wayne. — Deu uma risadinha desagradável. — Você deve ter percebido que movimentou a casa de Wayne e tenho que reconhecer que sua comida é soberba!

— Fico contente por saber que gostou, senhor.

— Achei que, nessas circunstâncias, devia receber seu pagamento de minhas próprias mãos.

Estendeu-lhe um envelope. Araminta pegou-o e achou que, agora que tinha recebido seu pagamento, podia ir embora.

— Obrigada, senhor. — Guardou o dinheiro na bolsa.

— Não vai abrir o envelope?

— Creio que não é necessário. O general me disse quanto o senhor pretendia me pagar.

— Cumpri o prometido, mas dei-lhe um extra, dez guinéus, porque achei que o merecia.

— É muita bondade sua, mas não era necessário. Eu estava muito satisfeita com as quarenta libras que me ofereceu.

Achou que devia tirar do envelope o dinheiro extra e devolver. Por mais vantajoso que fosse receber mais, por causa de Harry, repugnava-lhe, sem que ela pudesse explicar por quê, receber dinheiro extra das mãos daquele homem.

— Achei que ia ficar contente e esperei que se mostrasse grata

— Estou... grata, senhor. Muito... obrigada.

— Não é uma maneira muito generosa de agradecer.

Havia em sua voz uma nota ameaçadora e Araminta fez uma reverência.

— Obrigada novamente, senhor. Agora, peço licença: preciso voltar para casa.

— Não tão depressa! Certamente, me deve alguma coisa. Não apenas por minha generosa gorjeta, como também por eu perder o baile da duquesa por sua causa.

— Preciso ir embora.

Pretendia dirigir-se para a porta, mas lorde Rothingham segurou-a pelo pulso.

— Não há pressa! É muito bonita, meu bem, e tenho pensado em você desde a primeira vez que a vi.

Araminta tentou libertar-se, mas os dedos dele pareciam de ferro.

— Por favor... deixe-me ir, senhor.

Falou num tom que julgou ser frio e digno, mas na realidade sua voz soou fraca e amedrontada.

— Precisa aprender a pagar gentileza com gentileza.

Puxou-a contra si e passou o outro braço em volta dela. A jovem começou a lutar.

Ele era muito mais forte do que parecia e, embora ela se debatesse, puxava-a cada vez mais.

— Você é fascinante! E tenho a impressão de que, apesar de uma ótima cozinheira, posso lhe ensinar muita coisa sobre outra arte!

— Solte-me! Solte-me... imediatamente!

Ele riu e Araminta soube que era um riso de triunfo. Percebeu também que sua resistência o excitava. Sentiu-se impotente contra aquela força. Agora, ele procurava beijá-la. Virou a cabeça de um lado para o outro, mas sabia que logo ele a dominaria. Sentiu na face a boca ávida e quente.

Revoltada e enojada, lutou com mais violência. Com um esforço sobre-humano, conseguiu empurrá-lo e atravessou a sala correndo, ofegante, com o coração aos saltos.

Lorde Rothingham riu.

— Você não me escapa, beleza! Pretendo fazer com que seja minha e meus criados não vão deixar que fuja.

Araminta protegeu-se atrás de uma cadeira de espaldar alto e olhou para ele. Sua respiração estava cada vez mais ofegante. O homem avançou para ela, com uma expressão sinistra e ameaçadora. Tinha um sorriso maldoso nos lábios e os olhos estavam apertados.

Ela sabia que o que ele queria era tão degradante, tão insuportável, que seria preferível morrer a se submeter. Olhou para a porta, acreditando que ele tinha dito a verdade ao afirmar que não podia escapar. Os criados, com os quais antipatizava, certamente não lhe abririam a porta, se fosse essa a ordem do patrão.

Ele estava chegando mais perto, e a moça soube que, se a pegasse de novo, não haveria fuga possível. Com um grito de um animal assustado, virou-se e correu para a porta-janela que dava para o jardim.

Quando sentiu a grama sob os pés, pensou, desesperada, que, como o jardim não era muito grande, não havia lugar onde pudesse se esconder.

Além do mais, havia luar e, com as luzes que vinham das janelas da casa, seria vista com facilidade.

Afastou-se da casa, correndo às cegas até que, horrorizada, viu um muro à sua frente. Não podia ir mais longe. Felizmente, lembrou que o muro à sua direita separava aquele jardim do jardim do marquês. Tinha apenas alguns segundos de dianteira e já podia ouvir a aproximação do homem.

Viu então, contra o muro, uma escada de ferro. Correu para lá, e subiu. Faltavam uns sessenta centímetros para alcançar a parte de cima do muro.

Desde menina Araminta subia em árvores, pulava muros e sebes, no campo, onde sempre tinha vivido. Em questão de segundos, chegou ao topo e caiu do outro lado.

Rasgou a saia, mas não tinha importância! Quando caiu, ouviu a voz de lorde Rothingham.

— Sei onde está escondida, queridinha, e você não me escapa!

O tom decidido fez com que ela sentisse que, mesmo do outro lado do muro, ele poderia alcançá-la.

Com um grito que devia ter sido um pedido de socorro, mas que não passou de um gemido, porque ela estava sem fôlego, correu pelo jardim, em direção às janelas iluminadas da Mansão Wayne, tendo certeza de que lá estaria a salvo.

Havia vários degraus à sua frente. Ainda apavorada, impulsionada pelo pânico incontrolável, correu para a sala.

Percebeu que estava na biblioteca da casa. Enquanto olhava à volta, ainda ofegante, a porta se abriu.

O marquês entrou e, durante alguns instantes, ficou atônito. Sem pensar, sem perceber o que estava fazendo, Araminta correu para ele.

— Salve-me, por favor! Por favor!

— Que aconteceu? Por que está tão perturbada?

O som da voz do marquês e o fato de que ele a segurava fizeram com que se acalmasse:

— Foi lorde Rothingham! Ele está tentando... me pegar!

— Rothingham? O que fez ele? Que aconteceu, Araminta?

— Ele tentou... me beijar. Disse que eu não podia... escapar. Estou com medo!

— Mas você escapou e não precisa ter mais medo. Tomo conta de você, Araminta.

Ela experimentou uma sensação de imenso alívio. Quando ergueu a cabeça, sentiu seus lábios nos dele!

No primeiro momento, ficou apenas surpresa. Depois, os lábios dele se tornaram exigentes, insistentes, e Araminta percebeu que era isso que tinha desejado desde o momento em que o conheceu.

Era como ser levada a um paraíso que não sabia que existia. Sentiu uma onda de calor percorrer-lhe o corpo.

O marquês apertou-a mais ainda contra o peito.

Araminta teve a impressão de que ele a atraía como um ímã.

O amor é isso!, pensou. O amor que sempre desejei encontrar.

O marquês agora lhe beijava os olhos, o rosto e novamente os lábios. A cada beijo, ela vibrava com uma nova e milagrosa sensação que tinha alguma coisa de espiritual e de divina..

Finalmente, ele ergueu a cabeça e a encarou.

Os olhos de Araminta tinham um brilho radioso que jamais havia visto em mulher alguma.

— Eu amo... você! — murmurou ela.

— Ontem à noite, eu soube o que sentia por você, querida, mas tive medo de lhe dizer.

— Eu não... compreendi.

— Se soubesse que aquele porco ia assustá-la desse jeito, não teria permitido que fosse à casa dele.

— Ele tinha me espiado pela janela da casa.

— Esqueça-se dele. Isso nunca mais acontecerá. Prometo!

Levou-a até o sofá e sentaram-se lado a lado. Passou o braço nos ombros dela e Araminta deitou a cabeça em seu ombro.

— Quando foi que percebeu que me amava? — perguntou o marquês.

— Quando você me beijou — murmurou, corando.

— E seu primeiro beijo foi o que desejava que fosse?

— Foi maravilhoso! Mais maravilhoso do que jamais pensei... — hesitou e olhou para ele, preocupada. — Foi... maravilhoso para você também?

— Mais perfeito do que qualquer outro em minha vida. Ontem à noite, não consegui dormir, lembrando você. Não pensava em outra coisa.

— Também não pensei em outra coisa. Mas não sabia que isso era... amor.

O marquês sorriu.

— Em muitas coisas, querida, você é sábia, mas há muitas outras que posso lhe ensinar e vai ser a experiência mais excitante de minha vida!

— Fala sério?

Lembrou-se então de lorde Rothingham e acrescentou:

— Se sua casa não fosse vizinha da dele, se eu não tivesse podido escapar...

— Esqueça isso. Esqueça tudo que aconteceu. A culpa foi minha, Araminta. Se ontem eu tivesse dito o que queria dizer, nada disso teria acontecido e você não iria cozinhar para lorde Rothingham.

— Não há necessidade de eu continuar fazendo isso.

Pensava nas cinquenta libras que estavam em sua bolsa. Com o que já tinham em casa, seria suficiente para pagar a dívida do irmão. Por um momento, pensou se não devia contar ao marquês por que estivera trabalhando e por que aceitou a proposta de Rothingham. Depois, achou que seria o mesmo que pedir que ele perdoasse a dívida de Harry, como tinha perdoado a de lorde Yeoman, e isso a deixaria numa situação humilhante.

Já que o amava, não podia aceitar a caridade dele. Já que o amava, só depois que a dívida fosse paga é que poderia contar por que se viu obrigada a trabalhar.

— Em que está pensando? — perguntou o marquês. — Se não for em mim, vou ficar zangado!

Ela sorriu, e, como se sentia muito feliz, toda a sala pareceu inundada de uma luz dourada.

— É difícil pensar em outra coisa, a não ser em você.

— Como eu também só penso em você.

Os lábios dele deslizaram sensualmente pela testa da jovem, como se tocassem em seda. Excitado, beijou-a novamente, uma e muitas vezes, até Araminta sentir que a sala rodava e que um fogo estranho corria em suas veias, que era prazer e sofrimento.

Escondeu o rosto no ombro dele, encabulada.

— Você é linda. E seus olhos são o espelho de sua alma. E de seu coração.

— Meu coração é... todo seu.

— Quero beijá-la dos cabelos até as pontas dos pés.

A paixão com que disse isso fez com que a moça corasse.

— Preciso ir para casa — murmurou. Mas não tinha vontade de sair dali.

— Não suporto ficar longe de você, querida. Entrou em minha vida tão inesperadamente! E agora a enche a ponto de eu não pensar em mais nada.

— Também me sinto assim.

— Você me enfeitiçou e ao mesmo tempo me inspirou. Mulher alguma fez isso antes.

— Fico contente em saber.

— Oh, meu amor, eu a quero!

Havia tanto ardor nas palavras, que Araminta disse, encabulada:

— Preciso ir embora.

— Vou levá-la. Mas, querida, amanhã temos que fazer planos, você e eu.

Araminta levantou e o marquês se dirigiu para o cordão da campainha, perto da lareira.

— Não! Por favor, não posso deixar que os criados, me vejam... neste estado...

Olhou para ele, parecendo notar pela primeira vez que a luta com lorde Rothingham a tinha deixado desalinhada. Uma das mangas estava quase separada da blusa, a saia suja de terra e rasgada. Araminta olhou para o vestido, consternada.

— Deixei meu casaco na outra casa.

— Está linda, assim! Mais linda do que qualquer pessoa que conheço ou tenha imaginado existir! — Sorriu ternamente e continuou: — Mas seremos discretos, querida. Há uma porta no muro, dando para a rua. Vamos sair por lá. Tomamos uma carruagem de aluguel e eu a levo para casa.

— Obrigada. Eu não gostaria que alguém aqui soubesse o que aconteceu.

— Ninguém saberá. E garanto-lhe que Rothingham não vai falar, pois isso faria com que parecesse um tolo. Mas, se falar, deixe-o por minha conta!

Seu tom era severo e ameaçador.

Tomou de novo Araminta nos braços, dizendo:

— Por outro lado, devemos ser gratos a ele, porque esse episódio fez com que você compreendesse que eu a protegeria, de modo que ninguém mais a amedrontaria.

— Acho que o meu anjo da guarda cuidou de mim...

— Você também parece um anjo! E é o que sempre será: meu anjo e a guardiã da minha consciência.

— Eu lhe disse que você tinha consciência — respondeu, com um leve sorriso.

— Eu não tinha certeza disso.

— Pertencemos um ao outro. Acho que seria impossível estarmos mais próximos do que estamos neste momento.

O marquês beijou-a e ela passou os braços em volta do pescoço dele. Eram beijos insistentes, apaixonados, mas Araminta não teve medo.

— Eu amo... você.

— Quero que diga, não uma, mas mil vezes! Para que eu saiba que é verdade, meu anjo.

Enlaçou-a pela cintura e se dirigiram para a porta-janela. O marquês pegou uma chave na escrivaninha.

— Amanha vou levá-la para uma casa que tenho em Chelsea. Não é o tipo de lugar que quero para você, mas, para encontrar o lugar que imagino, minha querida, vai ser preciso tempo. — Beijou os cabelos de Araminta e continuou: — A casa de Chelsea está pronta e vazia e lá você ficará a salvo, por enquanto.

Araminta parou.

— Não... compreendo.

— Vamos querer ficar juntos noite e dia. Acho que isso seria difícil, se você estivesse em casa de amigos, e seria impossível viver aqui.

Araminta estava imóvel. Tinha a impressão de que uma mão gélida apertava seu coração, tirando toda a felicidade que havia sentido, tirando-a gota a gota.

— Está me pedindo... — começou, mas não pôde continuar.

— Estou lhe oferecendo proteção, Araminta. Quando me pertencer, ninguém a insultará, ninguém irá desrespeitá-la, como aconteceu com Rothingham, hoje à noite. — Apertou-a com mais força. — Você será minha e tenho certeza de que seremos felizes juntos.

Por um momento, Araminta teve a sensação de que sombras a envolviam e que ia perder os sentidos. Depois, com esforço, dirigiu-se para a porta-janela.

A voz do marquês parecia vir de muito longe, como através de um nevoeiro espesso.

— Vou dar ordem ao major Brownlow para comprar uma casa o mais perto daqui que for possível. Talvez em Shepherds Market ou numa das ruas que saem de Berkeley Square. Assim que a estação terminar, viajaremos. Quero levá-la a Paris, Araminta, a Roma e talvez à Grécia. E, sem a menor dúvida, iremos a Veneza. É o lugar dos amantes.

Atravessaram o gramado por onde Araminta tinha corrido, apavorada, pouco antes. No meio do muro, havia uma portinha que dava para a rua.

O marquês pegou a chave que tirara da escrivaninha e abriu a porta.

Araminta deixou escapar um gemido.

— Que aconteceu? — perguntou ele.

— Deixei meu lenço cair. Posso vê-lo, ali no gramado.

Enquanto caminhavam, tinha tirado o lenço da bolsa, disfarçadamente, e agora havia uma mancha na grama.

— Vou buscar, querida.

O marquês deixou Araminta perto da porta. Apanhou o lenço e levou-o aos lábios.

Tinha um perfume doce, fresco, que fez com que lembrasse de flores da primavera.

Quando se virou, ainda cheirando o lenço, notou que a moça já tinha saído. Levou apenas segundos para chegar ao portãozinho, mas, quando olhou a rua, estava deserta.

Olhou primeiro para Park Lane, achando que talvez ela tivesse ido para aquele lado, em busca de uma carruagem de aluguel.

Perplexo, por não ver nem sinal da jovem, olhou na outra direção, achando que, apesar do vestido branco, talvez fosse difícil distinguir o vulto.

Mas ambos os lados estavam desertos.

Ficou parado, indeciso, e, pela primeira vez, teve medo.

Araminta correu como nunca na vida, até dobrar a esquina. Virando à esquerda, viu-se num terreno baldio. Ainda correndo, olhou para os lados. Não viu ninguém. Tinha despistado o marquês.

Finalmente, chegou a uma praça onde havia vários carros de aluguel. Subiu no primeiro da fila. Depois que a carruagem se moveu, escondeu o rosto nas mãos, sentindo que todo o corpo lhe doía, com um sofrimento indescritível.

Araminta era muito inocente e, tendo vivido sempre no campo, pouco sabia sobre os excessos e os divertimentos da sociedade. Sabia, naturalmente, que reis como Carlos II tinham amantes. Os livros de História lhe tinham contado qual o papel de Nell Gwynn na vida do “Monarca Alegre”. Sabia também que *madame* Pompadour e *madame* de Maintenon eram favoritas de reis franceses casados. Mas nunca lhe ocorreu que um cavalheiro que conhecia oferecesse a alguém uma casa para ali viverem como marido e mulher.

Compreendia o que o marquês lhe pedia e não se sentia tanto humilhada, como perplexa e ferida.

Araminta o amava e lhe deu seu coração desde o momento em que a beijou, e, em sua inocência, achou que ele sentia o mesmo.

Agora, disse a si mesma que havia realmente pouca diferença entre o que lorde Rothingham queria e o marquês pretendia.

Como pude ser tão estúpida, tão ingênua para acreditar que um homem na posição dele se interessaria, a não ser imoralmente, por uma mulher que ele conhece apenas como uma criada?

Pensou nas moças da aldeia que tinham sido condenadas por seus maus costumes, na maneira com que a mãe se referia a algum escândalo sobre o qual tinha lido nos jornais.

Nunca imaginou, por um momento sequer, que essas coisas pudessem atingi-la. Tinha lido que havia mulheres de maus costumes, mas não passavam de sombras para ela, em vez de pessoas de carne e osso. Os homens que amavam e que as amavam em nada se pareciam com o marquês.

Araminta não sabia exatamente o que um homem e uma mulher faziam quando se amavam. Sabia apenas que o verdadeiro amor tinha algo de divino e recebia a bênção de Deus.

O que o marquês lhe oferecia e o que lorde Rothingham pretendia era mau,

pecaminoso, uma tentação do diabo.

Fechou os olhos. Não estava chorando. Parecia que todo seu corpo tinha secado, que sua alma era um deserto árido.

— Eu o amo! — disse, baixinho. — Mas o que ele sente por mim... não é amor!

Londres não era mais um lugar de divertimentos, de prazer, o Eldorado para onde tinha ido tão alegremente, ao sair de Bedfordshire. Tornou-se horrível, ameaçadora, sórdida.

O que tinha acontecido não a machucou fisicamente, como seria de esperar, mas mentalmente estava sendo crucificada. Era como seu vestido, que havia sido branco e imaculado e agora estava sujo e rasgado, a ponto de fazer com que, ao sair da carruagem, tivesse vergonha de pagar o cocheiro, com medo de que ele notasse sua aparência.

Correu pelos degraus e entrou em casa.

Tinha a impressão de que, com isso, impedia qualquer coisa de esmagá-la, qualquer coisa que, se não tivesse cuidado, acabaria por destruí-la.

Ficou um momento parada no vestíbulo iluminado apenas por uma vela na mesa ao pé da escada. Viu na mesa um chapéu de homem que reconheceu: era de Harry.

Correu para a saleta e abriu a porta. O irmão e Caro conversavam.

Os dois olharam para Araminta, viram o estado de suas roupas e levantaram imediatamente.

— Araminta! Que aconteceu? — perguntou Caro.

Mas ela só olhava para o irmão. Desamarrando a fita que prendia a bolsa ao pulso esquerdo, correu para Harry e atirou-a a ele.

— Tome! Aqui estão cinquenta libras! Cinquenta libras, Harry! Com o que já temos, deve ser suficiente. Não posso fazer mais nada. É impossível... impossível. Temos que voltar para casa!

CAPÍTULO VII

Depois de tomar o desjejum, o general instalou-se confortavelmente para ler *The Morning Post*, quando Hawkins entrou na sala.

— O marquês de Wayne está aí, senhor.

— De novo?

Olhou para o relógio, com expressão de surpresa. Não estava acostumado a visitas matinais, mas disse, a contragosto:

— Muito bem, Hawkins. Faça-o entrar.

Dali a segundos, o marquês apareceu, como sempre, muito bem vestido. Mas o general achou que estava mais magro e com um ar abatido.

— Não se levante, general. Peço desculpas por vir procurá-lo tão cedo.

O velho não respondeu, fitando o marquês com olhar perscrutador. Não havia dúvida de que estava diferente de dez dias atrás.

— Vim procurá-lo porque estou desesperado!

Não se sentou, ficando de frente para o homem mais velho, com uma expressão que o general não compreendeu.

— Eu lhe disse, Wayne, quando você veio me procurar há dez dias, que não tenho intenção de dar o endereço de Araminta... Bouvais. Se ela quisesse que você soubesse de seu paradeiro, certamente teria se comunicado com você.

O marquês andava de um lado ao outro.

— Vou ser franco, general. A última vez em que o procurei, acho que teve a impressão de que eu queria encontrar a srta. Bouvais porque ela não havia cumprido seu compromisso comigo, como... cozinheira.

Como o general nada dissesse, ele continuou:

— Não estou interessado pela comida que ela faz e sim... por ela.

As palavras foram ditas com esforço.

— Sejam quais forem as suas razões, Wayne, no que me diz respeito, a situação continua a mesma.

— Mas preciso encontrar Araminta! — O marquês chegou a gritar. Procurando se controlar, explicou: — Sei que não gosta de mim, general. Sempre me tratou com cortesia e correção, mas nunca houve calor em nosso relacionamento.

— Você foi um bom soldado.

— E agora que não estou mais sob o seu comando, acha que não há motivo para sermos outra coisa, além de sócios do mesmo clube?

O general não respondeu.

— Preciso de ajuda, desesperadamente, e é a única pessoa que pode me ajudar.

Havia um tom de súplica na voz do marquês que não passou despercebido ao velho.

— Sinto muito, Wayne — disse em tom mais bondoso. — Dei minha palavra de honra, e você não há de querer que eu a quebre.

Como se não tivesse ouvido, o marquês continuou:

— Desde a última vez em que o vi, viajei para Yorkshire.

Lendo uma pergunta no olhar do general, explicou:

— Fui visitar Yeoman. Não sei se Araminta lhe contou, mas me convenceu a perdoar a dívida do rapaz. — Deu uma risadinha, onde não havia o mínimo humor. — Ninguém, a não ser ela, poderia me convencer a fazer isso, e de boa vontade. Mas Yeoman jurou guardar segredo, tanto quanto você, e não quis dizer onde ela está.

O marquês respirou fundo.

— A casa onde a deixei, na noite em que a levei para cear, está vazia. Há três anos que ninguém mora lá. — Abriu os braços, em gesto de desespero. — Aonde mais posso ir? Onde procurá-la, a não ser que me ajude?

Pela atitude do general, percebeu que ele não ia mudar de idéia. O marquês continuou andando de um lado ao outro.

— Vou contar-lhe uma coisa — disse, em voz baixa. — Uma coisa que nunca contei a ninguém.

— Estou ouvindo.

— Quando tinha dezessete anos, meu pai queria que eu fizesse uma viagem longa, mas, como estávamos em guerra com Napoleão, isto não foi possível. Então, ele contratou um preceptor, recomendado para ser meu companheiro durante as férias. Roland Hindley era o homem mais interessante e mais atraente que eu tinha conhecido na vida. Tinha vinte e quatro anos, queria ser advogado, mas seus pais eram muito pobres e ele se viu obrigado a aceitar alunos, para poder continuar os estudos. Roland era um ótimo atleta. Sabia esgrima, era bom atirador e pugilista. Andava a cavalo de um jeito que me deixava envergonhado!

Olhou para o general, como para ter certeza de que estava prestando atenção, e continuou:

— Não pudemos ir para a Europa, mas viajamos pelas ilhas britânicas. Andamos a cavalo e caçamos na Irlanda, caçamos na Escócia, escalamos morros em Snowdon. Tudo que eu fazia com Roland era um prazer. Ele tomou o lugar do irmão que nunca tive, pois eu era filho único. Também estimulou meu espírito, fazendo com que comesse a apreciar certos assuntos que antes achava maçantes. Ficou conosco até meu último ano em Eton, quando foi passar o Natal conosco, em Wayne.

O marquês ficou em silêncio durante alguns minutos.

— Talvez não saiba que meu pai era muito mais velho do que minha mãe. Ela só tinha dezessete anos, quando casou, e nasci no ano seguinte. Era tão alegre e tão bonita que nunca achei que fosse muito mais velha do que eu.

A voz do marquês tornou-se áspera de repente:

— Creio que, sendo jovem, eu era obtuso. Naquele Natal, meu pai ficou doente e foi obrigado a permanecer no quarto, mas a casa parecia cheia de felicidade. Minha mãe se juntava a mim e Roland, quando patinávamos no lago, descíamos pelas encostas geladas e cavalgávamos na floresta. À noite, ela se sentava ao piano e cantávamos baladas e canções antigas.

Agora, havia uma nota amarga na voz dele.

— Eu não tinha a mínima desconfiança do que estava acontecendo, até encontrar um bilhete embaixo da porta do meu quarto, certa manhã.

— Eles tinham fugido juntos! — disse o general.

— Tinham ido para a casa de Roland, em Cornwall. Minha mãe me pedia para dizer a papai que ela não mais voltaria.

— Isso foi cruel.

— Eu estava decidido a impedir. Vesti-me, corri para as cocheiras e fiquei sabendo que os dois tinham partido de madrugada. — O marquês deu as costas ao general e olhou pela janela, sem nada ver. — Eu estava com uma hora de atraso, mas sabia como encurtar o caminho.

— Que aconteceu?

— Havia geado na noite anterior e as estradas estavam cobertas de gelo. O coche de minha mãe e Roland colidiu com uma diligência, numa curva, a uns vinte e cinco quilômetros de nossa casa.

— Eles ficaram feridos?

— Os dois morreram!

Houve um longo silêncio. O general perguntou:

— E o que você fez?

— Voltei para casa e disse a meu pai que nós três tínhamos planejado visitar uma cidade vizinha e minha mãe e Roland foram na frente, de coche. Como eu iria a cavalo, através dos campos, pude sair mais tarde.

— Ele não desconfiou de nada?

— Ninguém desconfiou. Ninguém jamais pensou que minha história não fosse verdadeira.

O general esperou que ele continuasse.

— Conte-lhe isso para que compreenda por que jurei nunca mais permitir que me ferissem daquele jeito.

— Você achou que tinha sido traído?

— Claro que achei! Minha mãe havia me abandonado, o homem que eu amava como um irmão estava pronto a destruir meu lar e a felicidade de meu pai! Que acha que senti? Talvez agora compreenda por que sou um solitário, ou, como disse Araminta, por que fico à parte, na vida.

Virou-se de novo para a janela.

— O choque do que aconteceu teve um efeito profundo em mim. Por causa disso, e pode crer, general, nunca fiz propostas a uma mulher casada, nem aceitei os favores de uma mulher casada! Para dizer a verdade, só me envolvi com profissionais, que conheciam as regras do jogo.

O general compreendia agora por que muitas damas bonitas da alta sociedade ficavam amarguradas, em relação ao marquês. Não há nada mais frustrante para uma mulher do que ver seus favores recusados.

Depois de uma pausa, o marquês prosseguiu:

— Nunca disse a uma mulher que a amava, porque nunca amei... até agora.

Novo silêncio.

— Eu ansiava por amor, só Deus sabe quanto! Mas não confessava nem a mim mesmo. Foi por isso que não compreendi o que Araminta significava para mim, a não ser depois que a perdi.

— E o que ela significava para você?

O marquês virou-se e parou diante do general, como um soldado diante do comandante.

— Quero casar com ela! Agora, vai me dizer onde posso encontrá-la?

— Fala sério? Não sabe nada sobre a família de Araminta!

— Não ligo a mínima para isso. É somente ela que importa.

O general fitou-o, com ar compassivo. Tinha lidado com homens a vida inteira e sabia quando falavam a verdade. Sabia também quando o coração falava sem reserva.

— Dei minha palavra, e sabe que não posso faltar a ela — disse lentamente. — Mas acho que o jovem Sinclair pode ajudá-lo.

— Sinclair? Refere-se a Harry Sinclair, que me devia dinheiro? Brownlow me disse que ele saldou a dívida.

— Sim, Harry Sinclair. Provavelmente no clube tem o endereço dele.

O marquês deu um suspiro profundo.

— Obrigado, general. Se eu encontrar Araminta, nunca se arrependerá.

Saiu da sala, como se de repente tivesse pressa. O general ficou pensativo.

Depois, seus olhos de velho brilharam, divertidos, e sorriu. Nunca tinha achado o marquês de Wayne tão simpático.

— Pronto! O livro de papai está pronto — gritou Caro, com expressão de triunfo.

— Será que vai ter público? — perguntou Araminta.

— Não sei por que não — respondeu Caro, em tom de desafio. — Afinal, o livro de receitas da sra. Glass está ultrapassado e atualmente as pessoas se interessam muito mais por cozinha do que antigamente.

— Bem, não custa. Harry pode oferecê-lo aos editores.

— Harry não pode se dar ao luxo de ir a Londres, no momento. É melhor mandarmos o livro pelo correio.

— Sim, é claro.

A porta se abriu e Caro deu um gritinho.

— Falando no diabo, ele aparece!

Harry entrou na sala.

— Se estão falando de mim, não há nada a dizer. Um dia é igual ao outro, neste maldito lugar!

— Não deixe mamãe ouvir isso — recomendou Araminta. — Sabe que ela fica triste, quando você se sente infeliz. Além do mais, ela está com dor de cabeça.

— Por que não posso encontrar o que fazer? — disse Harry, zangado. Depois, em

tom diferente: — Vou esquecer o orgulho e pedir ao fazendeiro Upton que me deixe amansar alguns dos cavalos que ele comprou na semana passada.

— Garanto que ele vai ficar encantado — comentou Caro. — Está sempre ocupado demais para fazer isso, ele mesmo.

— Foi o que pensei — disse Harry. — Se eu não encontrar alguma coisa para encher o tempo, vou acabar ficando louco.

— Pois vá procurar Upton — aconselhou Araminta. — Ele sempre o admirou, Harry, desde que você era menino.

— Ele disse que posso caçar em suas terras, sempre que quiser.

Caro teve uma exclamação.

— Então, pelo amor de Deus, vá e cace alguma coisa para o jantar!

— Não é a época apropriada do ano.

— Não se importe com isso. Um coelho seria bem-vindo, não é mesmo, Araminta?

A irmã não respondeu. Estava lembrando como o marquês tinha achado graça, quando ela descobriu que o prato do restaurante era coelho, e não galinha. Mas não adiantava pensar no passado. Estava tudo acabado, e precisava se preocupar com o futuro.

— Um coelho seria ótimo. Ou até mesmo uma gralha!

— Como vocês duas estão decididas a me manter ocupado, vou procurar o fazendeiro — disse Harry, sorrindo. — E levo a espingarda!

— Tenha cuidado! — gritou uma voz, à porta.

— Você sabe que atiro bem, Hannah — respondeu o rapaz, ao ver a velha empregada.

— Espero que sim! Jamais gostei de armas, essas coisas horríveis, perigosas!

Trazia um copo de leite e colocou-o na frente de Araminta.

— Oh, não, Hannah! — reclamou a moça. — Não posso beber mais leite, francamente, não posso!

— Vai beber e vai gostar — disse a velha. — Tive que apertar seus vestidos e no seu rosto a gente só vê olhos! Se não quiser acreditar, mire-se no espelho.

— É verdade — concordou Caro. — Você emagreceu demais, Araminta, e come menos do que um passarinho.

— Por favor, parem de me amolar.

Araminta pegou o copo e tomou o leite, obedientemente. Hannah ia levar o copo embora, mas, antes, disse:

— Vou preparar sua torta predileta para o almoço, de modo que espero que faça justiça a ela.

Entrou no saguão e deu um grito que todos ouviram.

— Quem é que está chegando? Está esperando alguém, sr. Harry?

O rapaz saiu da sala.

— Deus do céu!

Caro foi ao encontro dele:

— Vejam aqueles cavalos! E o faetonte! Quem é, Harry?

— Acho... Não, tenho certeza de que é o marquês de Wayne!

Araminta, que tinha ficado sentada, imediatamente se levantou. Foi ao encontro dos irmãos no vestibulo e disse, desesperada:

— Ele não deve saber que estou aqui! Não lhe digam quem eu sou! Harry, prometa-me... Jure que não conhece... a srta. Bouvais!

O irmão não respondeu. Araminta continuou:

— Vou me esconder no jardim, para que ele não me veja. Graças a Deus, mamãe foi deitar. Prometa, Harry. E cuidado com o que disser!

Correu para a porta dos fundos, indo para o quintal, onde não poderia ser vista da frente da casa. Atravessou o gramado mal cortado e foi até o riacho, no fundo do quintal.

Havia ali um caramanchão, onde ela e os irmãos costumavam se esconder, quando eram pequenos. Um banco de madeira estava cercado de moitas floridas, o perfume de madressilvas e de roseiras trepadeiras enchendo o ar.

Uns degraus toscos levavam ao riacho onde, quando eram crianças, as duas meninas e Harry colocavam na água barquinhos de papel.

Araminta estava sem fôlego, mas não era só por causa da corrida. Por que o marquês tinha ido e como descobrira o endereço dela?

Depois achou que talvez fosse por causa de Harry.

Mas, por quê, se a dívida tinha sido paga ao major Brownlow, duas semanas antes?

Teria Harry se metido em outra enrascada?

Será que devia mais do que as seiscentas libras?

Havia sobrado um pouco de dinheiro da venda do anel de noivado de *lady* Sinclair, mas aquilo era uma reserva, em caso de doença, ou se Harry ficasse inquieto demais e não suportasse o campo por muito tempo.

Não podemos arranjar mais dinheiro!, pensou, desesperada. Sentou-se no banco de madeira e ficou imaginando o que o marquês teria pensado, se a encontrasse. Como provavelmente tinha ido procurar Harry, ficaria surpreso e talvez constrangido por vê-la ali.

Ele nunca saberia quanto Araminta sofria, desde que fugiu da mansão.

Todas as noites, no escuro, via o rosto bonito, os olhos cinzentos e sentia o calor dos lábios dele.

Às vezes, a dor da separação era tão intensa, tão agonizante, que pensava em voltar para Londres e aceitar quaisquer condições, contanto que pudessem ficar juntos.

Depois dizia a si mesma que nem mesmo seu grande amor sobreviveria, nessas circunstâncias.

O amor, quando era perfeito, não podia florescer num terreno mau. Se sofria agora, sofreria muito mais, quando chegasse o momento em que ele a descartasse, por não se interessar mais.

Mas era difícil ser sensata e lógica, quando todo seu corpo ansiava por ele, quando lágrimas lhe escorriam pelo rosto e só podia dizer:

— Eu o amo! Eu o amo!

Sentada no banco de madeira, olhando para o riacho iluminado pelo sol, achou que, para ela, não haveria sol, nem esperança no futuro.

À sua frente, estendiam-se os anos, anos de pobreza, de solidão, e haveria sempre aquela dor intensa, a dor da perda irreparável.

Achou difícil continuar ali escondida. Queria correr para casa, espiar pela janela, ver de novo o marquês, uma vez só que fosse.

Ouviu passos que se aproximavam, percebeu que eram de homem e achou que devia ser Harry, que vinha avisar que o marquês tinha partido.

Para que não lhe visse as lágrimas, levantou e foi até a beira do riacho.

— Ele já partiu? — perguntou, em voz baixa. Não houve resposta.

Virou-se. Não era Harry que estava ali e sim, o marquês!

Pareceu-lhe mais alto, de ombros mais largos e ainda mais bonito do que lembrava. Os olhos de ambos se encontraram e ela não pôde se mover, não pôde respirar.

— Araminta!

A voz era baixa e profunda, mas havia nela uma nota de excitação.

— Eu a encontrei, eu a encontrei, quando tinha perdido a esperança!

— Por que... está aqui? — Era tão difícil falar que Araminta achou que ele não devia ter ouvido. Mas ele ouviu, embora interpretasse mal a pergunta.

— Harry me contou onde é que você podia estar escondida.

— Pedi a ele que não contasse.

O marquês sorriu.

— Ele tentou negar que conhecia você, mas foi impossível continuar com isso, depois que entrei na sala. — Araminta estava perplexa. — Há um retrato seu sobre a lareira.

— É um retrato de mamãe.

— Vocês são muito parecidas.

Araminta tinha a impressão de que estavam conversando num sonho, falando com os lábios, quando seus corações diziam coisas muito diferentes.

— Por que você veio procurar Harry? — perguntou, afinal.

— Porque achei que ele poderia me ajudar a encontrar você. Eu tinha que lhe pedir que me perdoasse, Araminta.

Não tendo coragem de encará-lo, ela olhou para o riacho dourado. Notou que ele se aproximava.

— Por favor, perdoe-me, querida — disse, em voz baixa. — Perdoe-me e deixe que lhe diga quanto estou envergonhada. Eu não tinha desculpa, nenhuma desculpa real, para agir como um canalha, a não ser pelo fato de nunca ter encontrado alguém, como você. E também porque nunca, e é a pura verdade, Araminta, nunca estive apaixonado, até agora.

A jovem ficou de respiração suspensa. Continuou quieta, sem coragem de se mover, para não quebrar o encanto daquele momento glorioso. Na voz do marques havia uma nota que ela nunca tinha ouvido antes e que a fez vibrar, como ao som de uma música estranha e mágica.

— Amo você, minha adorável, e vai ser preciso toda uma existência para eu poder dizer quanto! Está disposta a passar sua vida comigo?

Ela ainda continuava imóvel. O marquês insistiu:

— Estou pedindo para que case comigo, minha querida!

Araminta virou-se para ele de olhos bem abertos e lábios trêmulos.

— Por que está fazendo... isso?

— Porque não posso viver sem você. Porque fui tão idiota que não compreendi o que significava para mim, até desaparecer — Aproximou-se, mas não a tocou. — Você é capaz de esquecer o que eu lhe disse? Pode voltar ao momento em que a beijei? Foi a primeira vez para você e foi para mim a primeira vez em que soube que um beijo podia ser tão maravilhoso, tão perfeito.

— Tem certeza de que... me quer?

O marquês deixou escapar um som que era meio riso e meio gemido, passou os braços à volta dela e puxou-a docemente contra o peito.

— Não imagina por que torturas passei, pensando que jamais tornaria a achá-la, perguntando a mim mesmo se você me odiava. Sentiu minha falta, querida?

— Eu queria... morrer!

— Meu amor! Minha querida! Eu a compensarei, mas jamais me perdoarei pelo que a fiz sofrer!

Inclinou-se e beijou Araminta ternamente. Beijou-a como um homem beija uma flor. Depois, percebendo que ela vibrava, seus beijos se tornaram exigentes, insistentes

— Eu amo você! Eu amo você, Araminta, com todo o meu coração e toda a minha alma!

Beijou-a novamente.

Araminta achou que o encantamento, o êxtase de estar nos braços dele, era a coisa mais maravilhosa do mundo.

Havia naquela proximidade algo de espiritual. Seus olhos estavam marejados de lágrimas de felicidade. O marquês os beijou. Depois, beijou o rosto e de novo os lábios e, a cada vez, havia qualquer coisa diferente.

Era tão maravilhoso que Araminta se agarrou a ele, como se tivesse medo de perdê-lo.

Ele a apertou contra o peito, dizendo as palavras que estavam em seu coração:

— Não posso ficar longe de você por muito tempo mais. Quando pode casar comigo? Quando podemos ficar juntos para sempre?

— Também quero ficar com você.

— É esta a resposta certa, querida. Acho que já esperei por você durante uma eternidade.

— Pensei que nunca mais fosse vê-lo.

— Eu continuaria procurando-a. Sabia que, enquanto você vivesse, eu a procuraria, e um dia acabaria por encontrá-la. E, se estivesse morta, eu saberia. Sua lembrança me perseguia! Ficava acordado à noite, relembrando cada palavra que dissemos, vendo seu rosto, olhando dentro de seus olhos e sentindo o gosto de seus lábios.

— Era isso que...

Araminta interrompeu-se.

— O que é que ia dizer, querida?

Ficou vermelha e escondeu o rosto no ombro dele.

— Era isso também que eu sentia à noite. Que você estava comigo... e me beijava.

O marquês apertou-a tanto que a machucou.

— Nossos espíritos estavam próximos, mas isso não é o bastante, querida. Quero-a nos meus braços, quero que me pertença. Preciso ter certeza de que é minha.

— É também o que eu quero.

— Diga que me ama! Quero ter certeza.

— Eu o amo.

— E me perdoa?

— Sabe que sim.

— Eu pretendia ficar de joelhos, para provar quanto estou arrependido.

— Prefiro que me abrace assim.

— Quero você mais perto ainda. Quero possuir cada pedacinho seu, para toda a vida.

— Sou sua. Sabe que lhe pertença.

— Minha querida, minha amada!

Beijou-a, até ela ficar sem fôlego. Depois, fitou-a bem nos olhos. Nunca pensou que uma mulher pudesse parecer tão feliz.

— Amo você — tornou a dizer, e era mais um voto do que uma declaração. Encostou o rosto no dela. — Vamos falar com Harry? Isto é, se ele já tiver voltado!

— Voltado? Aonde ele foi?

— Está dirigindo o meu faetonte. Eu lhe disse que pode andar em todos os cavalos de minhas cocheiras e dirigir minhas carruagens, contanto que abençoe o nosso casamento. — Olhou para Araminta. — Harry me contou como você foi maravilhosa e corajosa, trabalhando para pagar a dívida dele. Acha que o destino poderia ter encontrado um meio mais estranho para fazer com que nos conhecêssemos? Que você trabalhasse para mim, para pagar com o meu dinheiro o que Harry me devia?

— Pensei em lhe contar, mas sabia que ia querer perdoar a dívida e, como era uma dívida de honra, tinha que ser paga.

— Não me arrependo de ter ganho aquele dinheiro de Harry, pela simples razão de que, não fosse por isso, nunca teríamos nos conhecido, meu amor. Mas prometo que, depois que estivermos casados, não vou perder meu tempo com jogo, sabendo que posso ficar com você.

Viu a pergunta no olhar de Araminta e acrescentou:

— E, naturalmente, vou lutar pelas causas que você advogou, na Câmara dos Lordes.

— Vai fazer isso?

— Já escrevi meu discurso sobre o estado da agricultura. Tive muito tempo para pensar nisso, quando viajei para Yorkshire.

— Para Yorkshire?

— Garanto-lhe que lorde Yeoman manteve a palavra — disse ele, sorrindo. — Não revelou o endereço onde a deixou, quando a levou para casa.

Araminta deu um suspiro.

— Parece que eu lhe dei muito trabalho.

— Você me causou mais tristeza e infelicidade do que jamais conheci em toda a vida! Mas, já que não posso culpar ninguém, a não ser a mim mesmo, tornei-me muito humilde, Araminta.

— Não quero que você mude! Amo-o tal como é. Sinto que o amei a vida inteira e que você sempre esteve perto de mim. Nós nos conhecemos há tão pouco tempo, mas, na realidade, o tempo nada tem a ver com isso.

— Fazemos parte um do outro. A tal ponto, querida, que, quando você me deixou, eu me senti apenas meio homem. Agora você me tem inteiro, novamente.

Beijou-a com fervor.

Araminta sentiu um estremecimento no corpo inteiro. Ele a largou, dizendo:

— Deixe-me olhar para você. Deixe-me ter certeza de que é como me lembro de você e ainda mil vezes mais bonita.

— Você me encabula — disse, corando.

— É tão linda, tão perfeita! Mas, minha querida, vai ter os vestidos aos quais renunciou por causa de Harry, os vestidos mais bonitos que Londres possa fornecer. Não só Londres, como também Paris.

Tomou Araminta nos braços de novo e disse:

— Na lua-de-mel, vamos a Paris. Depois, Roma e Viena. Quero-a só para mim, terei orgulho em apresentá-la aos meus amigos.

— Talvez eles achem que você devia casar com alguém mais... importante, alguém que faça parte da sociedade à qual pertence.

— Meus verdadeiros amigos ficarão contentes por eu ter encontrado a mulher que amo e que me ama. O que os outros pensarem não me interessa!

— Amo você!

— E eu a adoro. Nunca senti isso antes. Nunca soube o que é uma pessoa se sentir humilde e ao mesmo tempo orgulhosa e triunfante, porque encontrei o que muitos homens não conseguem encontrar.

Seus lábios estavam muito próximos dos dela, quando murmurou:

— É uma coisa que todos os homens desejam, querida, uma coisa que todos procuram. É o amor, o verdadeiro amor que une duas criaturas a ponto de elas se tornarem uma só.

— E foi o que aconteceu conosco!

— É o que vai acontecer totalmente, irrevogavelmente, quando estivermos casados. E, como encontramos o amor, somos abençoados, minha adorada, e seremos eternamente felizes.

Ao dizer a última palavra, seus lábios encontraram os dela.

— Nunca mais vou ter fome de amor — disse ele.

Araminta teve a impressão de que uma nuvem dourada os envolvia.



Não perca a próxima edição!

A duquesa impetuosa

O pedido da criada parecia bem simples: será que Sua Graça podia levar uma velhinha cuja carruagem havia sofrido um acidente? O duque de Warminster era um cavalheiro. Relutou, mas acabou concordando. Já estavam a muitos quilômetros da estalagem, quando descobriu que tinha sido enganado. Sua passageira não era uma velha, mas uma jovem muito atraente. E estava fugindo de casa! O duque, homem austero, fica chocado, pois, além de linda, Jabina é impetuosa e impulsiva. Os dois nada têm em comum, mas estão destinados a viver juntos uma aventura, fugindo dos soldados de Napoleão e encontrando o amor no fim daquela viagem fantástica e excitante!

QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.